

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS CAICÓ – CaC
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF-FILO

EVANILSON ALVES DUTRA

CONSTRUÇÃO DE UMA PRÁTICA DE CUIDADO COM O MEIO AMBIENTE A
PARTIR DO PENSAMENTO ROUSSEAUÍSTA

CAICÓ
2020

EVANILSON ALVES DUTRA

CONSTRUÇÃO DE UMA PRÁTICA DE CUIDADO COM O MEIO AMBIENTE A
PARTIR DO PENSAMENTO ROUSSEAUÍSTA

Dissertação apresentada ao Mestrado
Profissional em Filosofia – PROF-
FILO/Polo Caicó, da Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte – UERN,
como requisito obrigatório para obtenção
do título de Mestre em Filosofia.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Telmir de Souza
Soares.

CAICÓ
2020

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

D978c Dutra, Evanilson Alves

Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta.. / Evanilson Alves Dutra. - Caicó, 2020.
166p.

Orientador(a): Prof. Dr. Telmir de Souza Soares.
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Filosofia).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Homem. 2. Natureza. 3. Sociedade. I. Soares, Telmir de Souza. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

EVANILSON ALVES DUTRA

CONSTRUÇÃO DE UMA PRÁTICA DE CUIDADO COM O MEIO AMBIENTE A
PARTIR DO PENSAMENTO ROUSSEAUÍSTA

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO/Polo Caicó, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Aprovado em: 28 de fevereiro de 2020.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Telmir de Souza Soares – Orientador
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Prof. Dr. Josailton Fernandes de Mendonça– Examinador Interno
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Prof. Dr. Márcio de Lima Pacheco – Examinador Externo
Universidade Federal de Rondônia - UNIR

*Dedico este trabalho a Deus e a todos os que estiveram comigo, o tempo inteiro,
incentivando-me e me ajudando a trilhar os caminhos necessários.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, Autor e Princípio de todas as coisas, pelo dom da vida e da sabedoria e por me proporcionar tantas dádivas.

Aos meus pais: minha mãe, Domerina, pela simplicidade de ser e pela dedicação aos seus; meu pai, Edimilson, um batalhador na busca do melhor para os seus e um guerreiro na luta pelo viver. Ser-lhes-ei eternamente grato.

À minha família, pela companhia sincera e incentivadora em todos os momentos. Meus irmãos: Joildo, Edinalva, Erinaldo, Erivaldo e Stephanie (do coração); meus sobrinhos: Yanne, Yasmin, Davi, Levi e Lucas; meus cunhados: Leonara, Genivan, Illana e Luana. Obrigado pelo apoio de sempre.

À minha esposa, Thaises Dutra, e à minha maior herança, Agnes Maria, obrigado pela companhia amorosa em minha vida e por compreenderem a minha ausência em casa. Obrigado por compartilharem todos os momentos comigo.

Aos meus sogros, Erinete e José Gaudêncio, e a todos da família pelo carinho e pelo apoio irrestrito ao meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Telmir de Souza Soares, pelas valiosas contribuições que me fizeram entender o caminho a ser percorrido e me auxiliaram nas decisões acerca do melhor trajeto a se tomar.

Aos professores examinadores da Banca, Prof. Dr. Josailton Fernandes de Mendonça e o amigo/irmão Prof. Dr. Márcio de Lima Pacheco, por serem testemunhas oculares desse meu momento e, acima de tudo, pelas contribuições que me fizeram olhar para novos horizontes na busca pelo melhoramento de meu texto.

À Diocese de Caicó/RN, pela companhia na caminhada de fé, por me proporcionar o encontro com a Filosofia através da UERN (Campus Avançado de Caicó/RN) e por contribuir para a minha formação sob todos os aspectos.

À coordenação do Mestrado Profissional em Filosofia, o amigo/irmão Prof. Dr. José Teixeira Neto, pela dedicação e zelo à frente do Curso de Mestrado em Caicó/RN; e à Erivânia Maria de Medeiros, Secretária do PROF-FILO, parabéns pela competência e obrigado pela prontidão quando a recorri em diversos momentos agindo sempre com excelência na solução das demandas.

Aos professores do Mestrado, verdadeiros mestres na arte do ensinar, do fazer/sentir a experiência filosófica e no trato apropriado na hora do corrigir.

Aos colegas de turma, pelo compartilhamento de saberes, experiências, angústias e êxitos. De modo especial, Asenate Saraiva e Suédson Relva por estarem sempre prontos a me ajudar. Da faculdade para a vida!

Ao Prof. Dr. Gustavo Cunha Bezerra (UEPB), pela amizade e pelas valiosas indicações de leituras.

A todos os que fazem a Escola Estadual Professora Isabel Ferreira, em Equador/RN, gestores e demais funcionários, e, de modo especial, por contribuírem e possibilitarem diretamente a realização de todas as atividades da pesquisa, a Coordenadora Pedagógica, Damiana Barnabé, e os alunos do 2º ano matutino do ano letivo de 2019.

A todos os que fazem as Escolas Estaduais Ezequiel Fernandes, em Junco do Seridó/PB, e Côelho Lisbôa, em Santa Luzia/PB, pela compreensão em meu afastamento por meio de licença para cursar o mestrado.

À Reserva Florestal “Verdes Pastos”, em São Mamede/PB, na pessoa do Sr. John Philip Medcraft, pela acolhida e pela brilhante experiência de educação ambiental na aula de campo lá realizada.

Vale destaque também aqui em forma de agradecimento o apoio que esta pesquisa teve da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001. A bolsa de estudo que me foi concedida por ela favoreceu-me não só a estruturação, desenvolvimento e escrita da presente pesquisa como também me possibilitou a participação em diversos eventos para comunicações e formações. Enfim, gratidão por me oportunizar crescimento pessoal e profissional.

Enfim, a todos que de algum modo fizeram parte de minha caminhada acadêmica e que se alegram com a minha conclusão. Muito obrigado a todos!

Não se pode refletir sobre os costumes sem se comprazer com a lembrança da imagem da simplicidade dos primeiros tempos. É uma bela praia, ornada unicamente pelas mãos da natureza, para a qual incessantemente se voltam os olhos e da qual com tristeza se sente afastar-se [...] (ROUSSEAU, 1978b, p. 346).

RESUMO

O ensino de filosofia deve, de maneira constante, proporcionar no espaço da sala de aula possibilidades para que os discentes problematizem aspectos da realidade local vivenciados por eles de modo a incursionar esses mesmos alunos à compreensão do meio no qual estão inseridos. Desse modo, o exercício do filosofar acontecerá no intuito de conduzir os discentes à estruturação das compreensões deles mesmos sobre a realidade a partir da elaboração de suas próprias ideias ou ainda por meio do que já foi pensado pela tradição filosófica. Teremos, assim, um ensino de filosofia que se preocupa com a problematização da realidade no intuito da transformação social. Sendo assim, o primeiro motivo de justificação da presente dissertação intitulada “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta” foi o de desenvolver proposta de uma educação ambiental no espaço da aula de filosofia, no nível Médio, da Escola Estadual Professora Isabel Ferreira. A referida Instituição de ensino está localizada em Equador/RN, cidade que tem como principal atividade econômica a exploração dos recursos minerais, principalmente, o caulim. Um segundo motivo, o da escolha de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), deve-se ao fato de que o tema da natureza assume importância em seus diversos escritos e suscita discussões referentes ao movimento ecológico. A contribuição do autor genebrino torna-se relevante pelo fato de propor a natureza mesma como fio condutor de uma reforma moral e intelectual da sociedade e de ser apontado por muitos como um dos precursores do movimento citado, mesmo sem conhecer as consequências destruidoras posteriores à revolução industrial, principalmente (HERMANN, 2006). A proposta estará, portanto, no intuito de destacar possibilidades de análises da questão ambiental que poderão ser feitas no espaço da aula de filosofia do 2º ano A (ano letivo de 2019) da Escola Estadual Professora Isabel Ferreira para desenvolvimento de estudo de caso de um contexto contemporâneo da vida real caracterizado pelo exercício exploratório que leva aos impactos ambientais. Partindo do pensamento filosófico de J.-J. Rousseau, dedicando especial ênfase às suas concepções de homem, natureza e sociedade expressas em suas principais obras de modo a pensar alternativas de minimização das consequências destrutivas que as ações do homem estão causando na realidade local dos alunos.

Palavras-chave: Homem. Natureza. Sociedade.

ABSTRACT

Philosophy teaching must constantly provide possibilities in the classroom for students to problematize aspects of the local reality experienced by them in order to incursion them into understanding what happens among them. In this way, the exercise of philosophizing will take place in order to lead students to structure their understandings about reality with their own elaborations or from what was thought by the philosophical tradition. Thus, we will have a teaching of philosophy that is concerned with problematizing reality in order to achieve social transformation. In this point, the first justification for the present project entitled "Construction of a care practice with the environment from Rosseau's thinking " for the elaboration of a Dissertation for Professional Master degree in Philosophy is to develop mentality of care with questions related to the environment in the space of Philosophy class, in High school, in *Escola Estadual Professora Isabel Ferreira*. The referred institution is located in *Equador/RN*, the city which the main economic activity is the extraction and exploitation of mineral resources, mainly kaolin. The second reason to choose Jean-Jacques Rousseau's (1712-1778), is that the theme of nature assumes importance in many of his writings and raises discussions related to the thematic of the ecological movement. The contribution of the Genevan author is considerably made by the fact that he proposes the nature itself as the guiding thread of moral and intellectual reform of the society and of being pointed out by many, as one of the forerunners of the quoted movement, even without knowing the destructive consequences, subsequent to the industrial revolution, chiefly (HERMANN, 2006). Therefore, the proposal will be aimed at the highlighting possibilities for the analysis of the environmental issue that could be made in the space of Philosophy class of the 2nd year "A' 2019 of the *Escola Estadual Professora Isabel Ferreira*, starting with the Philosophical thought of J.-J. Rousseau, giving special emphasis to his conception of man, nature, and society, expressed in his major works, thinking about alternatives to minimize the destructive consequences that the human actions are causing to the local reality. Through a case study approach of a contemporary context of real life characterized by the exploratory exercise that leads to environmental impacts.

Keywords: Man. Nature. Society.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Estoques de caulim a céu aberto	74
Figura 02: Estoques de resíduos (rejeitos) de caulim a céu aberto	74

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Faixa etária dos alunos	85
Gráfico 02: Tempo semanal destinado aos estudos da Disciplina de filosofia	87
Gráfico 03: Impactos ambientais da realidade dos alunos	95

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 A FILOSOFIA E SEU ENSINO A PARTIR DE ROUSSEAU: “SE A VERDADEIRA FILOSOFIA FOSSE INSEPARÁVEL DO TÍTULO DE FILÓSOFO”	20
2.1 O <i>DISCURSO SOBRE AS CIÊNCIAS E AS ARTES</i> : A VERDADEIRA FILOSOFIA É OUVIR A VOZ DA CONSCIÊNCIA NO SILÊNCIO DAS PAIXÕES	28
2.2 O <i>DISCURSO SOBRE A ORIGEM E OS FUNDAMENTOS DA DESIGUALDADE ENTRE OS HOMENS</i> : A FILOSOFIA COMO CONVITE AO HOMEM PARA O CONHECIMENTO DE SI CONFORME O FORMOU A NATUREZA	36
2.3 O FILOSOFAR A PARTIR DE ROUSSEAU: IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE FILOSOFIA	41
2.4 CONSIDERAÇÕES GERAIS	45
3. RELAÇÃO NATUREZA E SOCIEDADE NA FILOSOFIA DE ROUSSEAU: ASPECTOS PARA FUNDAMENTAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM SALA DE AULA NO ENSINO MÉDIO	47
3.1 HOMEM E SOCIEDADE: DO “ESTADO NATURAL” AO “ESTADO SOCIAL”	54
3.2 A EDUCAÇÃO NATURAL DO <i>EMÍLIO OU DA EDUCAÇÃO</i>	60
3.3 VIVER CONFORME A NATUREZA NOS ESCRITOS AUTOBIOGRÁFICOS	62
3.4 CONSIDERAÇÕES GERAIS	65
4 EXPERIÊNCIA DE ENSINO DE FILOSOFIA EM NÍVEL MÉDIO: ELEMENTOS ESTRUTURAIS DA AÇÃO EDUCATIVA E DA PESQUISA DE ESTUDO DE CASO	67
4.1 OBJETIVOS DA AÇÃO EDUCATIVA E DA PESQUISA	70
4.2 ELEMENTOS DA AÇÃO EDUCATIVA	71
4.2.1 Público Alvo e Campo de Ação	71
4.2.2 Realidade Local da Ação Educativa e da Pesquisa	73

4.3 DESCRIÇÃO DA AÇÃO EDUCATIVA	75
4.4 DESCRIÇÃO DA PESQUISA	78
4.4.1 Aspecto Metodológico da Pesquisa	79
4.4.2 Metodologia da Análise de Dados	82
5 DADOS DA PESQUISA: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	84
5.1 PERFIL DOS SUJEITOS DA PESQUISA: ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO	84
5.1.1 Aspecto Social	84
5.1.2 Aspecto Econômico	86
5.1.3 Aspecto Educacional	86
5.2 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS RESPOSTAS	90
5.2.1 Meio ambiente: compreensão, relação com a sociedade e importância atribuída a ele	90
5.2.2 Meio ambiente: acerca da relação que se dá na família e na comunidade	93
5.2.3 Meio ambiente: Impactos ambientais da realidade do aluno	95
5.2.4 A educação ambiental na Escola	97
5.3 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS RESPOSTAS	98
5.3.1 Contraste: harmonia da natureza e vida social em Rousseau	99
5.3.2 Domínio da natureza pelo homem: com que interesse?	100
5.3.3 Prática concreta: a busca pela sustentabilidade	101
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS	106
APÊNDICES	111
APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO	111
APÊNDICE B: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I	116
APÊNDICE C: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II	117
APÊNDICE D: TRANSCRIÇÃO N.001: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I.	118
APÊNDICE E: TRANSCRIÇÃO N.002: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I	120
APÊNDICE F: TRANSCRIÇÃO N.003: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I..	122

APÊNDICE G: TRANSCRIÇÃO N.004: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I.	124
APÊNDICE H: TRANSCRIÇÃO N.005: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I.	126
APÊNDICE I: TRANSCRIÇÃO N.006: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I...	128
APÊNDICE J: TRANSCRIÇÃO N.007: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I..	130
APÊNDICE K: TRANSCRIÇÃO N.008: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I.	132
APÊNDICE L: TRANSCRIÇÃO N.009: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I..	134
APÊNDICE M: TRANSCRIÇÃO N.010: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I.	136
APÊNDICE N: TRANSCRIÇÃO N.011: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II	138
APÊNDICE O: TRANSCRIÇÃO N.012: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II	139
APÊNDICE P: TRANSCRIÇÃO N.013: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II	141
APÊNDICE Q: TRANSCRIÇÃO N.014: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II	142
APÊNDICE R: TRANSCRIÇÃO N.015: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II	144
APÊNDICE S: TRANSCRIÇÃO N.016: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II	145
APÊNDICE T: TRANSCRIÇÃO N.017: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II	146
APÊNDICE U: TRANSCRIÇÃO N.018: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II	148
APÊNDICE V: TRANSCRIÇÃO N.019: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II	149
APÊNDICE W: TRANSCRIÇÃO N.020: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II	151
ANEXOS	153
ANEXO A: PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA	153
ANEXO B: CARTA DE ANUÊNCIA	157
ANEXO C: TCLE (PARA ALUNOS MAIORES DE IDADE)	158
ANEXO D: TCLE (PARA PAIS OU RESPONSÁVEIS DOS ALUNOS MENORES DE IDADE)	161
ANEXO E: TALE	164

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação é parte integrante das exigências do Mestrado Profissional em Filosofia – Prof-Filo, UERN/Campus Avançado de Caicó/RN, e se configura como o conjunto resultante das atividades desenvolvidas ao longo de todo o curso, desde as discussões ocorridas em sala de aula no tocante ao ensino de filosofia como também da pesquisa bibliográfica estruturada a partir de autor previamente selecionado que pudesse ser capaz de proporcionar fundamentação filosófica a uma problemática específica. Por esse motivo, o texto aqui apresentado traz também o relato completo das atividades práticas promovidas enquanto experiência do ensino de filosofia no Ensino Médio por meio de ação educativa e de pesquisa de estudo de caso desenvolvidos com alunos da Escola Estadual Professora Isabel Ferreira, em Equador/RN, ao longo do segundo semestre de 2019.

A proposta aqui relatada deu-se no intento de destacar perspectivas de análises da questão ambiental que poderiam ser feitas no espaço da sala de aula de filosofia no Ensino Médio, tendo como fundamentação teórica as elaborações filosóficas de um dos grandes expoentes da modernidade, a saber, o pensador de Genebra, Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). Para tanto, o nosso estudo dedicou especial ênfase ao aprofundamento das concepções de homem, natureza e sociedade conforme figuradas nas principais obras do pensador suíço, dentre elas, *Discurso Sobre as Ciências e as Artes* (1750), *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens* (1755), *Emílio ou Da educação* (1762), além de textos autobiográficos, como, por exemplo, *Os Devaneios do caminhante solitário* (1776), *Cartas a Malesherbes* (1762) e *As Confissões de J.-J. Rousseau* (1764). Além das obras de Rousseau a pesquisa fez uso de textos de alguns comentadores do pensamento do filósofo de Genebra, dentre eles, E. Cassirer (1999), Luis Roberto Salinas Fortes (1976), Bento Prado Junior (2008), Mathew Simpson (2009) e Jean Starobinski (2011).

Nossos esforços se concentraram, fundamentados no pensamento rousseauísta, na tentativa de fomentar proposta de educação ambiental na filosofia que pudesse abordar uma realidade concreta, isto é, da relação natureza e sociedade instaurada nas práticas cotidianas que acontecem na comunidade de Equador/RN, cidade que tem como atividade econômica determinante a exploração mineral do Caulim.

Desenvolver cuidado com o meio ambiente a partir das reflexões rousseauístas partindo da proximidade natureza e sociedade recorrente nos seus textos filosóficos, portanto, foi a nossa pretensão. De outro modo, pensar alternativas que pudessem minimizar as consequências destrutivas que as ações do homem estão causando nos recursos naturais do planeta através da construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente foi o tipo da empreitada a que nos dedicamos e que nos proporcionou a elaboração da presente dissertação.

No momento em que decidimos utilizar o termo “cuidado” enquanto referência ao modo como devem se caracterizar as práticas cotidianas das relações humanas com o meio ambiente a nossa proposta estava em total consonância com o que enfatiza a Constituição Federal Brasileira de 1988, em seu artigo 225 (BRASIL, 2016, p. 131), ao defender a necessidade do acesso ao meio ambiente ecologicamente equilibrado para uma melhor qualidade de vida para todos.

Todos tem direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (BRASIL, 2016, p. 131).

A questão é que nas práticas cotidianas das sociedades atuais a relação com o meio ambiente nem sempre se dá da maneira como se está fomentada acima. Ao contrário, interesses particulares motivados pelo desejo de suprir necessidades individuais estão levando cada vez mais à exploração dos recursos naturais para a produção em larga escala de bens de consumo (BRASIL, 1997, p. 174), segundo a lógica econômica do sistema de produção capitalista. Daí é premente às diversas Instituições existentes na sociedade, dentre elas, a Escola, a busca por solução dos problemas ambientais, pois a garantia do futuro da humanidade depende da relação que se estabelece entre sociedade/natureza, tanto na dimensão coletiva quanto na individual (BRASIL, 1997, p. 169). O que podemos testemunhar, hodiernamente, destarte, é a apropriação dos recursos naturais por parte do homem que ocasiona muitas vezes consequências destrutivas para o meio ambiente e que, se as práticas aqui enfatizadas persistirem, a exploração exacerbada poderá conduzir a uma extinção dos próprios recursos naturais do planeta tornando inoportuna a vida de diversas espécies colocando-as em processo de extinção.

Pensar filosoficamente questões que abordem preocupação com o meio ambiente nos leva a refletir também sobre um ensino preocupado com a realidade do próprio aluno enquanto prática pedagógica que consiga favorecer aos discentes envolvidos a problematização da experiência vivida no intuito da transformação social.

Nesse sentido, a nossa escolha por uma abordagem a partir da elaboração filosófica do pensador de Genebra deu-se graças à singularidade da contribuição do filósofo suíço ao propor a natureza mesma como fio condutor de uma reforma moral e intelectual da sociedade, ou seja, o olhar para a natureza nos permite projetar uma vida com liberdade e igualdade (HERMANN, 2006, p. 94). A novidade trazida por Rousseau, nas entrelinhas dos seus principais escritos, é a maneira como chama a atenção para o fato de que, segundo ele, as ações dos homens de sua época estavam conduzindo à estruturação da sociedade moderna enquanto refratária à natureza. Para o autor suíço em questão, pensar a relação natureza e sociedade é refletir necessariamente sobre a adesão feita pelo homem em favor de um modelo de vida social que ocasiona um gradativo afastamento do próprio homem do modo de vida natural. Sendo assim, o entendimento e a aplicação do conceito de “natureza” enquanto recurso da filosofia de Rousseau possibilitou relacionar seu pensamento a diversos aspectos da vida (DENT, 1996, p. 172) e, por essa razão, suscita também discussões referentes à temática do movimento ecológico a ponto de ser considerado um dos precursores do movimento citado, mesmo sem conhecer as consequências destruidoras ulteriores à revolução industrial, principalmente (HERMANN, 2006).

A fim de apresentar, portanto, fundamentação teórico-filosófica que nos possibilitasse efetivar a problematização da relação natureza e sociedade hodiernamente é que estará estruturada a primeira parte de nosso texto. Composta de duas seções constituir-se-á basicamente da pesquisa bibliográfica acerca do pensamento filosófico de Rousseau.

Na tentativa de apresentar compreensão de filosofia perpassada ao longo dos escritos do pensador de Genebra, o modo como ele compreende ser a filosofia e as possíveis implicações dessa compreensão no ensino desse conteúdo, é que está estruturada a primeira seção do nosso trabalho. O nosso intuito com a elaboração da referida seção era perceber como a problematização de sua própria experiência

vivida, através de suas duras críticas à sociedade moderna de sua época, nos deixa transparecer a visão que Rousseau tinha da própria filosofia.

Na segunda seção, a fim de apresentar o modo como o conceito de natureza figura nos principais textos do autor suíço, buscamos abordar de modo mais aprofundado a relação de proximidade existente entre homem e natureza defendidos em alguns dos textos rousseauístas no intuito de refletir fatores determinantes no que se refere à relação com o meio ambiente preconizada nos dias atuais.

Após a fundamentação teórico-filosófica, partimos para uma segunda etapa de cunho mais prático, pois se tratava de uma proposta de ação educativa que pudesse ser desenvolvida no espaço da aula semanal de filosofia. Desse modo, tentamos apresentar por meio da terceira seção, o modo como buscamos compreender dentro de um ambiente ou contexto contemporâneo da vida real, um caso dentro de um sistema delimitado pelo tempo e pelo lugar, como a filosofia no Ensino Médio poderá ser trabalhada segundo a proposta da problematização da realidade no intuito da ação conscientizadora.

Ao colocarmos em pauta a discussão a respeito da relação natureza e sociedade a partir das práticas que acontecem no cotidiano atual, optamos estudar o caso do município de Equador-RN no tocante às consequências para o meio ambiente nas ações dos moradores que habitam aquela comunidade, dando especial ênfase à relação utilitarista através da extração e exploração do minério, principalmente do Caulim. Para tanto, como falamos anteriormente, fizemos uso, primordialmente, de grupo de estudo com uma turma do Ensino Médio, além da aplicação de instrumentos de pesquisa a fim de compreender a relação homem e natureza na sociedade atual no intuito de dar enfoque à referida realidade local enquanto unidade de análise.

Com o desenvolvimento dos elementos estruturais da ação educativa e da aplicação dos instrumentos de pesquisa detalhados na seção anterior, partimos para a análise dos resultados cedidos pelos alunos para que nos permitisse a elaboração do estudo de caso, propriamente dito. Para tanto, analisamos as informações coletadas ao longo da aplicação do questionário socioeconômico (Apêndice A), no que se refere aos aspectos sociais, econômicos e educacionais dos alunos envolvidos na pesquisa, além das entrevistas semiestruturadas (Apêndices B e C) desenvolvidas com parcela de alunos (25%) do total de quarenta (40) da turma do 2º ano A da Escola Estadual Professora Isabel Ferreira.

Esperamos atingir ao final de nosso texto a apresentação de aspectos acerca da experiência do ensino de filosofia que se propõe problematizar a realidade do próprio aluno a partir do modo como se dá nas práticas pedagógicas de uma realidade local, especificamente. Além disso, será nosso desejo, ao final de nosso escopo, ter enfatizado a real motivação que nos levou à realização da ação educativa e da pesquisa “estudo de caso” conforme aqui relatados. A saber, almejávamos desenvolver, enquanto professor de filosofia, em Equador/RN, proposta de uma educação ambiental que pudesse favorecer transformação da realidade social, por mais simples que pudesse ser, por meio da instauração de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir da mudança de atitude dos próprios alunos. Ademais, acreditamos também que seja possível, por meio da divulgação das atividades desenvolvidas e os resultados da pesquisa científica por nós realizada, que o nosso texto atinja outras pessoas e as motive a práticas mais responsáveis no que se refere às suas relações com o meio ambiente.

2 A FILOSOFIA E SEU ENSINO A PARTIR DE ROUSSEAU: “SE A VERDADEIRA FILOSOFIA FOSSE INSEPARÁVEL DO TÍTULO DE FILÓSOFO”

O conjunto das obras de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) nos possibilita sustentar que embora o autor genebrino demonstrasse ter admiração pelos grandes representantes da filosofia¹, tanto de épocas anteriores a ele quanto por alguns de seus contemporâneos, ele discordava com considerável frequência de alguns pontos de vista que tais pensadores expressavam (como é o caso do estado de natureza e sobre a natureza do homem primitivo), tecendo várias críticas à filosofia desenvolvida no século XVIII. Para o autor suíço tais pensadores estavam mais interessados em obter fama e reconhecimento em meio à *República das letras*. Esses pensadores objetivavam, ajuda-nos Dent (1996, p. 134), “[...] mostrarem-se mais argutos, mais hábeis, mais sutis do que outros, sem considerar se seus pontos de vista estão ou não bem fundamentados [...]”, do que, efetivamente, o verdadeiro amor à verdade e o vigor moral associado ao exercício da filosofia.

Por essa razão, não foram raras as vezes em que Rousseau deixou transparecer uma certa desconfiança pelo exercício da filosofia praticada pelos pensadores iluministas, uma postura relacionada, principalmente, ao modo como ele compreendia ser a sua época e pela postura tomada por aqueles que se intitulavam filósofos. Desse modo, o desdém do pensador de Genebra se concentraria no desejo premente de tais pensadores pela fama e pelo reconhecimento, se caracterizando pelo exibicionismo e pela busca de homenagens a serem recebidas perante a sociedade. Tais atitudes fomentavam nos indivíduos uma preocupação com o supérfluo, gerando situações em que “[...] não se pergunta mais a um homem se ele tem probidade, mas se tem talento; nem de um livro se é útil, mas se é bem

¹ Amante da leitura, Rousseau desde cedo apreciou obras e autores diversos, informação confidenciada por ele mesmo ao longo de seus escritos, sobretudo nos textos autobiográficos. Nas *Confissões*, livro publicado após a sua morte, o autor suíço deixa claro o prazer que sentia com a prática da leitura de livros os mais variados possíveis, mostrando grande apreço pelos escritos dos antigos e, em especial, de Plutarco (46 –119). “[...] Minha leitura favorita foi Plutarco, principalmente. [...] Dessas interessantes leituras, das conversas que motivavam entre mim e meu pai, formou-se este espírito livre e republicano, este caráter indomável e altivo, não suportando o jugo e a servidão que me atormentou durante toda a vida em situações as menos indicadas para dar-lhe asas” (ROUSSEAU, 1965, p. 19). Naquela que viria a ser a primeira obra de sua maturidade, *Discurso sobre as Ciências e as Artes* (1750), Rousseau faz menção àqueles que considera ter contribuído para o enobrecimento da raça humana e que fizeram por onde tornar a vida humana mais fecunda (DENT, 1996, p. 66). Assim, Rousseau nos apresenta Bacon, Descartes, Newton e Sócrates, além de outros pensadores antigos e modernos como preceptores do gênero humano (1978b, p. 351). Noutro momento, no *Emílio ou Da educação* (1762), elogia Platão e *A República* que, em sua concepção: “[...] Trata-se do mais belo tratado de educação jamais feito” (ROUSSEAU, 2017a, p. 45).

escrito [...]” (ROUSSEAU, 1978b, p. 348). Essas vis posturas eram buscadas em detrimento do que deveria ser, de fato, mais significativo e importante, a saber, as verdadeiras virtudes², sobretudo as morais.

Rousseau, no *Discurso sobre as Ciências e as Artes* (1750), considera que os avanços advindos de tais desenvolvimentos da cultura humana “[...] colocou os homens definitivamente num mundo de aparências, de discordância entre os atos e as palavras, de falsas necessidades e de concorrência funesta [...]” (VICENTE, 2017, p. 322), conduzindo-os a se ocuparem das paixões, a falarem uma linguagem apurada e rebuscada. Mas a existência humana nem sempre fora assim, antes desses nefastos, porque desvirtuados, desenvolvimentos, os nossos costumes eram rústicos, porém, naturais.

Antes que a arte polisse nossas maneiras e ensinasse nossas paixões a falarem a linguagem apurada, nossos costumes eram rústicos, mas naturais, e a diferença dos procedimentos denunciava, à primeira vista, a dos caracteres. No fundo, a natureza humana não era melhor, mas os homens encontravam sua segurança na facilidade para se penetrarem reciprocamente, e essa vantagem, de cujo valor não temos mais noção, poupava-lhes muitos vícios (ROUSSEAU, 1978b, p. 336).

Rousseau retomaria essa discussão no *Emílio ou Da educação*, tendo como escopo a diferenciação das paixões que nos são naturais das que são contrárias à natureza do homem, ao afirmar que aquelas nos serviam como instrumentos de nossa liberdade e tendiam a nos conservar, enquanto as que são contrárias à natureza nos subjagam e nos destroem (ROUSSEAU, 2017a, p. 249).

Noutro momento, no *Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens* (1955), o genebrino chamaria a atenção para uma cadeia de fatos e causalidades que, associadas às atitudes tomadas pelo ser

² Segundo Rousseau, os homens nascem predispostos à virtude. Entretanto, tal disposição deve ser fomentada, desenvolvida, pois a mesma só se estabelece por meio da relação com outras pessoas que podem, paradoxalmente, conduzir o homem, por outro lado a perder a integridade natural (DENT, 1996, p. 48). Para o genebrino, a virtude é alcançada na sociedade, sendo melhor entendida como o esforço para a minimização do *amor-próprio* [que nasce da relação com os outros, de outras necessidades criadas pelo convívio social], do qual provêm as paixões não naturais]. Tal processo implica no resgate e fortalecimento do *amor de si* [paixão inata e, por isso, anterior às outras] (HERMANN, 2006, p. 96-97). De um modo geral, segundo Dent (1996, p. 209): “A virtude, em sua opinião, requer vontade e compromisso com o princípio, acima da obediência aos estímulos da inclinação, por mais benevolente que tal inclinação possa ser. Alguém que é guiado somente por seus sentimentos será desviado com facilidade desse propósito se intervierem outros interesses; ou abandonará seus objetivos se estes deixarem de atrair aqueles sentimentos. O mesmo não ocorrerá com uma pessoa virtuosa [...]”.

humano ao longo da história, o exclui da harmonia natural. O homem abre mão de viver segundo a ordem da natureza, saindo de um estado natural, para assumir, em troca, uma associação com seus congêneres ocorrendo, a partir disso, um gradativo afastamento do modo de vida natural (PITANO; NOAL, 2009, p. 290).

Nesse sentido, no *Segundo Discurso*, Rousseau expõe uma visão pessimista quanto aos desenvolvimentos da espécie humana, algo contrário ao otimismo dos homens de seu tempo quanto a este tema, uma vez que estes expressavam, em relação ao aperfeiçoamento da razão e do estado social do homem, uma crença desmesurada nos ganhos advindos do esclarecimento, característica marcante do pensamento do Iluminismo e das elaborações filosóficas do século XVIII. A esse respeito, nos diz Espíndola (2007, p. 10):

[...] Ele faz marcar toda sua diferença construindo um pensamento um tanto distinto. Se o caso é, para Rousseau, neutralizar o mal na sociedade, o desafio não reside em incentivar-se o progresso, em desenvolver-se cada vez mais a razão. Todo o filósofo que se preze, na opinião do autor genebrino, deve entender que é o caráter, primeiramente, que precisa ser moldado, os bons costumes é que devem ser difundidos, porque se precisa fazer os homens terem conhecimentos acerca de seus deveres. Significa uma transgressão privilegiar, logo de saída, o exercício com vistas a desenvolver a inteligência, almejando dar aos seres humanos uma capacidade maior de raciocinar; sem sentido é conceder o primado ao fomento de saberes teóricos, de conhecimentos abstratos, visto que não é aí que repousam as bases da unidade e da integridade moral.

Ainda no *Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens*, como veremos mais adiante, o autor genebrino elabora sua teoria acerca das noções de liberdade natural e de liberdade civil no intuito de compreender o momento exato no qual o homem deixaria aquela por uma constituída a partir dos arranjos sociais. Assim, com a contribuição de Dent (1996, p. 157), “[...] ninguém, segundo Rousseau, nasce numa situação pela qual está obrigado (*de jure* ou *de facto*) a obedecer a vontade de outrem, pela qual é responsável perante outrem por suas ações [...]”. Nesse sentido, na liberdade natural cada um assume seus atos e não deve explicação acerca dos mesmos aos seus semelhantes, afinal, não existe outro que lhe seja superior e a quem necessite prestar contas (Dent, 1996, p. 157). Porém, são as adversidades naturais que conduzem o homem a associar-se a outros e é nesse sentido que o texto do *Segundo Discurso* de Rousseau tentará elucidar o processo histórico pelo qual o

homem abre mão da liberdade natural em favor de uma liberdade instituída socialmente. Para tanto, o autor de Genebra recorre ao artifício da existência de “estado natural” como um momento anterior ao estágio da sociabilidade. Tal recurso se constitui em uma perspectiva hipotética, a fim de justificar a mudança de status da liberdade do homem. Assim quanto ao estado de natureza:

[...] Para Rousseau, ele se referia ao estado das coisas que poderiam existir se os seres humanos perdessem as qualidades artificiais, ou qualidades que poderiam possuir somente por serem membros de uma sociedade existente. Os habitantes do estado da natureza são pessoas que carecem do tratado de caráter convencional ou artificial que somente é obtido por pertencerem a um determinado grupo social [...] (SIMPSON, 2009, p. 94).

Na verdade, a crítica de Rousseau perpassada ao longo dos dois *Discursos* supracitados exprime a sua contestação ao modo de ser da sociedade moderna enquanto refratária à natureza. Mesmo tendo seu nome comumente figurado na lista dos pensadores partícipes do movimento filosófico do Iluminismo, o autor genebrino não poupou críticas ao referido modo de pensar dos representantes desse movimento, pois, segundo ele, a principal característica da civilização é a “negatividade” em relação à natureza (STAROBINSKI, 2011, p. 38), algo que se expressa na paradoxal relação entre a transparência presente na nossa relação com a natureza e os vários obstáculos, representações e opacidades presentes nas relações sociais, como bem enfatiza Starobinski:

[...] As “falsas luzes” da civilização, longe de iluminar o mundo humano, velam a transparência natural, separam os homens uns dos outros, particularizam os interesses, destroem toda possibilidade de confiança recíproca e substituem a comunicação essencial das almas por um comércio factício e desprovido de sinceridade; assim se constitui uma sociedade em que cada um se isola em seu amor-próprio e se protege atrás de uma aparência mentirosa. Paradoxo singular que, de um mundo em que a relação econômica entre os homens parece mais estreita, faz efetivamente um mundo de opacidade, de mentira, de hipocrisia (2011, p. 38, grifos do autor).

A respeito dos filósofos modernos e seus ensinamentos, o pensador genebrino chama a atenção para a falta de efetividade das lições aprendidas com eles. No *Emílio*, por exemplo, acusa-lhes de não o ajudar na compreensão de suas dúvidas e, ao contrário, multiplicar as suas incompreensões, algo que o compele a

dar maior atenção a uma luz interior que funcionaria como um guia para o caminho da verdade, e que o situaria em uma posição diferenciada em relação aos filósofos ilustres e ilustrados de seu tempo:

Compreendi também que, longe de livrar-me de minhas dúvidas inúteis, os filósofos se limitariam a multiplicar as que me atormentavam e não resolveriam nenhuma. Escolhi, portanto, outro guia, e disse a mim mesmo: consultemos a luz interior; ela me desencaminhará menos que eles, ou pelo menos meu erro será meu, e me depravarei menos seguindo minhas próprias ilusões que entregando-me a suas mentiras (ROUSSEAU, 2017a, p. 313).

Esses representantes modernos da filosofia, em verdade, mais obscureciam que esclareciam os homens. N'Os *Devaneios do caminhante solitário* (1780), o genebrino aponta, inclusive, para a postura assumida por alguns filósofos de sua época que consistia em destruir a confiança das pessoas comuns em suas crenças pessoais, não importando o gênero de tais crenças, para deixar as pessoas vazias e sem apoios, algo que representava um grande mal aos seus semelhantes bem como ao pensador genebrino:

[...] Vivia com filósofos modernos que pouco pareciam com os antigos. Em vez de eliminarem minhas dúvidas e cessarem minhas irresoluções, haviam abalado todas as certezas que acreditava ter sobre os pontos que mais me importavam conhecer: pois, ardentes missionários do ateísmo e dogmáticos muito imperiosos não suportavam sem cólera que se ousasse pensar diferente deles sobre qualquer ponto que fosse [...] (ROUSSEAU, 2017b, p. 32).

Vale salientar o posicionamento de Rousseau sobre o modo como a filosofia era considerada e praticada à sua época, algo que dizia respeito aos exageros cometidos pelos filósofos, uma vez que estes estavam mais preocupados com o reconhecimento momentâneo, nos aplausos, nas homenagens e nos elogios, algo muito distante da busca pelos mais altos valores humanos conforme Rousseau tinha aprendido com suas leituras filosóficas na juventude.

Suas queixas contra a filosofia, como ele acreditava ser comumente praticada, eram muitas. A filosofia suscita dúvidas, interrogações e problemas intermináveis e assim, longe de promover e expor a verdade, usualmente gera confusão, erro e incerteza. Em muitos casos, argumenta Rousseau, esse é o intuito deliberado daqueles que se intitulam filósofos, e que estão mais ansiosos por obter fama

e aplausos por sua perspicácia e imaginação especulativa do que por acelerar a investigação [...] (DENT, 1996, p. 134).

Ademais, as críticas de Rousseau aos pensadores de sua época seriam, também, considerações sobre a sociedade de seu tempo (VICENTE, 2017, p. 322), principalmente por perceber o distanciamento dos discursos proferidos, por tais homens, da realidade, e da relação de tais discursos com as ações cotidianas desses filósofos, algo que acentuava uma diferença fundamental entre teoria e prática. Desse modo, como contraponto à dissociação entre o discurso e a existência, entre o pensar de forma ética e o viver a virtude de forma efetiva, o genebrino, por meio do *Emílio*, propõe uma educação projetada para seu jovem aprendiz de modo que essa pudesse favorecer a possibilidade dele tornar-se não somente um indivíduo feliz, como também um membro útil na sociedade.

[...] Sua obra pedagógica é composta por um conjunto de métodos, princípios educativos que objetivam garantir ao educando uma formação individual solidamente virtuosa, para que ele pudesse enfrentar a sociedade tal como ela é. É por isso que Rousseau propõe educar o indivíduo de acordo com a natureza, para atingir posteriormente o social [...] (PITANO; NOAL, 2009, p. 288).

A "utilidade", a qual se refere Rousseau, compreende em saber resistir às más influências advindas da corrupção da sociedade civil. Nesse sentido, a observação da natureza, no intuito de seguir o caminho que ela aponta, é a indicação do modo do fazer educativo de Rousseau no *Emílio* (HERMANN, 2006, p. 98). A natureza deve ser seguida em cada uma das etapas do desenvolvimento do jovem aprendiz, suas disposições devem ser observadas e a melhor adequação aos ditames da natureza considerados. Uma vez educado o homem, as más influências advindas da sociedade com seus costumes deturpados não teriam influência sobre ele a ponto de corrompê-lo. Portanto, destaca Becker (2012, p. 34, grifos do autor),

[...] o que Rousseau faz por meio de suas descrições do "homem natural" e do verdadeiro "estado de natureza" é salvaguardar a natureza do homem, ao garantir a possibilidade, ao menos teórica ou ideal, de um homem e de uma sociedade melhor constituídos [...].

Atentar para a natureza consiste num imperativo da filosofia de Rousseau. Tal postura revela um paradoxo fundamental: para construir seu pensamento, o

genebrino se vale de uma filosofia que, em contraposição à que era praticada em seu tempo, ele considera mais adequada e que consiste, ademais, em um ensinamento que se consolida em apoio ao seu sentimento de resguardo e cuidado quanto às pretensões da razão esclarecida segundo o programa do século XVIII.

Assim, cabe questionar se o agravo apostado à filosofia implicaria, diretamente, num entendimento negativo acerca dessa disciplina na visão do pensador de Genebra? Qual seria, afinal, a compreensão de filosofia para Rousseau? O que ela, de fato, significa e qual valor podemos nela apontar a partir do que se deixa entender em seus escritos?

Na tentativa de assumir tais indagações enquanto proposta de apresentação do autor em destaque, dos principais conceitos de sua elaboração filosófica e, ainda, de explicitar a possível compreensão acerca da filosofia no pensamento rousseauísta, ou seja, o modo como ele pensa ser a filosofia, recorreremos a alguns dos escritos do pensador suíço nos mais variados momentos de sua vida tendo em vista tentar aclarar nossas inquiuições.

Evidentemente não poderemos açambarcar as *Oeuvres complètes* de Rousseau, isto está longe de ser essa a nossa pretensão. Mas, no presente texto, ater-nos-emos especificamente ao *Discurso sobre as Ciências e as Artes* (1750) e ao *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (1755) por entendermos que as referidas obras estão intimamente entrelaçadas pelo desejo de compreensão da natureza humana e de seu processo gradativo de corrupção através das instituições sociais. Nesse sentido, destaca Simpson (2009, p. 109-110, grifos do autor):

[...] Pelo fato dos dois esboçarem a corrupção gradativa da natureza humana, é tentador pensar que o segundo 'Discurso' simplesmente se estende ainda mais, de volta no tempo, o argumento do primeiro 'Discurso' [...].
A tese que uniu os dois trabalhos é a de que os seres humanos não são inerentes e irremediavelmente cruéis, ao contrário, eles foram moldados dessa forma pelas instituições sociais [...].

Além das referidas obras, faremos uso em certos momentos, como modo de corroborar o que for acentuado a partir dessas escolhidas, outras de renome do autor suíço no intuito de encaminharmos uma possível compreensão de sua elaboração filosófica, pois, conforme destaca Araújo Silva (2018, p. 40), “[...] todo

filósofo tenta dar corpo, procura construir um *designer* peculiar ao elemento filosófico no contexto de sua época a partir de sua obra, de seu *corpus* [...]”. Por meio do estudo dos textos de Rousseau acima destacados, portanto, esperamos evidenciar até que ponto tal compreensão de filosofia tem íntima relação com os problemas por ele apontados, decorrentes da forma de pensar e de agir sobre o mundo definidos pelo homem, sobretudo ao se distanciar das condições que a natureza lhe deu e o que tal compreensão pode nos instar no entendimento dos problemas atuais, não como mera repetição ou reprodução do que fora dito pelo filósofo de Genebra, mas no intuito de realizarmos a nossa própria experiência filosófica, como sublinham Aspis e Gallo (2009, p. 44):

[...] Realizar a própria experiência de pensamento significa, assim, dominar as ferramentas lógicas e conceituais da filosofia, saber identificar os problemas que enfrentamos e aplicar essas ferramentas de pensamento a este problema, comparando com o que já foi pensado pelos filósofos ao longo da história.

Assim sendo, tal entendimento do fazer filosofia em Rousseau será compreendido, de antemão, enquanto atitude pautada por aspectos fundamentais: primeiro, enquanto uma reflexão que se concentrará na ênfase à necessária valorização moral; depois, na busca de uma definição de mundo, a partir de suas críticas às instituições modernas e ao modo como as mesmas estavam fundamentadas; por fim, ao próprio exercício da filosofia enquanto atividade no intento de conduzir o homem a conhecer-se para melhorar-se e o que essa compreensão rousseauísta pode implicar no ensino de filosofia, hodiernamente. Destarte, tais aspectos, de um modo geral, nos mostram um afastamento do homem em relação à natureza, algo que não se coaduna com uma realização pessoal e social da espécie humana, pois o traço mais significativo do pensamento do genebrino: “[...] passa a residir nos caminhos práticos que ele procurou apontar para o homem alcançar a felicidade, tanto no que se refere ao indivíduo quanto no que se relaciona à sociedade [...]” (CHAUÍ, 1978, p. XVII).

2.1 O DISCURSO SOBRE AS CIÊNCIAS E AS ARTES:³ A VERDADEIRA FILOSOFIA É OUVIR A VOZ DA CONSCIÊNCIA NO SILÊNCIO DAS PAIXÕES

A caminhada de Rousseau pela estrada de Vincennes⁴, nos arredores de Paris, no ano de 1749, ficaria marcada pelo resto de sua história por ter sido determinante para a elaboração de seus escritos. Ao tomar conhecimento por meio do *Mercur de France* de um concurso de ensaios proposto pela Academia de Dijon (ROUSSEAU, 1965, p. 375) e após concordância do amigo Denis Diderot (1713-1784), pensador francês e um dos idealizadores da *Enciclopédia*, que o aconselhou a dar largas às ideias e a concorrer ao prêmio, o pensador suíço resolve discorrer sobre o tema proposto: “[...] o restabelecimento das Ciências e das Artes terá contribuído para aprimorar ou corromper os costumes?” (ROUSSEAU, 1978b, p. 333). O resultado desse esforço, coroado com a vitória, está presente no *Discurso sobre as ciências e as artes*, conhecido como o *Primeiro Discurso*.

Na referida obra é possível vislumbrar as duras críticas dirigidas aos filósofos de sua época e, ao mesmo tempo, uma reflexão que colocava em evidência a sociedade marcada pela aparência, atitude traduzida efetivamente na valorização do

³ A partir de agora, sempre que nos referirmos a essa obra tratá-la-emos apenas de *Primeiro Discurso*.

⁴ O acontecimento de Vincennes é uma referência à caminhada de Rousseau em direção ao amigo Diderot por causa de sua prisão motivada pela publicação de sua *Carta sobre os Cegos* (1748) e, segundo o próprio autor das *Confissões*, “[...] O resto todo de minha vida e minhas infelicidades foram o inevitável efeito daquele momento de desvario [...]” (ROUSSEAU, 1965, p. 375), pois as suas ideias defendidas ao longo de seu texto despertaram as críticas diversas pelo fato de que seus argumentos representariam rompimento acintoso e brusco com o modo de pensar de seu século (ROUSSEAU, 1965, p. 380). De fato, a experiência de Rousseau, entendida por ele como uma espécie de agitação que raiava o delírio (ROUSSEAU, 1965, p. 375), entusiasmou-o à escrita do texto para concorrer ao prêmio. Como resultado, o seu trabalho ganha notoriedade, uma vez que conquistou o primeiro lugar naquele ano. Inclusive, naquela ocasião, o amigo Diderot o confessara por meio de bilhete a dimensão da repercussão de seu trabalho. “[...] *Empolga a todos*, afirmava ele, *não há exemplo de um sucesso igual*” (ROUSSEAU, 1965, p. 389, grifos do autor). A esse respeito, acrescenta Simpson (2009, p. 49): “[...] O trabalho deixou atônito seu público imediato, inspirou gerações posteriores e ainda oferece até hoje profundos *insights* sobre a natureza humana e a vida social”. Esse é também um texto importante para o entendimento dos trabalhos subsequentes de Rousseau, pois, nesse ensaio, ele anunciou, pela primeira vez, os temas que surgiram mais tarde e que defendeu em seus trabalhos filosóficos”.

*amor-próprio*⁵, pela discordância entre o ser e o parecer. Tal configuração das relações sociais não nos permite reconhecer as disposições do coração (SIMPSON, 2009, p. 14-15), algo consoante com a defesa da natureza operada pelo genebrino, bem como pela sua crítica ao artifício:

Que ser e parecer sejam diversos, que um “véu” dissimule os verdadeiros sentimentos, esse é o escândalo inicial com que Rousseau se choca, esse é o dado inaceitável de que buscará a explicação e a causa [...] (STAROBINSKI, 2011, p. 15, grifos do autor).

Os argumentos de Rousseau chamam a atenção para o modo de ser da civilização (VICENTE, 2017, p. 322), promovido pelo progresso das ciências e das artes, que só serve para a difusão da vaidade humana, da negação da virtude e, finalmente, da infelicidade dos indivíduos.

Numa de suas respostas⁶ às várias críticas que lhe foram direcionadas por ocasião da publicação do *Primeiro Discurso*, Rousseau, de modo enfático, chama a atenção para o modo como o desenvolvimento de uma cultura rebuscada, através das ciências e das artes, foi profundamente prejudicial ao homem:

Mas como pode ser que as ciências, cuja fonte é tão pura e o fim tão louvável, deem origem a tantas impiedades, a tantas heresias, tantos erros, tantos sistemas absurdos, tantas contrariedades, tantas inépcias, tantas sátiras amargas, tantos romances miseráveis, tantos versos licenciosos, tantos livros obscenos e, naqueles que as cultivam, a tanto orgulho, tanta avareza, tanta malignidade, tanta intriga, tanto ciúme, tanta mentira, tanta torpeza, tantas calúnias, tantas adulações covardes e vergonhosas? (ROUSSEAU, 1978c, p. 376).

⁵ De um modo geral, entendido aqui como desejo do ser humano, a partir das relações associativas com outros “[...] que rapidamente se torna dominante e absorvente, de estabelecer-se como superior ao outro, de adquirir um poder arbitrário e despótico, de impor submissão e ignomínia ao outro, em cuja degradação encontra prazer e prova de sua própria importância e valor [...]” (DENT, 1996, p. 40). O termo “amor-próprio” assume importância considerável na teorização social e política de Rousseau, ao lado de outro também recorrente em seus escritos, a saber, o “amor de si mesmo”. Não é nossa pretensão demorar profundamente nos referidos termos, mas sentimos necessidade de um breve esclarecimento para que o leitor compreenda a distinção entre ambos. Em seu *Primeiro Discurso*, Rousseau (1978b, p. 306-307) trata de diferenciá-los. “Não se deve confundir o amor-próprio com o amor de si mesmo; são duas paixões bastante diferentes tanto pela sua natureza quanto pelos seus efeitos. O amor de si mesmo é um sentimento natural que leva todo animal a velar pela própria conservação e que, no homem dirigido pela razão e modificado pela piedade, produz a humanidade e a virtude. O amor-próprio não passa de um sentimento relativo, fictício e nascido na sociedade, que leva cada indivíduo a fazer mais caso de si mesmo do que de qualquer outro, que inspira aos homens todos os males que mutualmente se causam e que constitui a verdadeira fonte de honra”.

⁶ Fazemos referência à “Resposta de J.-J. Rousseau ao Rei da Polônia, Duque da Lorena”, sobre a refutação feita por esse príncipe ao *Primeiro Discurso*.

Logo no início de seu *Primeiro Discurso*, o autor de Genebra deixa evidente aos acadêmicos de Dijon, que “[...] não é em absoluto a ciência que maltrato, disse a mim mesmo, é a virtude que defendo perante homens virtuosos. É mais cara a probidade às pessoas de bem do que a erudição aos doutos” (ROUSSEAU, 1978b, p. 333). Nesse sentido, enfatiza Rousseau (1978b, p. 348), o que acontecia em sua época, na verdade, era que o reconhecimento de alguns homens viria pela acentuação do privilégio dos talentos, em contrapartida do aviltamento das virtudes, fato que instalava certa compreensão de desigualdade entre as pessoas consistindo como a mais perigosa de suas consequências que: “[...] As recompensas são prodigalizadas ao engenho e fica sem glórias a virtude. Há mil prêmios para os belos discursos, nenhum para as belas ações [...]” (ROUSSEAU, 1978b, p. 348). A sociedade de sua época, portanto, estava marcada pela corrupção e pelo culto das aparências, fator que acarretava num distanciamento entre as ações e os discursos, entre o ser e o parecer (VICENTE, 2017, p. 322).

Nessa direção, enquadra-se o subtítulo proposto para a presente seção, pois se trata das próprias palavras de Rousseau (1978b, p. 335) acerca do distanciamento que se efetiva na relação entre o ser e o parecer, isto é, no intento de buscar o conhecimento como atividade puramente realizada em nome da vaidade, da aparência, das falsas necessidades, a valorização das ciências e das artes conduz as ações dos homens que se caracterizam pela discordância entre as próprias ações e as palavras.

Como seria doce viver entre nós, se a contenção exterior sempre representasse a imagem dos estados do coração, se a decência fosse a virtude, se nossas máximas nos servissem de regra, **“se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo!”** Mas tantas qualidades dificilmente andam juntas e a virtude nem sempre se apresenta com tão grande pompa [...] (ROUSSEAU, 1978b, p. 335, grifo nosso).

A constatação do distanciamento entre os atos e as palavras nos leva a perceber que se tornou impossível, em meio à sociedade, a correspondência entre a “atitude exterior” e as “disposições do coração” (VICENTE, 2017, p. 324). De certo modo, a compreensão de Rousseau seria a de que a realização da atividade da filosofia deveria consistir no intento de conhecer para saber, conhecer-se o suficiente para si mesmo e não, primordialmente, para instruir os outros. Além disso,

o distanciamento entre o “ser” e o “parecer” é, segundo Starobinski (2011, p. 12), uma fenda que se abre e proporcionando adentrar ao mundo os vícios que decorrem da aparência.

Cava-se o vazio atrás das superfícies mentirosas. Aqui vão começar todas as nossas infelicidades. Pois essa fenda, que impede a “atitude exterior” de corresponder às “disposições do coração”, faz o mal penetrar no mundo. Os benefícios das luzes se encontram compensados, e quase anulados, pelos inumeráveis vícios que decorrem da mentira da aparência. Um ímpeto de eloquência descrevera a ascensão triunfal das artes e das ciências; um segundo lance de eloquência nos arrasta agora em sentido inverso, e nos mostra toda a extensão da “corrupção dos costumes”. O espírito humano triunfa, mas o homem se perdeu. O contraste é violento, pois o que está em jogo não é apenas a noção abstrata do ser e do parecer, mas o destino dos homens, que se dividem entre a inocência renegada e a perdição doravante certa: o parecer e o mal são uma e mesma coisa (STAROBINSKI, 2011, p. 12, grifos do autor).

Noutro momento, já em sua obra *Os Devaneios do Caminhante Solitário*, sua última escrita e não finalizada, Rousseau chama a atenção para o que faziam os que filosofavam em sua época e que, de certa forma, está em consonância com o que foi enfatizado até esse momento:

[...] Vi muitos que filosofavam de maneira muito mais douda que eu, mas sua filosofia lhes era, de certa forma, estranha. Querendo ser mais sábios que outros, estudavam o universo para saber como este estava arranjado, como teriam estudado alguma máquina que tivessem encontrado, por pura curiosidade. Estudavam a natureza humana para poder falar dela com sabedoria, mas não para se conhecerem; trabalhavam para instruir os outros, mas não para se esclarecerem interiormente. [...] Quanto a mim, quando desejei aprender, foi para eu mesmo saber e não para ensinar; sempre acreditei que antes de instruir os outros era preciso começar sabendo o suficiente para si mesmo [...] (ROUSSEAU, 2017b, p. 29).

Rousseau chama a atenção, nas entrelinhas, para apontar o que seria o verdadeiro modo de ser da filosofia, a saber, dar um sentido ao que acontece no entorno da vida no intuito de promover a verdade e não ao que os autodeclarados filósofos de seu tempo estavam preocupados, a saber, com a imaginação especulativa capaz de demonstrar serem mais argutos, mais hábeis, mais sutis em discursos e elogios, sem se preocupar em que se fundamentam (DENT, 1996, p. 134).

[...] Que é a filosofia? Qual o conteúdo das obras dos filósofos mais conhecidos? Quais as lições desses amigos da sabedoria? Ouvindo-os, não os tomaríamos por uma turba de charlatões gritando, cada um para seu lado, numa praça pública: “vinde a mim, só eu não engano!” Um pretende não haver corpos e que tudo só existe como representação; o outro, não haver outra substância senão a matéria, nem outro deus senão o mundo. Este avança não haver nem virtudes, nem vícios, e serem quimeras o bem e o mal morais; aquele, os homens são lobos e podem, com a consciência tranquila, se devorarem uns aos outros. Oh! Grandes filósofos, por que não reservais para vossos amigos e filhos essas lições proveitosas? Teríeis logo a recompensa e não temeríamos encontrar entre os nossos alguns de vossos sectários (ROUSSEAU, 1978b, p. 349-350).

As críticas de Rousseau se configuravam, na verdade, enquanto contestações ao otimismo iluminista⁷ de sua época e à compreensão de sociedade defendida pelos enciclopedistas, como busca em chamar a atenção para o insucesso na melhoria das condições morais e materiais (HERMANN, 2006, p. 94), algo em contraposição ao suposto desenvolvimento propalado pelos filósofos das Luzes:

Qual foi o universo que ele visualizou? O início da resposta está contido na própria questão. Isso fez com que ele visse que o progresso na ciência e na arte não é idêntico ao progresso da moral, ou que o desenvolvimento extraordinário cultural desde a Renascença pode não ter sido bem-sucedido em tornar a humanidade melhor ou mais feliz do que era. Na realidade, pode ter tido o efeito contrário [...] (SIMPSON, 2009, p. 31).

Assim, ele deixa transparecer que a culpabilidade da corrupção do gênero humano recai sobre a forma atual da civilização, o que corresponde à degeneração das exigências morais da natureza humana uma vez que, de certo modo, os arranjos sociais são diretamente apontados como proporcionadores ao desenvolvimento dos vícios humanos, além de serem os culpados pela infelicidade e pelas dificuldades da vida social.

⁷ Embora Rousseau tivesse relação com os pensadores de sua época, inclusive fazendo parte, por exemplo, como contribuinte em diversos momentos da famosa *Enciclopédia*, assumia na maioria das vezes opiniões de modo contrário às correntes intelectuais de sua época. A esse respeito, destaca Simpson (2009, p. 36, grifos do autor.): “[...] Os pensadores conservadores opuseram-se a ele por causa de sua recusa em relação ao pecado original e a crítica pungente acerca da música francesa. E ele também não se adaptava confortavelmente aos pensadores progressistas associados à *Enciclopédia*. A tese do seu primeiro ‘Discurso’, de que o progresso da alta cultura leva à infelicidade e ao declínio moral, parecia negar o princípio básico da *Enciclopédia*, que era o de que a promoção da arte, da ciência e da tecnologia poderia melhorar a qualidade da vida humana indefinidamente [...]”.

“[...] Não é, com efeito, das ciências e das artes no absoluto, em sua profunda identidade numênica, que Rousseau fala, mas de seu funcionamento intra-histórico, *aqui e agora*, no circuito da intersubjetividade, de seu desempenho como figuras do jogo do Poder [...]” (PRADO JR., 2018, p. 318).

É importante evidenciarmos aqui que a crítica do pensador suíço não se dirige às ciências e às artes em si mesmas, pois, embora não tendo proporcionado maiores benefícios na melhoria da situação humana, algo que seria possível, elas, pelo contrário, proporcionaram meios para que as coisas se deteriorassem, devido ao uso que elas receberam em meio ao processo social. Portanto, segundo Simpson (2009, p. 59):

[...] Suas críticas sobre as ciências e as artes não foram uma denúncia da ciência e da arte em si – ao contrário, foi uma análise dos efeitos nocivos que elas têm na maioria das sociedades nas quais prosperam. Isso pode parecer como uma distinção sem diferença, mas é de fato um aspecto essencial da sua teoria. Ele não promoveu um tipo de agnosticismo ou anti-intelectualismo. Ele disse repetidamente que a ciência e a filosofia são nobres e potencialmente boas para a sociedade de um modo geral [...].

A tese levantada por Rousseau, no que se refere às ciências e às artes, é a de que o desenvolvimento delas proporcionou a vida em sociedade e, por conseguinte, instou o homem a tornar-se senhor de si mesmo de forma exclusiva, como sua preocupação última e única, daí a ênfase dada ao *amor-próprio* como sendo originado na fase da civilização e pela cultura das ciências.

[...] a contestação diz respeito à sociedade enquanto esta é contrária à natureza. Essa sociedade *negadora* da natureza (da ordem natural) não suprimiu a natureza. Mantém com ela um conflito permanente, de onde nascem os males e os vícios de que sofrem os homens. A crítica de Rousseau esboça, portanto, uma “negação da negação”: acusa a civilização, cuja característica fundamental é sua *negatividade* em relação à natureza. A cultura estabelecida nega a natureza [...] (STAROBINSKI, 2011, p. 38, grifos do autor).

O posicionamento do pensador genebrino em seu *Primeiro Discurso* acerca da filosofia pode parecer um tanto paradoxal pelo fato de que, ao mesmo tempo em que expressa elogios ao progresso da razão, numa referência aos movimentos do Renascimento e do Iluminismo caracterizados pelo desenvolvimento das ciências, tece críticas à própria ciência e às artes pelo modo como se desenvolvem em sua

época, como responsáveis pela promoção, disseminação e pelo estabelecimento social de erros e vícios resultantes dos descaminhos dados aos aprimoramentos do gênero humano.

É um espetáculo grandioso e belo ver o homem sair, por seu próprio esforço, a bem dizer do nada; dissipar, por meio das luzes de sua razão, as trevas nas quais o envolveu a natureza; elevar-se acima de si mesmo; lançar-se, pelo espírito, às regiões celestes; percorrer com passos de gigante, como o sol, a vasta extensão do universo; e, o que é ainda maior e mais difícil, penetrar em si mesmo para estudar o homem e conhecer sua natureza, seus deveres e seu fim. Todas essas maravilhas se renovaram, há poucas gerações (ROUSSEAU, 1978b, p. 333-334).

Na verdade, podemos perceber que a elaboração dos argumentos de Rousseau em seu *Primeiro Discurso* consiste em considerar até que ponto as ciências e as artes alteraram positivamente a vida em sociedade. A resposta do autor suíço traduziu-se num sonoro “não” ao defender que o progresso das ciências e das artes, longe de contribuir para o aperfeiçoamento moral dos homens, ajudou em sua desnaturação e na consequente corrupção dos costumes. Daí a sua célebre passagem do *Primeiro Discurso* (ROUSSEAU, 1978b, p. 341-342):

[...] Povos, sabeis, pois, de uma vez por todas, que a natureza vos quis preservar da ciência como a mãe arranca uma arma perigosa das mãos do filho; que todos os segredos, que ela esconde de vós, são tantos outros males de que vos defende e que vosso trabalho vos instruídes não é o menor de seus benefícios [...].

Além de afirmar, portanto, que as ciências e as artes favorecem a corrupção das sociedades, pois, ao longo da história, “[...] nossas almas se corromperam à medida que nossas ciências e nossas artes avançaram no sentido da perfeição [...]” (ROUSSEAU, 1978b, p. 337), o autor genebrino alerta os leitores para a proporcionalidade entre o desenvolvimento das ciências e das artes e a crescente depravação dos homens como não sendo uma infelicidade própria do período moderno, uma vez que “[...] os males causados por nossa vã curiosidade são tão velhos quanto o mundo [...]” (ROUSSEAU, 1978b, p. 337). Assim sendo, Rousseau defende no final de seu *Primeiro Discurso* que aos homens resta seguirem as suas consciências no silêncio das paixões como sendo a verdadeira filosofia (ROUSSEAU, 1978b, p. 352).

[...] Aí está a verdadeira filosofia; saibamos contentarmo-nos com ela e, sem invejar a glória desse homens célebres que se imortalizaram na república das letras, esforcemo-nos para estabelecer, entre eles e nós, essa gloriosa distinção que outrora se conhecia entre dois grandes povos: um sabia dizer bem e o outro obrar bem” (ROUSSEAU, 1978b, p. 352).

O seguir a consciência configura-se como o caminho mais indicado, segundo Rousseau, para se encontrar a felicidade pessoal e coletiva. Claro que, com essa constatação, tal postura o levará ao afastamento da tendência intelectual de sua época. Assim, considerando o valor das ciências e das artes de modo diferente de seus contemporâneos, para ele o verdadeiro conhecimento repousa em nós mesmos, afinal, “[...] De que serve procurar nossa felicidade na opinião de outrem, se podemos encontrá-la em nós mesmos? [...]” (ROUSSEAU, 1978b, p. 352).

Portanto, no *Primeiro Discurso* percebe-se o convite ao homem a penetrar em si mesmo para “[...] conhecer sua natureza, seus deveres e seu fim [...]” (ROUSSEAU, 1978b, p. 334). O que veremos, na sequência de suas produções filosóficas, por exemplo, no seu texto seguinte intitulado *Discurso sobre a origem das desigualdades entre os homens*, será uma continuidade das ideias do *Primeiro Discurso*, ou seja, a sua crítica à sociedade de seu tempo estender-se-á ainda mais uma vez que os dois *Discursos* esboçaram como se dá de modo gradativo a corrupção da natureza humana (SIMPSON, 2009, p. 109), através da degeneração social, que provoca distanciamento do homem que vivia conforme sua própria natureza e, conseqüentemente, instaura a desigualdade entre os demais. Para Rousseau, desde já, o modo mais indicado para se conhecer a fonte da desigualdade entre os homens é a partir do conhecimento da história do desenvolvimento dos próprios homens, do processo que os levou ao ponto onde eles se encontram.

2.2 O DISCURSO SOBRE A ORIGEM E OS FUNDAMENTOS DA DESIGUALDADE ENTRE OS HOMENS:⁸ A FILOSOFIA COMO CONVITE AO HOMEM PARA O CONHECIMENTO DE SI CONFORME O FORMOU A NATUREZA

Novamente a Academia de Dijon propõe temática a ser debatida e expressa por meio de ensaios para concurso, em 1753, e mais uma vez o filósofo de Genebra dedica tempo à vontade para meditar sobre o assunto proposto. A partir de pergunta motivadora – qual a origem da desigualdade entre os homens, e se ela é autorizada pelo direito natural? (ROUSSEAU, 1978a, p. 215) – Rousseau esforça-se, segundo ele (1978a, p. 228), para falar do homem e procurará separar os acréscimos conseguidos pela vida em sociedade do que é original na natureza humana.

De que se trata, pois, precisamente neste Discurso? De assinalar, no progresso das coisas, o momento em que, sucedendo o direito à violência, submeteu-se a natureza à lei; de explicar por que encadeamento de prodígios o forte pôde resolver-se a servir ao fraco, e o povo a comprar uma tranquilidade imaginária pelo preço de uma felicidade real (ROUSSEAU, 1978a, p. 235).

Diferentemente do *Primeiro Discurso*, dessa vez Rousseau não leva o prêmio do concurso, resultado que não lhe causou nenhum estranhamento, uma vez que esperava não ser diferente, conforme nos relata nas *Confissões*, pois, segundo ele mesmo, a sua elaboração “[...] tinha sido feita para concorrer ao prêmio: enviei-a, portanto, porém certo de antemão de que não o obteria e sabendo bem que não são para peças daquele estofado que são criados os prêmios das academias” (ROUSSEAU, 1965, p. 417). De fato, não surtiu efeito semelhante à época da publicação do *Primeiro Discurso*, pois não teve impacto imediato e sequer foi lido completamente pelos acadêmicos alegando que o mesmo era extenso e representava uma má interpretação da questão proposta⁹ (STAROBINSKI, 2011, p.

⁸ A partir de agora, sempre que nos referirmos a essa obra tratá-la-emos apenas de *Segundo Discurso*.

⁹ Alguns comentadores, dentre eles Simpson (2009, p. 88), apontam também como argumento utilizado pelos Acadêmicos de Dijon a fim de não optarem pelo *Discurso* de Rousseau o de que o autor suíço não tinha enfatizado em sua resposta a pergunta conforme sugerira o concurso. “[...] A Academia havia perguntado sobre a origem da desigualdade e se a mesma é justificada pela lei natural. Rousseau usou a abertura dada pela palavra ‘origem’ para escrever uma enorme história especulativa das instituições sociais humanas, retirando, na sua maioria, a ideia da lei natural da sua apresentação. [...] A questão que Rousseau realmente formulou e respondeu foi: por que existem pessoas de diferentes posições políticas, sociais e econômicas e essas desigualdades são moralmente justificáveis? [...]” (SIMPSON, 2009, p. 87-88).

379), entretanto, suas teorias elencadas anteriormente poderiam ser aprofundadas e o assunto a ser debatido nesse *Segundo Discurso*, afirma Rousseau (1978a, p. 227), tratava-se de uma das questões mais interessantes que a filosofia podia propor. Daí, ao tratar da desigualdade entre os homens, a começar da compreensão de suas fontes, o referido *Discurso* representou certa importância com as suas discussões acerca do homem e da vida em sociedade.

[...] Jean-Jacques empreende dar à sua paixão a organização discursiva que lhe faltara até então: *demonstrará* a legitimidade histórica da intuição que se impusera a ele na estrada de Vincennes. Tudo que o primeiro *Discurso* só indicava em uma bruma calorosa, tudo que Rousseau descobrira ou entrevira no decorrer da polêmica sobre as artes e as ciências, tudo isso ia poder explicitar-se completamente, enunciar-se com o aparato completo dos fatos, dos testemunhos, dos argumentos que o leitor exigente podia desejar [...] (STAROBINSKI, 2011, p. 379, grifos do autor).

Com a afirmação de que falaria exatamente do homem, pois, segundo Rousseau, não poderia ser de outro modo para se conhecer a fonte da desigualdade, senão recorrer ao próprio homem, o genebrino se propõe ao *re-conhecimento* do gênero humano em si mesmo, bem como das instituições que ele criou. Nesse sentido, o propósito é conduzir os homens a começarem a se conhecer neles mesmos e, desse modo, propiciar uma tentativa de conduzi-los ao ponto de se verem tal como os formou a natureza.

[...] Como conhecer a fonte da desigualdade entre os homens, se não se começar a conhecer a eles mesmos? E como o homem chegará ao ponto de ver-se tal como o formou a natureza, através de todas as mudanças produzidas na sua constituição original pela sucessão do tempo e das coisas, e separar o que pertence à sua própria essência daquilo que as circunstâncias e seus progressos acrescentaram a seu estado primitivo ou nele mudaram? [...] (ROUSSEAU, 1978a, p. 227).

A grande questão levantada por J.-J. Rousseau, através do *Segundo Discurso*, é que o homem, empurrado pelas vicissitudes, por uma cadeia de fatos e causalidades, abre mão de viver segundo a ordem da natureza e sai de um estado natural em troca de uma participação social, uma espécie de pacto “artificial”. Destarte, o autor genebrino assume como objetivo, logo no início da referida obra, a

partir da compreensão da história da evolução da humanidade até a sua elevação para o estado social:

“[...] separar o que há de original e de artificial na natureza atual do homem, e conhecer com exatidão um estado que não mais existe, que talvez nunca tenha existido, que provavelmente jamais existirá, e sobre o qual se tem, contudo, a necessidade de alcançar noções exatas para bem julgar de nosso estado presente [...] (ROUSSEAU, 1978a, p. 228-229).

O autor suíço distingue o hipotético “estado de natureza” como o estágio no qual o homem era solitário, nômade, pacífico, feliz e enraizado no mundo natural (BRAGA, 2013, p. 210), no qual a comunicação entre os semelhantes era generosa e benevolente, algo diferente do “estado social” que se caracteriza pelo surgimento da propriedade privada.

A terra abandonada à fertilidade natural e coberta por florestas imensas, que o machado jamais mutilou, oferece, a cada passo, provisões e abrigos aos animais de qualquer espécie. Os homens, dispersos em seu seio, observam, imitam sua indústria e, assim, elevam-se até o instinto dos animais, com a vantagem de que, se cada espécie não possui senão o seu próprio instinto, o homem, não tendo talvez nenhum que lhe pertença exclusivamente, apropria-se de todos, igualmente se nutre da maioria dos vários alimentos que os outros animais dividem entre si e, conseqüentemente, encontra sua subsistência mais facilmente do que qualquer deles poderá conseguir (ROUSSEAU, 1978a, p. 238).

Antes, afirma Rousseau por meio da citação anterior, o que se tinha era uma perfeita harmonia entre o homem e a natureza – pois ele vivia livre, disperso em meio aos outros seres da natureza e mesmo entre seus semelhantes e, ademais, autossuficiente, tendo por instrumento apenas o próprio corpo, sendo obrigado a empregá-lo de diversos modos, a se habituar às intempéries das estações e a se defender dos animais ferozes. A natureza, por seu turno, fornecia meios para satisfazer as suas necessidades.

Nessa íntima relação com a natureza, o homem adequava-se às adversidades que se lhe aparecia e aprendia a não mais temê-las, afinal, defende Rousseau (1978a, p. 241), “[...] a natureza trata os animais abandonados a seus cuidados com uma predileção com que parece querer mostrar quanto é ciosa, desse direito”. Para o autor suíço, portanto, a harmonia da natureza contrasta com o

processo da vida em sociedade, esta “[...] provoca as moléstias do homem, o egoísmo, a hipocrisia, a escravidão e as desigualdades sociais [...]” (HERMANN, 2006, p. 94).

Evidentemente não é no isolamento do homem natural que o autor de Genebra consegue enxergar a harmonia da natureza, mas no modo de vida primitivo que intitulou de “Idade de ouro” da humanidade. Entretanto, em meio a esse modo de vida, os desenvolvimentos do gênero humano são limitados e as vicissitudes não de tirar o homem desta condição primordial lançando-o numa relação com os demais homens que vai, de modo paradoxal, promover exponencialmente o desenvolvimento de sua perfectibilidade, algo que vai conduzi-lo “para fora” do estado de natureza.

[...] Desde sua origem, o homem natural, segundo Rousseau, é dotado de livre arbítrio e sentido de perfeição, mas o desenvolvimento pleno desses sentimentos só ocorre quando estabelecidas as primeiras comunidades locais, baseadas sobretudo no grupo familiar. Nesse período da evolução, o homem vive a idade de ouro, a meio caminho entre a brutalidade das etapas anteriores e a corrupção das sociedades civilizadas. Esta começa no momento em que surge a propriedade privada (CHAUÍ, 1978, p. XIII-XIV).

O que leva, afinal, o homem do primeiro estágio, solitário, tranquilo, ocioso e autossuficiente, já que se preocupava única e exclusivamente com sua sobrevivência e sabia viver de acordo com suas necessidades inatas, a querer interferir na natureza e, por conseguinte, no espaço ao seu redor? Que passa na realidade que o convence a se subjugar a uma sociedade que o impõe uma forma artificial, tornando-o vaidoso e orgulhoso? Para Rousseau, a resposta está no próprio homem, na sua capacidade de aperfeiçoamento. O caminho seguido por ele teve como princípio motivador as adversidades climáticas sobre o seu habitat conduzindo-o a uma ruptura no modo de vida primitivo, seguido de sucessivas transformações radicais e, daí, como consequência acabou por lhes acrescentar sempre mais novas necessidades vitais.

O que passa a acontecer na realidade, por parte do homem, é que o processo de *desnaturação* o leva a desenvolver atitudes de valorização de uns em detrimento de outros, de posições sociais e valorizações por parte de seus semelhantes, num processo de degeneração aos valores que poderiam ser encontrados na vida em meio à natureza. Esse processo, por sinal, se dá em meio ao maior dos paradoxos:

é a perfectibilidade que, sendo natural mas sendo desenvolvida em meio às relações sociais, lança o homem para fora da natureza, marcando o processo de degeneração e decadência do homem gerando o estado de servidão, desigualdade e infelicidade daí decorrente.

O que Rousseau quis discutir é que o estado social coloca o homem numa relação de dependência do outro e da propriedade. Nesse momento começam a surgir necessidades impostas pela maneira coletiva de se viver e, de agora em diante, o processo de busca pela perfectibilidade (faculdade inata de poder aperfeiçoar-se) passa a ser um processo de desnaturação do homem. Evidentemente tudo é feito pela ação livre do homem, pois, para Rousseau, a liberdade no estado natural é total.

[...] Mas, desde o instante em que um homem sentiu necessidade do socorro do outro, desde que se percebeu ser útil a um só contar com provisões para dois, desapareceu a igualdade, introduziu-se a propriedade, o trabalho tornou-se necessário e as vastas florestas transformaram-se em campos aprazíveis que se impôs regar com o suor dos homens e nos quais logo se viu germinarem e crescerem com as colheitas (ROUSSEAU, 1978a, p. 265).

O problema central está no fato de que o homem, por ser perfectível, “[...] não cessou de acrescentar suas invenções aos dons da natureza [...]” (STAROBINSKI, 2011, p. 23). Motivado pelas sucessivas necessidades inesperadas trata de elaborar artifícios supérfluos, a se acostumar com as facilidades e o luxo, algo que provocou, a partir daí, competição desigual pela sua obtenção, dando origem às desigualdades sociais (PITANO; NOAL, 2009, p. 286). Além disso, Rousseau parece antecipar o que viria a ser realidade nos ideais do sistema capitalista, o da dominação da natureza. Dominar a natureza por parte do homem traduzir-se-ia também em dominação recíproca do ser humano pelos seus próprios semelhantes (PITANO; NOAL, 2009, p. 289).

Essa transformação efetuada teve como consequência a ampliação do alcance do desejo humano conduzindo às novas tecnologias. O mundo natural é então agredido pelo crescimento populacional e os conflitos humanos lhe infligiram desordem e danos estruturais. Rousseau argumenta que os seres humanos expandiram, desenvolveram e criaram novos desejos que conduziram a um completo domínio do ambiente para a sua satisfação. O chamado “dilema do consumo” apontado pelos ambientalistas é engendrado pelo desenvolvimento dos desejos infinitos em contraposição aos

recursos finitos. No *Segundo Discurso*, Rousseau desenvolve uma poderosa e abrangente explicação histórica desse desenvolvimento e suas consequências (BRAGA, 2003, p. 212, grifos do autor).

Nesse cenário da sociedade, marcado pela competição entre os homens, pelo desejo de posse da propriedade e pelo forte sentimento de concorrência que tornara o homem escravo das coisas e dos outros homens, pelos vícios, pelo egoísmo, pelas desigualdades sociais, Rousseau defende, através do *Emílio* (1762) uma proposta educativa inovadora que pudesse formar o homem, como tarefa primordial, a partir de suas inclinações naturais, seguido da formação do cidadão (HERMANN, 2006, p. 98).

2.3 O FILOSOFAR A PARTIR DE ROUSSEAU: IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

A problematização da realidade como processo filosófico que visa compreender e interpretar o sentido das coisas, da realidade e de nós mesmos a partir de uma compreensão de filosofia, no dizer de Ghedin (2009, p.55), como atividade teórica “[...] de reflexão e de crítica de problemas apresentados pela realidade, e esses problemas refletem necessidades e exigências de uma época e de uma realidade”, está presente numa prática de ensino de filosofia que propicia a experiência do pensar em busca de uma significação existencial por parte dos alunos.

Nesse sentido, acrescenta Ghedin (2009, p. 57):

[...] A problematização é um modo crítico de perceber o mundo e, com base nessa percepção, interpretar os significados e os sentidos das coisas. A problematização do problema instaura a análise, impositora de uma leitura crítica que procura saber a causa das coisas, ou seja, o porquê dos modos de ser da realidade.

Desse modo, teremos uma prática de ensino a partir de uma perspectiva de filosofia, defendem Aspís e Gallo (2009, p. 23), que favorecerá aos envolvidos pensar a si mesmos e a sua realidade por eles mesmos, por meio de instrumentos argumentativos que os conduza ao pensamento de forma autônoma. Afinal, continuam Aspís e Gallo (2009, p. 42), filosofamos ao sentir os problemas na pele. Ou ainda, como destaca Cerletti (2009, p.25, grifos do autor), o filósofo não inventa

“[...] suas questões ou os seus problemas do nada. Antes, poderíamos dizer que ele é um *re-criador* de problemas. A filosofia é filha de seu tempo e de suas circunstâncias [...]”.

No que se refere à problematização da experiência vivida ou do contexto no qual os alunos estão imbricados, o espaço da aula de filosofia pode se configurar como ponto de partida na busca pela instauração de uma postura filosófica por parte dos discentes e do professor que venha até mesmo a despertar reflexão sobre a real utilidade da própria filosofia. A esse respeito, destaca Campaner (2012, p. 41):

[...] Sua presença justifica-se pela radicalidade do seu interrogar, que se dirige às fontes que alimentam as formas pelas quais nos comportamos, vivemos e conhecemos. A Filosofia permite então desvendar aquilo que se encontra por trás do que é considerado óbvio [...].

É preciso, evidentemente, que o professor proponha aos alunos identificarem não só os prováveis problemas de sua própria realidade para uma reflexão de cunho filosófico, mas se faz necessário que o docente proporcione meios necessários para que os discentes os reconheçam como sendo de sua própria vivência e de que modo podem ser problematizados levando-se em consideração o modo de ser da filosofia e, quem sabe, a partir do que já fora sublinhado pelos filósofos. Isso é possível pelo fato de que a filosofia, destaca Ghedin (2009, p. 56), não se limita a um determinado conteúdo específico, mas se caracteriza pela atitude tomada pelo ser humano frente à realidade, pois, acrescenta-nos Cerletti (2009, p. 25), a filosofia pensa também as próprias condições do filosofar.

[...] Certamente, o mundo que condiciona a filosofia é o de seu tempo (o do passado, reconstruído desde o seu tempo). Em outros termos, a tarefa da filosofia será levar ao conceito o que esse mundo apresenta” (CERLETTI, 2009, p. 25).

A propósito, para que uma determinada temática no ambiente de sala de aula possa instigar a uma posterior postura própria da filosofia, Lúcia Maria Rodrigo (2009, p. 57) auxilia-nos na decisão de como devemos agir:

Para instaurar uma postura indagadora, introduzindo o aluno a um conhecimento filosófico que, mais do que erudição acadêmica, seja significativo para ele, é preciso partir da sua realidade, dos seus

modos de vivência e apreensão do real e da sua linguagem, de modo que se explicita algo que ele não consegue perceber por conta própria, isto é, os nexos entre determinados temas e questões filosóficas e as indagações que podem suscitar suas próprias vivências e representações.

O pensador genebrino aqui destacado serve-nos exatamente pela sua postura ousada na problematização da realidade, isto é, pelas suas duras críticas às sociedades civilizadas, responsáveis, segundo ele, pela degeneração das exigências morais mais profundas da natureza humana em detrimento de uma cultura intelectual (CHAUÍ, 1978, p. XIII). Rousseau chama a atenção para uma visão deturpada da compreensão da filosofia como esta era praticada em sua época por meio do argumento de que “[...] o progresso da alta cultura, desde a Renascença, havia deixado a civilização europeia menos feliz e menos orientada em termos morais [...]” (SIMPSON, 2009, p. 32), sendo conduzida para uma falsa percepção de moralidade convertida nos ditames dos simulacros de cortesia e urbanidade da sociedade ilustrada de sua época.

Aprender, primeiramente, para si mesmo, para ser instruído acerca de si e não, primordialmente, para ensinar os outros. Pensar um ensino de filosofia a partir desse aspecto enfatizado por Rousseau nos leva necessariamente a uma compreensão de educação que favorecerá ao alunado o exercício do pensar como experiência filosófica do autoconhecimento. Tal exercício não é novo na própria filosofia. A figura clássica de Sócrates (cerca de 400 a.C.) nos é conhecida. Por meio do questionamento como método, ele interceptava os transeuntes da antiga Atenas (ASPIS; GALLO, 2009, p. 13) levando-os ao reconhecimento de sua ignorância e os incitando à construção de seus próprios saberes a partir do conhecimento de si mesmos, como o impulsionara o Óráculo de Delfos: “conhece-te a ti mesmo”. Assim, um ensino de filosofia que se queira proporcionar aos alunos envolvidos a busca do autoconhecimento como experiência da própria filosofia possivelmente favorecerá a compreensão de que não existem donos da verdade. Nesse sentido, o professor, principalmente, não é depositário do saber e o transmite como e a quem bem entender. A filosofia, portanto, entendida até aqui não como mera transmissão de conteúdos, mas, ajudam-nos Aspís e Gallo (2009, p. 14):

[...] Por meio do ensino de filosofia para os jovens, podemos incentivá-los na prática de determinados instrumentos que os levem

a poder pensar de forma autônoma, autoconsciente, a pensar com abrangência, profundidade e clareza. Podemos colaborar com a destreza de seu pensamento em fazer análise, síntese e relações, pensamento aberto e ciente da sua dimensão histórica. Pensamento este que tece o significado do mundo a partir de questões simples sobre os problemas, como: o que é isto?; por que isto é assim?; por que pensamos que isto seja assim?.

Rousseau se destaca por meio de uma elaboração filosófica propiciadora da crítica à realidade local. Pensar o ensino de filosofia entendido desse modo é possível se aceitarmos que tal postura indagadora pode convergir para uma reflexão de um ensino preocupado com as condições de seu presente. Será necessário que leve em consideração o potencial crítico da postura filosófica, portanto, “[...] que avalia as condições de existência a partir da potencialidade de sua época” (CERLETTI, 2009, p. 52).

A crítica do pensador de Genebra, ao afirmar que as ciências e as artes fazem mais mal aos costumes do que bem à sociedade, não se tratava de uma tentativa de aniquilamento da busca do conhecimento, até porque ele chega a afirmar que o “tudo conhecer” é um dos atributos do autor de todas as coisas e que, por parte dos homens, “[...] adquirir conhecimentos e espalhar luzes equivale, pois, a participar, de certo modo, da inteligência suprema [...]” (ROUSSEAU, 1978c, p. 376). Entretanto, ele sustenta que o mais desejável seria “[...] que os homens se dedicassem a ela [ciência] com menor ardor [...]” (ROUSSEAU, 1978c, p. 376). Tal crítica pode ser entendida não só quanto ao modo de ser da filosofia preconizada pela *Enciclopédia* e desenvolvida em sua época, tampouco se traduziria numa anulação das bibliotecas (CHAUÍ, 1978, p. XIV), mas como um combate aos exageros cometidos num meio social no qual se distanciam os discursos das ações dos homens, onde o saber é desenvolvido por pura vaidade e não para que o homem pudesse conhecer-se. Ademais, considerava ele que quando desejou conhecer, seu objetivo era, primordialmente, o conhecimento de si, algo que deve ser pressuposto para que se pretenda, eventualmente, ensinar a outrem.

[...] antes de instruir os outros era preciso começar sabendo o suficiente para si mesmo [...]. O que faremos depende muito do que acreditamos, e em tudo que não diz respeito às necessidades básicas da natureza nossas opiniões são a regra de nossas ações [...] (ROUSSEAU, 2017b, p. 29).

No que se refere à elaboração filosófica do pensador em questão, esclarece-nos Chauí (1978, p. XVII) que a variedade de suas obras (algo que se torna compreensível ao evidenciarmos que as temáticas por ele abordadas estão fortemente imbricadas de seus conflitos pessoais), estava relacionada ao mundo humano e que expressavam a sua visão de filosofia no plano da valorização prática.

O chamado à natureza e o “evitar os ataques de seus filhos” constituem os motivos fundamentais do pensamento de Rousseau e a fonte de sua contribuição original para a história da filosofia. Essa contribuição não compõe um conjunto sistemático e a riqueza e variedade da obra, as frequentes contradições, a repugnância pela sistematização conceitual e a permanente vinculação entre as ideias e os conflitos pessoais vividos pelo autor tornam extremamente difícil uma exposição sintética de sua obra. Contudo, é possível desenredar essa intrincada e trazer à tona alguns elementos estruturais e certos temas dominantes: relações entre natureza e sociedade, moral fundada na liberdade, primazia do sentimento sobre a razão, teoria da bondade natural do homem e doutrina do contrato social (CHAUÍ, 1978, p. XII-XIII, grifos do autor).

Outro aspecto característico do pensador de Genebra, e que nos ajuda aqui a evidenciar a sua visão de filosofia, é a valorização do sentimento em detrimento à razão. Para Rousseau, aquele representa o verdadeiro caminho para o conhecimento, o instrumento que proporciona ao homem a penetração na essência da interioridade conduzindo-o ao retorno da pureza da consciência natural (CHAUÍ, 1978, p. XV). “[...] Núcleo central de todo pensar filosófico, constituiria a chave com que se pode compreender toda a natureza e alcançar misticamente o próprio infinito” (CHAUÍ, 1978, p. XV). Era preciso, desse modo, que a razão civilizada concedesse o espaço necessário para que o sentimento alcançasse a natureza humana, defendia Rousseau.

2.4 CONSIDERAÇÕES GERAIS

Rousseau ficou conhecido como um pensador de paradoxos, algo que se expressa não só nas temáticas abordadas em suas obras (natureza *versus* sociedade, amor de si *versus* amor próprio, transparência *versus* obstáculo, etc.), mas na maneira como ele mesmo vive sua existência e pratica sua filosofia (recusa da *Republique des Lettres versus* o desejo de reconhecimento, a crítica à escrita *versus* o uso contínuo do recurso estilístico, entre outras). Nesse sentido, o lugar da

filosofia na compreensão e na obra de Rousseau se insere nessa complexa rede de paradoxos.

A questão fundamental a ser compreendida, ao fim de nosso esforço de tentar investigar a postura de Rousseau quanto à filosofia e papel do filósofo, consiste em perceber que o fazer filosófico verdadeiro compreende uma atitude de desconfiança quanto aos fins, aos objetos, às pretensões e aos fundamentos dessa atividade. Em desconfiando dos usos da filosofia, bem como em testando, mesmo que por contradições os seus limites e as suas possibilidades, talvez dessa forma sejamos mais fiéis aos seus fundamentos e, nesse processo, nos resguardemos dos erros de considerar a filosofia e o filósofo como figuras que ratificam sociedades e costumes, ao invés de buscar o conhecimento do homem como princípio para uma felicidade possível.

3. RELAÇÃO NATUREZA E SOCIEDADE NA FILOSOFIA DE ROUSSEAU: ASPECTOS PARA FUNDAMENTAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM SALA DE AULA NO ENSINO MÉDIO

Dentre os elementos estruturais privilegiados na filosofia de J.-J. Rousseau e que, por essa razão, tornaram-se temas dominantes ao longo de seus escritos, a noção de “natureza” ocupa posição significativa – um dos temas de maior difusão e assiduidade em suas obras (DENT, 1996, p. 172) – e a sua relação com a “sociedade” assume grande importância no conjunto das elaborações teóricas do autor genebrino.

Por mais que a enumeração de diversos elementos e a profunda ligação das suas ideias aos conflitos pessoais vivenciados pelo próprio autor expressem a riqueza e a variedade da elaboração filosófica do pensador suíço, constata Chauí (1978, p. XIII), o conjunto dos escritos de Rousseau leva às consequências últimas o pensamento que figurou como raiz de toda a sua filosofia, a saber, “[...] a antítese fundamental entre a natureza do homem e os acréscimos da civilização [...]” (CHAUÍ, 1978, p. XIII). De outro modo, acrescenta Maruyama (2001, p. 22), o leitor do cidadão de Genebra com certa frequência encontrará sempre presente em seus textos a preocupação com a antinomia entre as inclinações naturais ou disposições primitivas e os deveres sociais ou políticos.

No que se refere ao entendimento e à aplicação do conceito de “natureza” enquanto imperativo da elaboração filosófica de Rousseau, seu pensamento a relacionaria a diversos aspectos da vida, conforme sublinha Dent (1996, p. 172). Na verdade, o pensamento de Rousseau, dada a riqueza e a extensão de seu saber filosófico, incursiona, além da política, da ética, da religião e da educação, também a ontologia, a estética e a ecologia (SEMENOV, 2013, p. 63).

Rousseau [...] Concebe o caráter do homem como naturalmente intato e criativo; retrata a relação primitiva e inquebrantável do homem com a natureza; baseia o saudável desenvolvimento educacional no respeito pela natureza; descreve a relação de Deus com o mundo criado e o envolvimento do homem nele na PROFISSÃO DE FÉ DO VIGÁRIO SABOIANO. No que se refere ao próprio mundo natural, Rousseau estava entre aqueles que instigaram a mudança na sensibilidade do desejo de “domesticar” a natureza, de fazê-la ostentar a marca do plano do homem, para a apreciação do rústico, do simples, do intato e aterrador na natureza, que é característico do Romantismo (DENT, 1996, p. 172).

Consoante a isso, a própria natureza tornar-se-ia nas elaborações filosóficas de Rousseau um conceito estruturante (HERMANN, 2006, p. 94) capaz de influenciar a sua época ao “[...] chamar a atenção da modernidade pelo insucesso em promover a melhoria das condições morais e materiais, contrastando com o otimismo iluminista [...]” (HERMANN, 2006, p. 94). Destarte, o autor genebrino enxerga a responsabilidade pela decadência moral da Europa setecentista nas escolhas da própria sociedade em favor de uma cultura intelectual em detrimento às inclinações naturais do homem. Como também, o pensamento dele foi capaz de influenciar para além de seu tempo, ao concordarmos que o natural em Rousseau pode convergir para uma reflexão acerca das práticas do homem atual - profundamente influenciado pelos ideais de progresso a todo custo propostos pela revolução industrial - que, por vezes, traduz-se numa vontade de dominação da natureza em busca de poder econômico, sendo considerado, assim o denomina Luís Roberto Salinas Fortes (1937-1987), o profeta dos problemas ecológicos (SEMENOV, 2013, p. 64-65).

Desse modo, entendemos que a compreensão de natureza no pensamento rousseauísta nos possibilita enquanto fundamentação filosófica necessária instar reflexões, no ambiente de sala de aula e para além dele, acerca da relação do homem atual com o meio ambiente que o circunda. No intuito da problematização das conseqüências advindas pelo processo acelerado de industrialização, tal como o desrespeito aos fenômenos e aos elementos naturais em decorrência de uma multiplicidade de necessidades artificiais desenvolvidas ao longo do processo civilizatório, duas posturas consideravelmente antagônicas no tocante à relação com o meio ambiente serão contempladas, a saber, a do homem natural que vivia em situação de profundo equilíbrio com o ambiente, conforme descrito por Rousseau, e a do homem atual, partidário de uma vida em associação, que, por vezes, se apropria do meio ambiente de modo utilitarista. Quando desse modo o homem procede em sua relação com o meio ambiente que o circunda, suas decisões ocasionam, muitas vezes, conseqüências destrutivas e que se assim o persistir poderá conduzir a uma extinção dos recursos naturais.

Propostas do tipo que contemplem atividades no sentido de favorecer a reflexão filosófica em sala de aula acerca dos problemas do hoje, a partir da elaboração dos próprios filósofos feita ao longo da história, é possível quando se

reconhece na atividade mesma da filosofia apropriar-se dos conceitos criados anteriormente, no intento de apontar saídas para os problemas atuais dos homens. Um ensino de filosofia assim compreendido, ajudam-nos Aspis e Gallo (2009, p. 15), enquadra-se numa proposta que enfatiza o processo de criação de versões, entendido pelos autores aqui citados não como um estudo simplório do percurso histórico da filosofia, mas como atividade do pensar que favorece possibilidades aos nossos jovens alunos de passarem também eles pela experiência filosófica, isto é, de “[...] criar composições filosóficas, usando conceitos filosóficos, em resposta a seus problemas, o que vale dizer, ensaiar a criação filosófica [...]” (ASPIS; GALLO, 2009, p. 15). Fazer a experiência, portanto, é algo que se toca e é apreendido de forma transformadora (ASPIS; GALLO, 2009, p. 16-17).

Assim, concebemos o alcance das reflexões do cidadão de Genebra, capaz de influenciar o ontem e a vida cotidiana, hodiernamente.

Os estudiosos que entenderam que o saber do filósofo da Natureza foi muito longe, para além de sua época, abrindo as comportas para o entendimento do homem natural – que deve ser tratado com bondade e comiseração, bem como estudado cientificamente para ser mais conhecido – e, também, da vida cotidiana das pessoas, sabem que a prática de sua Filosofia deve ser obra de boa vontade entre os homens formadores da opinião de um povo, dando evidência, nas pesquisas de resolução de problemas graves sociais e existenciais, à necessidade de convívio na probidade como corretor da corrupção (SEMENOV, 2013, p. 64).

Sendo assim, para falar do modo como se estrutura a vida da espécie humana no estado de sociedade, no intento de ver e pensar o mundo de sua época, isto é, a sociedade do século XVIII (ROUSSEAU, 1978b, p. 336) profundamente marcada pela aparência, pelos discursos desviados das ações e pelo distanciamento do modo de ser segundo a natureza, o pensador de Genebra opta por considerá-la a partir da condição inicial do homem “[...] de acordo com as qualidades que recebeste, e que tua educação e teus hábitos puderam falsear, mas que não puderam destruir [...]” (ROUSSEAU, 1978a, p. 237). Nesse sentido, defende Wokler (2012, p. 81), Rousseau pretendia:

[...] que suas ideias oferecessem não uma história da humanidade, e sim uma teoria da natureza humana; descrevia o passado baseando-se na tese sobre o estado moral em que nossa espécie havia caído. As qualidades essenciais de nossa natureza, segundo Rousseau, só

poderiam ser desvendadas se fosse possível examiná-las separadas dos traços contemporâneos supérfluos de nosso comportamento, de maneira que o homem natural teria de ser extraído do cidadão, e não o civilizado moldado a partir do selvagem [...].

O pensador de Genebra fazia referência, como ponto de partida, não aos tempos remotos sobre o qual, segundo ele, dispomos de poucas informações, mas ao estado no qual o homem vivia de acordo com as qualidades recebidas de sua própria natureza (estado natural) e a condição de equilíbrio entre ele e o ambiente era a perfeita correspondência entre desejos, necessidades e recursos (KUNTZ, 201, p. 97) para chegar à descrição do homem civil (estado social).

[...] Isto significa: procurar, por trás do homem modificado, o homem da natureza, para termos a verdadeira medida de suas transformações e para bem distinguirmos, no homem atual, o que lhe pertence por essência e o que foi adicionado ao longo dos tempos (KUNTZ, 2012, p. 85).

Desse modo, Rousseau opta por chamar a atenção da modernidade para o modo como no estado de associação os homens adquiriram vícios e paixões antes inexistentes, além de perceber o esvaziamento do amor de si e da piedade, sentimentos legítimos do estado de natureza: “[...] primeiro, o *amour de soi* ou o impulso constante de preservar a própria vida; segundo, a *pitié* ou compaixão pelo sofrimento de outros seres da mesma espécie [...]” (WOKLER, 2012, p. 66). Assim sendo, Rousseau coloca em evidência o incessante distanciamento da espécie humana de seu estado conforme o determina a natureza no intuito de elucidar o mundo atual que conhecemos.

Já em sua primeira obra, os *Discursos sobre as Ciências e as Artes* (1750), Rousseau (1978b, p. 336) defende que antes que as ciências e as artes nos ensinassem a linguagem apurada nossos costumes eram naturais e, por mais que a natureza humana não fosse melhor, “[...] os homens encontravam sua segurança na facilidade para se penetrarem reciprocamente, e essa vantagem, de cujo valor não temos noção, poupava-lhes muitos vícios” (ROUSSEAU, 1978b, p. 336). De outro modo, o pensador suíço sustenta que o progresso das ciências e das artes ao invés de contribuir para o aperfeiçoamento moral dos homens ajudou em seu processo de *desnaturação* e consequente corrupção dos costumes.

Segundo Rousseau, ajuda-nos Simpson (2009, p. 49):

[...] o progresso na arte, na ciência e na tecnologia tem a tendência de tornar os seres humanos menos virtuosos e menos felizes, ao invés de mais virtuosos e mais felizes, com a implicação de que as civilizações supostamente primitivas são, na realidade, melhores do que as superficialmente avançadas [...].

No *Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens* (1955), as descrições do hipotético estado de natureza, ajuda-nos Becker (2012, p. 34), são fundamentais para entendermos o nosso estado atual, pois “[...] auxiliam o autor na explicitação das condições anteriores à desnaturação do homem e ajudam-no a precisar as características originais deste [...]” (BECKER, 2012, p. 34).

A perfeita harmonia no estado de natureza expressava o modo como os homens primitivos viviam, ou seja, em função de si mesmos e regidos unicamente pelos desejos que a natureza lhes impunha “[...] não ultrapassando, pois, seus desejos a suas necessidades físicas [...]” (ROUSSEAU, 1978a, p. 244). Cada um por si na busca pela sobrevivência, sem se preocupar com outras questões que não a imediata necessidade que se lhe apresentava, isto é, o bem-estar físico (MARUYAMA, 2001, p. 23), afinal, constata Rousseau (1978a, p. 244), os únicos bens que os homens têm conhecimento no universo são a alimentação, uma fêmea e o repouso.

[...] No estado de dispersão em que Rousseau imagina a humanidade primitiva, nada une o indivíduo ao seu semelhante, mas nada igualmente o escraviza. Não experimentando nenhum desejo de comunicação, ele não se sente separado; nenhuma distância metafísica o afasta ainda do objeto exterior. Sua relação com o mundo circundante se estabelece no equilíbrio perfeito: o indivíduo faz parte do mundo, e o mundo faz parte do indivíduo. Há correlação, acordo harmonizado entre a necessidade, o desejo e o mundo. O desejo, circunscrito no limite estreito do instante, jamais ultrapassa a estrita medida da necessidade, e esta, inspirada apenas pela natureza, é muito rapidamente satisfeita para que surja a consciência de uma falta; a floresta original provê a tudo. Isso compõe a figura de uma felicidade [...] (STAROBINSKI, 2011, p. 393).

Mas, o homem abre mão de viver segundo o estado de natureza, afirma Rousseau (1978a, p. 260), motivado por uma lenta sucessão de acontecimentos e de conhecimentos que o sucedia e o obrigava a se adequar reiteradamente aos outros e às realidades diversas.

Essa foi a condição do homem nascente; essa foi a vida de um animal limitado inicialmente às sensações puras que, tão-só se aproveitando dos dons que a natureza lhe oferecia, longe estava de pensar em arrancar-lhes alguma coisa. Mas logo surgiram dificuldades e impôs-se aprender a vencê-las; a altura das árvores, que o impedia de alcançar os frutos, a concorrência dos animais que procuravam nutrir-se deles, a ferocidade daqueles que lhe ameaçavam a própria vida, tudo o obrigou a entregar-se aos exercícios do corpo; foi preciso tornar-se ágil, rápido na carreira, vigoroso no combate. As armas naturais, que são os galhos de árvore e as pedras, logo se encontraram em sua mão. Aprendeu a dominar os obstáculos da natureza, a combater, quando necessário, os outros animais, a disputar sua subsistência com os próprios homens ou a compensar-se daquilo que era preciso ceder ao mais forte (ROUSSEAU, 1978a, p. 260).

Entretanto, mesmo ao atribuir à sociedade a responsabilidade pela corrupção gradual do homem e sustentar a possibilidade da existência do período da “idade de ouro” da humanidade, a proposta do filósofo de Genebra de refletir a respeito do que é qualidade natural do ser humano em detrimento aos elementos artificiais desenvolvidos em associação de modo algum se traduziria na esperança de um retorno ao estado de natureza, até por que se os homens algum dia viveram em tais condições, “[...] talvez tivesse sido melhor permanecer nelas, mas um mundo perdido nunca pode ser recuperado, e um estado abstraído do presente não oferece às gerações vindouras os princípios morais adequados [...]” (WOKLER, 2012, p. 83). Portanto, se por um lado a liberdade natural do homem fora perdida, irremediavelmente, por outro se manteve intata a nossa capacidade de aprimoramento (WOKLER, 2012, p. 84). Restava, agora, ao homem do estado de sociedade o seguimento aos impulsos naturais do coração enquanto proteção que pudesse salvaguardá-lo dos vícios provenientes do exterior a ponto de que soubesse distinguir sempre as inclinações que vem da natureza das que vem da opinião (ROUSSEAU, 2017a, p. 195). É nesse sentido que o conceito de natureza figurará no *Emílio ou Da educação* (1762).

“[...] O conceito de natureza ganha dinamismo à medida que passa a se referir, não mais a um estado fixo, de dispersão e independência mútua, mas a uma natureza ou essência original que subsiste no homem que vive em sociedade e que é uma espécie de substrato às várias modificações nele ocorridas” (MARUYAMA, 2001, p. 38).

A proposta a ser assumida ao longo da presente seção, portanto, dar-se-á exatamente na ênfase acerca da relação entre a natureza e a vida em sociedade no pensamento filosófico de J.-J. Rousseau na tentativa de explicitar no homem o que é especificamente de sua natureza frente aos elementos de caráter convencional que lhe é acrescentado artificialmente pelo fato de vir a pertencer ao grupo social. De outro modo, alerta-nos Rousseau (1978a, p. 227), que o seu esforço concentrar-se-ia em olhar para o homem tal como o formou a natureza no intuito de separar o que é da própria essência dele, isto é, o que há de original no homem daquilo que lhe fora acrescentado a seu estado primitivo por meio das circunstâncias e dos progressos da sociedade. Dessa maneira, o pensador suíço chama a atenção ao aspecto de que a atitude do ser humano em favor de uma participação social o conduz de forma a lhe proporcionar um gradativo afastamento do modo de vida segundo a ordem da natureza.

[...] desde o instante em que um homem sentiu necessidade do socorro do outro, desde que se percebeu ser útil a um só contar com provisões para dois, desapareceu a igualdade, introduziu-se a propriedade, o trabalho tornou-se necessário e as vastas florestas transformaram-se em campos aprazíveis que se impôs regar com o suor dos homens e nos quais logo se viu a escravidão e a miséria germinarem e crescerem com as colheitas (ROUSSEAU, 1978a, p. 264-265).

Na tentativa de elucidarmos a relação natureza e sociedade a partir do pensamento do filósofo de Genebra, utilizaremos, em especial, o *Discurso sobre as ciências e as artes*, o *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, o *Emílio ou Da educação*, além dos escritos autobiográficos *Os Devaneios do caminhante solitário* e *Cartas a Malesherbes*.

Ademais, a relação natureza e sociedade no pensamento de Rousseau ganha importância aqui em nossa discussão, pois inaugura a compreensão de uma harmonia entre os seres da natureza. “Ele enfraquece a ‘dicotomia’ entre homem e natureza, retratando o homem natural como um ser em harmonia com os outros seres da natureza” (BRAGA, 2013, p. 210. Grifos do autor), tema debatido posteriormente nos movimentos ecológicos contemporâneos com a crítica ao “antropocentrismo”, propondo, como alternativa, o “ecocentrismo”. Além disso, certamente o pensamento do autor genebrino influenciará os movimentos atuais que se concentram na defesa do meio ambiente enquanto preocupados em destacar as

implicações éticas no relacionamento entre homem e meio ambiente. Para Rousseau o convívio em sociedade fez o homem afastar-se gradativamente do sentimento natural que visava o bem comum.

Ao elogiar a natureza e criticar os desvarios humanos, Rousseau procura contrapor-se às tendências correntes em seu tempo, segundo as quais, a natureza representa os antípodas da civilização, do conforto e da ordem estabelecidas pelos homens. Em seu entender a natureza, como figura fértil e maternal, garante aos animais, incluindo o bicho homem, fartura e saciedade. Em meio às imensas florestas “que o machado jamais mutilou” a natureza “oferece a cada passo provisões e abrigo aos animais de toda espécie” (BECKER, 2012, p. 32-33, grifos do autor).

Pensar, portanto, o homem a partir da filosofia de J.-J. Rousseau é refletir sobre a proximidade existente deste com a natureza; é falar numa aspiração a uma interioridade e espontaneidade que partem da própria natureza, já que ela oferecia harmonia e proporção, e o que ocorre é um gradativo afastamento do modo de vida natural; de uma necessária visão de cuidado a respeito de nossas relações com a natureza, daí o sentimento como lugar fundamental nessas relações.

3.1 HOMEM E SOCIEDADE: DO “ESTADO NATURAL” AO “ESTADO SOCIAL”

O processo de estruturação da sociedade acontece no sentido de conduzir o homem ao afastamento do modo de vida limitado inicialmente às sensações puras e tão-só a tirar proveito dos dons que a natureza lhe oferecia (ROUSSEAU, 1978a, p. 260) em desvantagem de uma condição social aparente na qual o homem civil, numa postura dissimulada, assumiria funções que se assemelham a máscaras que a sociedade as define. Nesse sentido, afirma Fortes (1976, p. 49-50, grifos do autor), o conhecimento do homem ou da sociedade se dá, necessariamente, através de uma operação de “desmascaramento” do próprio homem social.

Compreende-se, então, que o conhecimento do homem ou da sociedade se organize como uma operação de *desmascaramento*. [...] Conhecer é tornar manifesto o homem que os ornamentos escondem, é proceder à operação inversa da dissimulação [...] se queremos conhecer a *História do Homem*, precisamos consultar algo que está para além de todo dizer humano; precisamos nos voltar para o *livro* metafórico da Natureza que não mente nunca [...] (FORTES, 1976, p. 49-50).

O autor suíço propõe-se a falar do homem a partir de seu “estado natural” no intuito de enfatizar a própria natureza humana por meio da compreensão do processo de distanciamento ocorrido de sua condição original a ponto de, conseqüentemente, chegar à constituição do “estado social”, passagem essa que significou, defende Rousseau (1978a, p. 269), a destruição irremediável da liberdade natural, a fixação da propriedade e da desigualdade, ou seja, o aniquilamento da condição da vida do homem segundo sua própria natureza.

Tal foi ou deveu ser a origem da sociedade e das leis, que deram novos entraves ao fraco e novas forças ao rico, destruíram irremediavelmente a liberdade natural, fixaram para sempre a lei da propriedade e da desigualdade, fizeram de uma usurpação sagaz um direito irrevogável e, para lucro de alguns ambiciosos, daí por diante sujeitaram todo o gênero humano ao trabalho, à servidão e à miséria [...] (ROUSSEAU, 1978a, p. 269-270).

De uma vida regada unicamente pela preocupação com a própria sobrevivência, já que o homem do primeiro estágio vivia solitário, tranquilo, ocioso e autossuficiente, ao desenvolvimento de novas necessidades, subjugado a uma sociedade que o impõe uma forma artificial, tornando-o vaidoso e orgulhoso, afinal, sublinha Maruyama (2001, p. 23), no estado de sociedade os homens adquirem novas necessidades, “[...] que não dizem respeito somente à auto-conservação e ao bem-estar físico, mas refletem uma vida interior, um progresso do espírito, o desenvolvimento de novas faculdades e novos conhecimentos”. A esse respeito, Fortes (1976, p. 79, grifos do autor) acrescenta-nos que:

[...] do *estado de natureza* para o *estado civil* passamos da autossuficiência para a necessária dependência. O selvagem que antes se bastava a si mesmo já não pode viver sem a ajuda dos seus semelhantes. Sua própria *maneira de viver* se altera: viver não pode mais ser existir “livremente”, mas é essencialmente conviver, coexistir.

É sempre importante lembrar que o interesse rousseauísta não repousava numa abordagem histórica do percurso traçado pela espécie humana de um estágio a outro, semelhante a etapas que se sucedem, como que motivado pela “[...] necessidade de alcançar noções exatas para bem julgar de nosso estado presente [...]” (ROUSSEAU, 1978a, p. 230). O seu interesse não se concentrava na intenção

de tentar entender, por meio de hipótese, o processo que se deu da passagem do estado segundo o qual o homem vivia de acordo com a natureza até chegar ao estado social.

Por importante que seja, para bem julgar o estado natural do homem, considerá-lo desde sua origem e examiná-lo, por assim dizer, no primeiro embrião da espécie, não seguirei sua organização através de seus desenvolvimentos sucessivos; não me deterei procurando no sistema animal o que poderia ter sido inicialmente para ter-se tornado o que é [...] eu o suporei conformado em todos os tempos como o vejo hoje: andando sobre dois pés, utilizando suas mãos como o fazemos com as nossas, levando seu olhar a toda a natureza e medindo com os olhos a vasta extensão do céu (ROUSSEAU, 1978a, p. 237-238).

Na verdade, Rousseau não fala de um homem natural no intento de que suas elaborações viessem a ser fulcro para a demonstração de fatos históricos, “[...] mas somente como raciocínios hipotéticos e condicionais, mais apropriados a esclarecer a natureza das coisas [...]” (ROUSSEAU, 1978a, p. 236) anterior às mudanças que a sucessão dos tempos provocou em sua constituição original (SIMPSON, 2009, p. 94).

Oh! Homem, de qualquer região que sejas, quaisquer que sejam tuas opiniões, ouve-me; eis tua história como acreditei tê-la lido não nos livros de teus semelhantes, que são mentirosos, mas na natureza que jamais mente. Tudo o que estiver nela será verdadeiro; só será falso aquilo que, sem o querer, tiver misturado de meu. Os tempos que vou falar são muito distantes; como mudaste! (ROUSSEAU, 1978a, p. 237)

Desse modo, a respeito do “estado de natureza”, quando o autor suíço faz uso dele, defende Starobinski (2011, p. 394), é somente enquanto referência fixa para se entender o desvio que representa cada estado de civilização.

Nesse processo que se define como uma desarticulação, afirma Starobinski (2011, p. 394), o repouso primitivo dá lugar ao devir e “[...] cada etapa do progresso da sociabilidade corresponderá a uma depravação mais acentuada” (STAROBINSKI, 2011, p. 394), uma vez que a saída do estado de natureza caracterizava-se por ser uma transformação irreversível, isto é, representava um caminho sem volta. “[...] Não confere tantos atrativos à imagem dos primeiros tempos senão para avivar nosso pesar de dela estar doravante afastados sem retorno [...]” (STAROBINSKI,

2011, p. 395-396). Ademais, ao longo desse processo será possível, com os acréscimos advindos pela modificação do homem por ele mesmo, “[...] saber onde cessa o homem da natureza e onde começa o *homem do homem* [...]” (STAROBINSKI, 2011, p. 395, grifos do autor) a fim de entender a origem da corrupção da humanidade.

[...] O resto do dia, metido na floresta, ali procurava, encontrava a imagem dos primeiros tempos, cuja história traçava firmemente; não dava quartel às pequenas mentiras dos homens; ousei desvendá-lhes a natureza, seguir o progresso do tempo e das coisas que a desfiguraram, e comparando o homem do homem com o homem natural, mostrar-lhes em seu pretensão aperfeiçoamento a verdadeira fonte de suas misérias [...] (ROUSSEAU, 1965, p. 416-417).

Antes disso, no *Discurso sobre as ciências e as artes*, o pensador de Genebra afirmara que à medida que as ciências e as artes - entendidas como o modo refinado para a investigação que mais do que tentativas de lhe cessarem suas irresoluções servia para satisfazer a vaidade dos homens - avançaram no sentido da perfeição instalava-se a corrupção das almas por meio do interesse pela especulação e pelo refinamento do saber (1978b, p. 337). Além do mais não se tratava de uma infelicidade de nossa época, pois “[...] os males causados por nossa vã curiosidade são tão velhos quanto o mundo [...]”, afirma Rousseau (1978b, p. 337), e que se via o recuo da virtude sempre que as luzes das ciências e das artes se elevava no horizonte, fenômeno possível de se observar em todos os tempos e em todos os lugares (ROUSSEAU, 1978b, p. 337).

A esse respeito, acrescenta Balieiro (2012, p. 57):

Ao falar da condição corrompida em que via os homens de seu tempo, Rousseau não está apenas realizando uma crítica a costumes particulares, nem se limitando a louvar certos tipos de constituições e a criticar outras. Podemos ver, em ao menos parte da obra desse filósofo, não apenas a constatação da miséria dos homens de seu tempo, mas também uma concepção segundo a qual a história da humanidade é, em última instância, ela mesma uma história de corrupção, no sentido de que, admitida a ocorrência de uma série de acidentes infelizes, a própria natureza dos homens, tal como está disposta, não poderia, a partir do estabelecimento da vida civil, conduzi-los a um resultado muito diferente do estado desesperadoramente corrupto em que se encontram [...].

O nascimento das ciências e das artes é responsabilidade de nossos vícios, defende Rousseau (1978b, p. 343), e, por esse motivo, são muitos os perigos e caminhos ilusórios que podem advir mediante a investigação delas. O autor de Genebra acenava para a proporcionalidade entre o desenvolvimento das ciências e das artes e a crescente depravação dos homens no sentido de uma “desnaturação”. É por essa razão que Rousseau faz o alerta ao enfatizar que “[...] a natureza vos quis preservar da ciência como a mãe arranca uma arma perigosa das mãos do filho [...]” (ROUSSEAU, 1978b, p. 341). Nesse sentido, o desenvolvimento das ciências apresenta-se como ação contrária às intenções da natureza e responsável pela crescente depravação dos homens.

Não se pode refletir sobre os costumes sem se comprazer com a lembrança da imagem da simplicidade dos primeiros tempos. É uma bela praia, ornada unicamente pelas mãos da natureza, para a qual incessantemente se voltam os olhos e da qual com tristeza se sente afastar-se [...] (ROUSSEAU, 1978b, p. 346).

O olhar do homem civilizado que se volta para a “idade de ouro” da humanidade, esta que pode ser apontada como a época mais feliz e a mais duradoura da história, defende Rousseau (1978a, p. 264), ao se referir ao período “[...] de desenvolvimento das faculdades humanas, ocupando uma posição média exata entre a indolência do estado primitivo e a atividade petulante de nosso amor-próprio” (ROUSSEAU, 1978a, p. 264), não é marcado por um sentimento nostálgico e repleto da esperança de recuperar o estado do qual jamais deveria ter saído.

[...] em uma só palavra: enquanto só se dedicaram a obras que um único homem podia criar, e a artes que não solicitavam o concurso de várias mãos, viveram tão livres, sadios, bons e felizes quanto o poderiam ser por sua natureza, e continuaram a gozar entre si das doçuras de um comércio independente [...] (ROUSSEAU, 1978a, p. 264-265).

As ideias de Rousseau concernentes à compreensão do homem e de sua relação com os demais na sociedade direcionam suas reflexões para a constatação da bondade natural do homem, isto é, de que os males que afligem a humanidade são derivados das opções tomadas por ele mesmo no momento em que decide escolher pela organização de uma vida em sociedade. Uma vez que o homem enquanto vivente do estado natural não necessitava da companhia de seus

semelhantes “[...] nem qualquer desejo de feri-los, foi apenas com o nascimento das instituições sociais que sua fraqueza se converteu em timidez ou sua força em ameaça aos próximos [...]” (WOKLER, 2012, p. 59). O próprio Rousseau, em sua *Carta a Beaumont* (1763), trata de se explicar acerca do princípio fundamental de toda a moral sob o qual se fundamenta o conjunto de seus escritos, ou seja:

[...] que o homem é um ser naturalmente bom, que ama a justiça e a ordem, que não há nenhuma perversidade originária em seu coração, e que os primeiros impulsos da natureza são sempre corretos. Fiz ver que a única paixão que nasce com o homem, a saber, o amor de si, é uma paixão em si mesma indiferente quanto ao bem e ao mal, que só se torna boa ou má por acidente e segundo as circunstâncias em que se desenvolve. Mostrei que todos os vícios que se imputam ao coração humano não lhe são em absoluto naturais; falei da maneira como nascem e, por assim dizer, segui sua genealogia, mostrando como, por uma contínua deterioração de sua bondade originária, os homens se tornam, enfim, o que são (ROUSSEAU, 2005a, p. 48).

Afinal, destaca Kuntz (2012, p. 101), Rousseau compreende que qualquer qualificação moral só é possível se levarmos em consideração a partir da organização da sociedade uma vez que os homens no estado de natureza “[...] não havendo entre si qualquer espécie de relação moral ou de deveres comuns, não poderiam ser nem bons nem maus ou possuir vícios ou virtudes [...]” (ROUSSEAU, 1978a, p. 251). Pelo contrário, o filósofo genebrino assegura que a maioria de nossos males “[...] é obra nossa e que teríamos evitado quase todos se tivéssemos conservado a maneira simples, uniforme e solitária de viver prescrita pela natureza [...]” (ROUSSEAU, 1978a, p. 241).

Ele mesmo, ao longo de anos, testemunha seu modo de vida solitário, em profundo contato com a natureza circundante, a partir do momento em que decide fugir da sociedade dos homens e passa a viver em constante relacionamento com a natureza. Evidentemente, não se tratou propriamente de uma escolha, mas que, ao final, diz ter encontrado a verdadeira felicidade de sua vida do modo que nunca sentira enquanto estava com os homens. A propósito, em confiança a Malesherbes (2005b, p. 20) ele mesmo falando de si afirma que “[...] não é crível que um homem com algum talento [...] seja louco a ponto de ir aborrecer-se pelo resto de seus dias em um deserto, unicamente para adquirir a reputação de misantropo”. Pelo contrário, Rousseau (2005b, p. 27) afirma que falar de sua opção de vida longe das

relações sociais é retratar acerca da felicidade que acabou por encontrar e, quem dera, se essa sorte de que agora gozava fosse conhecido de todo o universo. Se assim chegasse a acontecer, continua Rousseau (2005b, p. 27), todos gostariam de ter uma vida semelhante, pois “[...] a paz reinaria sobre a Terra; os homens não pensariam mais em prejudicar-se uns aos outros e os maus não existiriam quando ninguém mais tivesse interesse em sê-lo”. Aparentemente sendo paradoxal o autor de Genebra afirma de modo sonoro que quando se estava só seus desejos eram a medida de seus prazeres.

[...] Mas, enfim, de que eu usufruía quando estava só? De mim, do universo inteiro, de tudo o que existe, de tudo o que pode existir, de tudo o que o mundo sensível tem de belo e o mundo intelectual, de imaginável. Juntei ao meu redor tudo o que podia agradar a meu coração, “meus desejos eram a medida de meus prazeres” (ROUSSEAU, 2005b, p.27-28, grifos nossos).

Por escolha ou não, em todo caso os seus textos autobiográficos retratam a sua relação de proximidade com a natureza e os seus relatos convergem para um modo de ser de quem resolve viver conforme a natureza, longe do convívio da sociedade, e, paradoxalmente, cada vez mais perto de si mesmo.

3.2 A EDUCAÇÃO NATURAL DO *EMÍLIO* OU DA EDUCAÇÃO

No *Emílio* Rousseau apresenta proposta educativa que, embora participante da sociedade, favoreceria ao homem ser ele mesmo por meio de sua formação criadora a ponto de dominar suas paixões e seguir a sua própria consciência. “Observai a natureza e segui a estrada que ela vos indica [...]” (ROUSSEAU, 2017a, p. 53) é o projeto pedagógico a ser considerado enquanto proposta da educação de Emílio.

[...] Por esse caminho forma-se primeiro o homem, que encontra dentro de si uma lei firme, para depois, como cidadão, preocupar-se com as leis do mundo. O homem tem por objetivo a sua própria conservação, e o cidadão, a conservação do corpo social. A liberdade moral do cidadão depende da preparação do homem, pois este só pode dar-se às leis sociais quando for dono de si, pelo domínio das paixões. Estas se insurgem, trazendo contradições e profundos conflitos internos [...] (HERMANN, 2006, p. 98-99).

A compreensão do “ser ele mesmo” característico do estado de natureza é evidenciada no *Emílio* por meio de uma educação que favorecerá ao jovem formar-se por conta própria, por meio apenas da observação do que acontece em seu meio e tirar lições em seu proveito. A esse respeito, destaca Rousseau (2017a, p. 47):

Nosso verdadeiro estudo é o da condição humana. Aquele de nós que mais sabe suportar os bens e os males desta vida é, em minha opinião, o mais bem-educado: disso decorre que a verdadeira educação consiste menos em preceitos do que em exercícios. Começamos a nos instruir quando começamos a viver; nossa educação começa conosco; nosso primeiro preceptor é nossa ama [...].

Por meio de educação projetada a um único jovem, seguida de diversos estágios relacionados às etapas da vida de seu aprendiz, a proposta pedagógica pautada pela reivindicação à interioridade não se configura numa preparação que pudesse favorecer a desvinculação do jovem Emílio da sociedade. Embora reconheça que os vícios têm seu berço a partir da estruturação da vida do homem em civilização, uma vez que não há nenhuma perversidade originária em seu coração e que os primeiros impulsos da natureza são sempre corretos (ROUSSEAU, 2005a, p. 48), vale ressaltar que no *Emílio*, ajuda-nos Maruyama (2001, p. 38), o filósofo de Genebra “[...] nega o homem natural enquanto indivíduo isolado, mas conserva de sua definição inicial o princípio de agir de acordo consigo mesmo, condição que pretende garantir para Emílio [...]”. A fim de ao ser ele mesmo, embora vivendo no estado de associação, Emílio consiga por meio da proposta de uma educação negativa, prossegue Maruyama (2001, p. 38):

[...] adiar ao máximo as aquisições artificiais, as lições tardias provenientes da opinião e dos costumes em sociedade, não para negá-las ou abafá-las, mas para aproveitar apenas aquilo que tenham de mais essencial e mais compatível com a felicidade humana [...].

Nesse sentido, a ênfase dada por Rousseau à compreensão do que é o natural no homem na formação do jovem Emílio não estaria relacionada a uma decisão que pudesse fomentar o isolamento de seu aluno de seus semelhantes, conforme acontecia com o homem primitivo, este que vivia isolado, por conta própria. A educação proposta por meio do *Emílio*, portanto, ao preceptor é preparar

o seu aprendiz para a vida humana conforme a natureza o chama, levando em consideração as lições convenientes para cada estágio embora esteja na associação com os seus semelhantes.

“[...] Viver é o ofício que desejo ensinar-lhe. Ao sair de minhas mãos, admito que ele não será nem magistrado, nem soldado, nem padre: será primeiramente homem; tudo que um homem deve ser, ele saberá sê-lo, segundo a necessidade, tanto quanto qualquer outro, e, mesmo que a fortuna o faça mudar de lugar, ele estará sempre no seu [...]” (ROUSSEAU, 2017a, p. 46-47).

Com a compreensão de uma educação que se caracteriza por ser negativa, isto é, “[...] não consiste em ensinar a virtude ou a verdade, mas em proteger o coração contra o vício e o espírito contra o erro [...]” (ROUSSEAU, 2017a, p. 107), o filósofo de Genebra entende que o homem, construído a partir da figura do aluno Emílio, nas palavras de Maruyama (2001, p. 37), “[...] não é o homem natural vivendo no isolamento nem o cidadão despersonalizado, mas o homem natural que vive em sociedade [...]”.

3.3 VIVER CONFORME A NATUREZA NOS ESCRITOS AUTOBIOGRÁFICOS

É comum encontrar nos textos de Jean-Jacques Rousseau diversos exemplos de uma relação profundamente afetiva do homem com a natureza, atividades essas que o proporcionava sentimentos de paz interior, de êxtases contemplativos. Para o autor genebrino a relação do homem com a natureza caracteriza-se pela sua perfeita harmonia.

As atitudes do pensador em questão frente ao cenário da natureza conforme constatado em seus textos, sobretudo os de cunho autobiográficos, retratam a sua decisão de adotar uma postura de isolamento, resolve viver num contexto bucólico contrário à dinâmica complexa da forma coletiva ou associada. Evidentemente não se tratou bem de uma escolha, mas, conseqüentemente, viu-se acuado após inúmeras situações de desagravo e se sentido vítima de conspirações enquanto habitava a sociedade. O próprio pensador de Genebra tratou de se defender das acusações a ele dirigidas quando resolve afastar-se do convívio social. Em suas cartas direcionadas a Chrétien-Guillaume Lamoignon de Malesherbes (1721-1794), Rousseau (2005b, p. 20) procurou deixar claro que não se sente infeliz e consumido

pela melancolia em sua vida de confinamento, longe dos semelhantes, como assim presumiram a seu respeito, mas, ao contrário, essa descrição fazia jus à época em que vivia em Paris e aí repousava o real motivo pela sua determinação em fugir da sociedade dos homens.

[...] Nasci com um amor natural pela solidão que só fez aumentar conforme conhecia melhor os homens. Sinto-me mais à vontade com os seres quiméricos que reúnem à minha volta do que com aqueles os quais vejo no mundo, e a sociedade que a imaginação inventa em meu refúgio acaba por me desgostar de todas aquelas que deixei [...] (ROUSSEAU, 2005b, p. 20).

O fato é que o refúgio para escapar de infortúnios suscitados pelo âmbito social e achar a felicidade possível numa vivência solitária o conduzia à penetração na essência da interioridade e a reconhecer a natureza como a mãe universal, geradora de tudo e de todos (SOUZA FILHO, 2011, p. 17).

Anoitecia. Percebi o céu, algumas estrelas e um pouco de verdura. Esta primeira sensação foi um momento delicioso. Era somente através dela que começava a sentir minha existência. Nascia nesse instante para a vida e parecia-me preencher, com minha leve existência, todos os objetos que percebia. Vivendo inteiramente o momento presente, de nada me lembrava; não tinha nenhuma noção distinta de minha própria pessoa, nem a menor ideia do que acabava de acontecer; não sabia nem quem era nem onde estava; não sentia dor, nem medo, nem inquietude. [...] Sentia, em todo o meu ser, uma calma maravilhosa à qual, cada vez que a relembro, nada encontro de comparável em toda a atividade dos prazeres conhecido (ROUSSEAU, 1995, p. 34).

Para todos os efeitos, o retorno à natureza representava, para Rousseau, antes de tudo um retorno a si mesmo.

Estas horas de solidão e de meditação são as únicas do dia em que sou plenamente eu mesmo e em que me pertenço sem distração, sem obstáculos e em que posso verdadeiramente dizer que sou o que desejou a natureza (ROUSSEAU, 1995, p.31).

A natureza, portanto, como refúgio e busca pela felicidade.

É sob esse sentimento da natureza, então, que Rousseau encontrará seu refúgio ao recolher-se do convívio em sociedade, bem como a felicidade que lhe cabe na sua estranha condição de solitário. Esse

sentimento que ele trouxe para o século XVIII, causando significativas transformações na literatura e no pensamento deste período, já estava expresso em outras obras de Jean-Jacques, mas aqui nos *Devaneios* sentir a natureza torna-se uma expressão autorreferente; é a regra de conduta que toma o próprio autor destes escritos (SOUZA FILHO, 2011, p. 19).

A relação com a natureza adotada por Rousseau e descrita n'Os *Devaneios* e nas *Cartas a Malesherbes* leva-nos a perceber que o sentimento de sua própria existência e a busca por um modo de vida é conferido a ele por meio da própria harmonia da natureza, com sua beleza e ordem física.

Dali a pouco, minhas ideias elevavam-se da superfície da Terra em direção a todos os seres da natureza, ao sistema universal das coisas, ao ser incompreensível que tudo abraça. Então, com o espírito perdido nessa imensidão, não pensava, não raciocinava, não filosofava, sentia-me com certa volúpia acabrunhado pelo peso desse universo, entregava-me com deslumbramento à confusão dessas grandes ideias gostava de perder-me em imaginação pelo espaço o coração apertado nos limites dos seres não se sentia à vontade, eu sufocava no universo, gostaria de me lançar no infinito. Creio que se tivesse desvendado todos os mistérios da natureza sentir-me-ia em situação menos deliciosa do que nesse êxtase entontecedor ao qual meu espírito se entregava sem reservas e que, na agitação de meus arroubos, fazia-me gritar algumas vezes: "Oh, grande Ser! Oh, grande Ser!" – sem poder dizer nem pensar mais nada (ROUSSEAU, 2005b, p. 29-30, grifos do autor).

O olhar direcionado ao seu redor o proporciona a contemplação da harmonia dos seres no intuito de acessar a sua própria vida.

As árvores, os arbustos, as plantas são o enfeite e a vestimenta da terra. Nada é tão triste como o aspecto de um campo nu e sem vegetação, que somente expõe diante dos olhos pedras, limo e areias. Mas, vivificada pela natureza e revestida com seu vestido de núpcias no meio do curso das águas e do canto dos pássaros, a terra oferece ao homem, na harmonia dos três reinos, um espetáculo cheio de vida, de interesse e de encanto, único espetáculo do mundo de que seus olhos e seu coração não se cansam nunca (ROUSSEAU, 1995, p. 93).

O fato é que a relação do pensador de Genebra com a natureza circundante e da maneira como nos é por ele mesmo relatada, além de seu olhar que contempla a natureza acaba por nos conduzir à reflexão sobre a relação do homem com o meio ambiente nos tempos hodiernos. Trata-se, portanto, de uma relação que vai além do

aspecto simplesmente lírico, já que a partir do que ele vê na natureza consegue extrair conclusões graves (BEZERRA, 2014, p.17).

O cenário ali descrito, as atitudes de respeito e de convívio harmonioso contrastam com o ambiente de desrespeito aos fenômenos e aos elementos naturais assumidos pelo homem moderno por meio do processo acelerado de industrialização, que lança raízes desde os séculos XVII e XVIII: os campos muitas vezes devastados para darem lugar a apoteóticas obras arquitetônicas em nome do “progresso” da civilização; as fábricas, com altas tecnologias para a produção de artifícios, acabam por liberarem diariamente elementos químicos causadores da poluição do ar e das águas, tornando impossível a sobrevivência de várias espécies; a busca desenfreada pelo lucro e pelo desejo do consumo a todo custo conduz à produção sempre crescente dos bens. Rousseau fala, então, “ [...] de floresta, de campo e de jardim: ele se interessa pela natureza exterior de um modo que pode ainda hoje nos esclarecer em nosso cuidado com a proteção da natureza [...]” (LARRÈRE, 2012, p. 15).

3.4 CONSIDERAÇÕES GERAIS

O nosso intuito com a seção que se encerra era enfatizar, a partir de determinadas obras de J.-J. Rousseau, o entendimento e a aplicação do conceito de “natureza” enquanto imperativo da elaboração filosófica do pensador genebrino e, daí, o modo como seu pensamento a relacionaria a diversos aspectos da vida. Por essa razão é que concordamos que o conceito de natureza em Rousseau nos possibilita enquanto fundamentação filosófica necessária instar reflexões, no ambiente de sala de aula e para além dele, acerca da relação do homem atual com o meio ambiente que o circunda. Ademais, é possível por concordarmos com a compreensão de que se trata de um dos precursores do movimento ecológico, mesmo sem conhecer as consequências destruidoras ulteriores à revolução industrial, principalmente (HERMANN, 2006).

Evidentemente, a compreensão do conceito de natureza no pensamento rousseauísta não se trata de uma espécie de guia direcionado ao homem que se interesse ao retorno da natureza a partir da idealização do homem primitivo, mas nos proporciona possibilidades de reflexões ao falar do modo de vida do homem natural que vivia fundamentalmente segundo as suas necessidades inatas em

contraposição às práticas do homem moderno influenciado pelos ideais de progresso a todo custo propostos pela revolução industrial que, por vezes, traduz-se numa vontade de dominação da natureza em busca de poder econômico. A relação do homem com a natureza nos dias atuais, portanto, caracteriza-se pelos interesses utilitaristas que visam satisfazer uma multiplicidade de necessidades artificiais desenvolvidas no ser humano que provocou desde então uma competição desigual pela sua obtenção, dando origem às desigualdades sociais.

A vida do homem primitivo enquanto compreendido a partir do conceito de natureza em Rousseau fornece-nos elementos para pensarmos, por exemplo, uma relação de igualdade entre os seres. Como vimos ao longo do texto, a natureza é entendida como fonte de felicidade humana e constitui o “espírito romântico de Rousseau” (CHAUÍ, 1978, p. XVI, grifos do autor). Penetrar a natureza por parte do homem, através do sentimento, consistiria no acesso ao mais íntimo da vida e, desse modo, teria consciência de sua unidade com os semelhantes e com a universalidade dos seres (CHAUÍ, 1978, p. XVI).

O fato é que a escolha estabelecida pelo homem atual na busca para adquirir novos artifícios, estigmatizado muitas vezes pela moda e pela ganância de posses, conduz ao processo acelerado de industrialização como meio de produção colocando em perigo os fenômenos e os elementos naturais. Frente a esse cenário, portanto, faz-se necessária a instauração de um novo modo de relação desse homem com a natureza no intuito de pensar alternativas de minimização das consequências destrutivas que as ações estão causando nos recursos naturais do planeta.

4 EXPERIÊNCIA DE ENSINO DE FILOSOFIA EM NÍVEL MÉDIO: ELEMENTOS ESTRUTURAIS DA AÇÃO EDUCATIVA E DA PESQUISA DE ESTUDO DE CASO

A busca por uma compreensão de filosofia no processo de ensino desse saber, no nível médio, que consiga atingir os seus objetivos a ponto de conduzir os alunos à conquista da autonomia intelectual desejada é o desafio constante dos docentes responsáveis pelo conteúdo filosófico. Nesse sentido, entendemos que para que as indagações do pensar em filosofia atinjam de forma efetiva os objetivos delineados sobre algo determinado devem consistir exatamente tais perguntas naquelas que afetam a própria realidade dos discentes e que constituem verdadeiramente condição, por parte dos envolvidos, para uma compreensão do que acontece em seu meio.

Evidentemente, também concordamos que se configura como desafio aos professores de filosofia – e não menos importante do que o citado anteriormente – proporcionar o diálogo entre o que se pensa hoje e o que se refletiu ao longo da tradição filosófica como método de ensino capaz de incursionar os alunos à elaboração de suas próprias compreensões e levá-los a assumirem postura crítica da realidade atual no confronto com o que já fora pensado em contextos anteriores.

A esse respeito, ajuda-nos Ghedin (2009, p. 45), é importante que a busca pelo saber implique em abertura para a percepção da realidade como ela é, como pode ser interpretada no horizonte de nossa compreensão, mas também que envolva diálogo com o que já se refletiu e se pensou sobre as coisas ao longo da tradição filosófica.

A admiração apaixonada pelo saber, a qual se efetiva como escolha entre alternativas de explicação e de atribuição de sentido às coisas, à vida, ao mundo e às formas de sua expressão e comunicação, envolve também um diálogo com a realidade e com o que, ao longo da tradição filosófica, se refletiu e se pensou sobre as coisas. Tal diálogo, iniciado pela admiração perante o real, verifica-se em dois níveis: com os autores que refletiram e pensaram sobre a realidade situada em seu contexto histórico; com a existência, levando em conta a realidade presente e o que foi dito a seu respeito. [...] A realidade questiona-nos, exigindo um diálogo com os autores e com o real como caminho que se faz busca de compreensão do que somos. O diálogo exige, ao mesmo tempo, abertura ao ser e aos entes. Dialogar com os autores exige uma postura crítica no confronto entre o contexto deles e o nosso (GHEDIN, 2009, p. 45-46).

Então, é importante aos que proporcionam o ensino de filosofia suscitar de modo constante o desenvolvimento de uma mentalidade de preocupação com questões relacionadas à própria realidade dos discentes. É nessa direção que se enquadram a ação educativa e a pesquisa por nós estruturada para alunos do Ensino Médio de uma realidade específica, de modo a propor aos alunos pensar a relação natureza e sociedade instaurada no cotidiano deles mesmos.

Pensar essa relação, afirmam Pitano e Noal (2009, p. 289), pode ser enfatizado, por exemplo, sob o prisma de que o fator determinante para o esgotamento “[...] dos elementos vitais da natureza e das condições de sustentabilidade da vida na terra é resultado das relações estabelecidas entre os homens, em sistemas sociais culturalmente heterogêneos [...]”. Afinal, testemunhamos modelo de civilização caracterizado pela aglomeração de pessoas nos espaços urbanos que se impõe num modo de vida social estruturado, dentre alguns fatores, “[...] na industrialização, com sua forma de produção e organização do trabalho, a mecanização da agricultura, o uso intenso de agrotóxicos e a concentração populacional nas cidades [...]” (BRASIL, 1997, p. 173). Seria, na visão de Pitano e Noal (2009, p. 289), deslocar o foco da dinâmica ser humano x natureza para sociedade x natureza.

[...] Não esqueçamos de que o ser humano é e sempre será parte da “natureza”, considerando-a como fonte, existência primeira de tudo o que há no mundo. O que ocorre é um gradativo afastamento entre os modos de vida natural e social, principalmente no que se refere às necessidades atuais e aquelas originárias da espécie. As necessidades foram sendo multiplicadas artificialmente sem que fossem avaliadas as possibilidades que o meio teria para provê-las. Ao colocar a questão ambiental nos termos de sociedade e não mais de homem, problematiza-se não apenas o viés tecnicista, mas também o aspecto político, o que salienta, de imediato, a responsabilidade do modo de produção capitalista e o seu objetivo maior— o lucro, elemento determinante na exploração do espaço em sua totalidade, incluindo homens e mulheres (PITANO; NOAL, 2009, p. 289-290).

Julgamos serem relevantes propostas desse tipo para alunos de uma realidade marcadamente caracterizada pelas atividades de interesses financeiros no que se refere à relação com a natureza. De outro modo, enquanto integrantes de uma comunidade que utiliza a exploração das riquezas minerais para fins

econômicos é sempre interessante que os discentes sejam instigados a refletir a respeito da relação utilitarista entre natureza e sociedade adotada em seu meio. Desse modo, certamente perceberão que tais atividades favorecem, por um lado, renda para a sustentabilidade de diversas famílias e, por outro, proporcionam a degradação ambiental pelas atividades que conduzem a uma exacerbação dos recursos levando-os ao esgotamento.

Imbuídos, portanto, do desejo de sempre mais suscitar, no próprio espaço da Escola, discussões que favoreçam aos discentes problematizarem a realidade que os cerca é que se enquadram a ação educativa e a pesquisa por nós aqui propostas. Era nosso intuito levar os jovens alunos participantes das atividades por nós estruturadas à constatação de que se faz necessária instauração de um novo modo de relação desse homem contemporâneo com a natureza no intuito de pensar alternativas de minimização das consequências destrutivas que as suas ações estão causando nos recursos naturais ao seu redor.

Sendo assim, a fim de possibilitar uma fundamentação capaz de delinear a reflexão filosófica a partir da realidade dos alunos, escolhemos o filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau. Tal escolha deve-se ao fato, como constatamos nas seções anteriores, de que o tema da natureza assume grande importância nos diversos escritos rousseauístas e suscita discussões referentes à temática do movimento ecológico.

Ademais, por entendermos que se faz necessária uma modificação em nossa perspectiva analítica diante dos problemas ambientais, a partir de um vigor filosófico, daí a importância do exercício do filosofar em sala de aula sob um enfoque crítico, problematizador que conduza à ação consciente. É preciso entender a filosofia praticada em sala de aula como instrumento que conduz à reflexão e, daí, instiga a ação frente à realidade. A nossa proposta, portanto, deu-se no intuito de destacarmos perspectivas de análises da questão ambiental que poderão ser feitas no espaço da sala de aula partindo do pensamento filosófico de Jean-Jacques Rousseau, dedicando especial ênfase à sua concepção de homem, natureza e sociedade de modo especial nos seus principais textos. Tais análises tinham a pretensão de fomentar nos jovens estudantes, ao voltarem para o convívio com a família e com os demais grupos que participam, enquanto habitantes daquela localidade, a real necessidade de se transmitir às pessoas urgência para se rever as práticas adotadas em seu contexto.

Enfim, a partir de agora passaremos a apresentar os elementos estruturais da referida ação educativa desenvolvida em sala de aula de filosofia, isto é, o percurso delineado para a ação educativa e os tópicos que se referem aos passos trilhados ao longo da execução da intervenção prática pedagógica. Concomitante a isso, serão expostos também os elementos da pesquisa de estudo de caso aplicados junto a alguns desses alunos participantes da ação educativa.

4.1 OBJETIVOS DA AÇÃO EDUCATIVA E DA PESQUISA

Enquanto objetivo geral a proposta de ação educativa como atividade prática de experiência do ensino de filosofia visava desenvolver cuidado com o meio ambiente no espaço da aula de filosofia a partir das reflexões rousseauístas partindo da proximidade homem e natureza recorrente em seus textos filosóficos no intuito de pensar alternativas de minimização das consequências destrutivas que as ações do homem estão causando nos recursos naturais vivenciados pelo aluno.

Era pretensão nossa, inicialmente, analisar no espaço da aula de filosofia o conceito de natureza nos principais textos de Jean-Jacques Rousseau no intuito de destacar como o autor escolhido, apontando a natureza mesma enquanto conceito filosófico estruturante, nos deixa transparecer uma visão de filosofia. Desse modo, julgamos ser interessante discutir a relação de proximidade existente entre homem e natureza preconizada nos principais textos de Rousseau com alunos do Ensino Médio na intenção de intermediar análise filosófica a partir dos problemas ambientais vivenciados por tais discentes em sua própria realidade.

Ao instigar os alunos envolvidos na ação educativa para a participação nos debates por nós propostos, a nossa intervenção pedagógica tinha a pretensão de refletir fatores determinantes no que se refere ao esgotamento dos elementos da natureza como resultado das escolhas estabelecidas pelo homem na busca por novos artifícios no intuito de fomentar, paralelamente, práticas de sustentabilidade que garantirão a existência da própria natureza. De outro modo, o debate com alunos do Ensino Médio nas aulas de filosofia acerca da compreensão de natureza que se tem na atualidade dar-se-ia no intuito de contextualizar as atitudes do homem atual a fim de perceber na prática como a influência pelos ideais de progresso a todo custo traduzidos numa vontade de dominação da própria natureza em busca de

poder econômico acontece de modo efetivo, a partir da própria realidade do alunado envolvido nas atividades desenvolvidas.

4.2 ELEMENTOS DA AÇÃO EDUCATIVA

A partir dos objetivos expostos acima, foi proposta intervenção prática pedagógica que procurava promover uma experiência da filosofia no Ensino Médio na qual a problematização da realidade local do alunado envolvido pudesse favorecer efetivamente a ação conscientizadora, a começar deles, acerca da construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente.

Desse modo, a ação educativa visava enfatizar a relação natureza e sociedade a partir da própria realidade do aluno, instigando-o a exprimir o entendimento que se tem da importância daquela enquanto fornecedora de uma vida harmoniosa, de tomarmos consciência de que somos parte integrante da mesma e refletirmos sobre o que estamos fazendo com ela na realidade atual.

4.2.1 Público Alvo e Campo de Ação

Alunos do 2º Ano A (matutino) do Ensino Médio, ano letivo de 2019, da Escola Estadual Professora Isabel Ferreira, Instituição de Ensino pertencente à 9ª DIREC/RN e situada na cidade de Equador/RN. Com os discentes da referida turma, num total de quarenta (40), foram desenvolvidas as etapas que envolviam o estudo do pensador moderno, Jean-Jacques Rousseau, por meio de textos previamente selecionados pelo professor pesquisador, os debates propostos para a apreciação da temática escolhida, além de aulas de campo e evento de culminância da ação educativa aqui proposta.

Após as atividades acima elencadas, do total de discentes da turma escolhida foram selecionados 10 (dez), por meio de sorteio, que corresponde a 25% do total. Julgávamos ser um número satisfatório que possibilitaria uma amostragem considerável por meio de submissão a questionário socioeconômico (Apêndice A) e a entrevistas semiestruturadas (Apêndices B e C) acerca da relação homem e natureza na sociedade atual a partir da realidade local.

Sendo assim, a Escola Estadual Professora Isabel Ferreira, Instituição de Ensino Médio com Código do Censo Escolar/ Instituto Nacional de Estudos e

Pesquisas Educacionais - INEP nº 24.036.161, está situada à Rua Getúlio Vargas, nº 254, Centro, município de Equador/RN e foi criada sob portaria nº 573/93, datada de 31 de dezembro de 1993, sendo que adquiriu portaria de autorização nº 813/99 de 25 de dezembro de 1999 para o funcionamento de ensino em nível Médio. Seu nome foi uma homenagem à renomada professora Isabel Ferreira. Curiosamente tal docente nunca lecionou na comunidade de Equador/RN, pois, na verdade, a Escola recebeu o seu nome em gratidão a uma família da vizinha Cidade de Parelhas/RN, donde Equador/RN pertencera enquanto Distrito.

A referida Escola funciona nos três turnos. No diurno oferece o Ensino Médio Regular de três anos, sendo que no noturno a oferta é de ENSINO MÉDIO DIFERENCIADO, também de três anos, como modalidade específica para os alunos que trabalham durante o dia. Comumente os discentes do Ensino Médio da Escola Estadual Professora Isabel Ferreira tem idade entre 16 (dezesesseis) e 19 (dezenove) anos, residentes e domiciliados nas zonas urbana e rural do município de Equador/RN.

Para as atividades da ação educativa e a aplicação dos instrumentos de pesquisa, escolhemos a turma do 2º Ano A (matutino) por entender que já existe uma maior maturidade em relação a uma turma de 1º Ano e as exigências para a preparação em vista à submissão ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) ser em menor intensidade a que uma turma concluinte normalmente está sujeita. A não escolha de outra turma de 2º ano, uma vez que a Escola também possui turmas dessa série à tarde e à noite, deve-se ao fato de que a do noturno é formada por alunos que trabalham ao longo do dia (Ensino Médio Diferenciado) enquanto a do vespertino é formada em sua maioria por alunos que residem na zona rural do município.

A escolha dessa Escola não aconteceu por acaso, pois além de ser nessa Instituição de Ensino que o pesquisador ocupa o cargo de professor efetivo na disciplina de filosofia, há quase cinco anos, também tem o fato de ser uma preocupação constante de tal Educandário a temática no tocante à educação ambiental para reflexões a partir do contexto local na qual está inserida.

4.2.2 Realidade Local da Ação Educativa e da Pesquisa

Com relação à realidade local dos alunos participantes da ação educativa e, conseqüentemente, selecionados para a Pesquisa, podemos enfatizar que se trata do município de Equador-RN, Cidade localizada na mesorregião Central Potiguar e microrregião do Seridó Oriental, distante 283 km de Natal/RN. A economia local gira em torno da extração e exploração do minério, principalmente do Caulim. Trata-se de rocha de granulometria fina, cor esbranquiçada e constituída principalmente por caulinita, extraído do subsolo e, em seguida, submetido a processos específicos de beneficiamento (SILVA; VIDAL; PEREIRA, 2001).

As atividades destinadas à preparação do caulim, tanto a sua extração quanto o processo de seu beneficiamento, caracterizam-se pelo exercício exploratório que leva a um considerável impacto ambiental. Evidentemente há legislação própria no Brasil¹⁰ que regulamenta esse tipo de atividade mineradora, como também preocupação com a preservação ambiental por parte das empresas envolvidas nesse comércio. Entretanto, mesmo com toda essa atenção a extração do caulim causa impactos negativos no ambiente ao seu redor, principalmente a produção excessiva de particulados e produção de rejeitos (resíduos), conforme figuras abaixo.

¹⁰ “No Brasil, o primeiro dispositivo legal, visando a minimizar os impactos negativos causados por mineração, entre elas as de argila (caulim), foi a Lei nº 6938, de 31/08/1981, que, através do Decreto Federal nº 88.351, instituiu o Licenciamento Prévio (LP), Licenciamento de Instalação (LI) e Licenciamento de Operação (LO). A partir de 1986, com a Resolução do CONAMA nº 01, estabeleceram-se as definições, as responsabilidades, os critérios básicos e as diretrizes gerais para o uso e implementação da Avaliação de Impactos Ambientais (AIA) como instrumento da Política Nacional do Meio Ambiente (Bursztyn, 1994). Em 1989, o Decreto Federal nº 97.632 definiu, em seu artigo 1º, que os empreendimentos que se destinam à exploração dos recursos minerais deverão submeter seus projetos à aprovação dos órgãos federais, estaduais e municipais competentes deverão executar o Estudo de Impacto Ambiental (EIA), o Relatório de Impacto Ambiental, bem como o Plano de Recuperação de Áreas Degradadas (PRAD). E aqueles empreendimentos já existentes deverão regularizar sua situação por meio de um PRAD” (SILVA; VIDAL; PEREIRA, 2001).

Figura01: Estoques de Caulim a céu aberto



Fonte: arquivo pessoal do professor

Figura 02: Estoques de Resíduos (rejeitos) de Caulim a céu aberto



Fonte: arquivo pessoal do professor

Esses resíduos, quando secos, transformam-se em pó e, pela ação dos ventos, espalham-se pelas ruas e avenidas, poluindo o ar, a vegetação e comprometendo o aspecto visual do local (SILVA; VIDAL; PEREIRA, 2001).

4.3 DESCRIÇÃO DA AÇÃO EDUCATIVA

Ao longo do período destinado para o desenvolvimento da ação educativa, levando em conta os aspectos característicos de uma abordagem de estudo de caso e de um método qualitativo, era pretensão nossa averiguar na própria realidade do alunado, por meio de amostragem de indivíduos, as práticas que se dão no que se refere à relação natureza e sociedade e de, por consequência, desenvolver mentalidade de preocupação com questões relacionadas ao meio ambiente. Para tanto, os passos trabalhados obedeceram aos seguintes pontos de intervenção no espaço da aula semanal de filosofia:

1. Primeiro contato: estudo para conhecimento do autor selecionado como embasamento teórico e filosófico: No primeiro dos encontros acontecidos dentro das aulas de filosofia, inicialmente trabalhamos a vida e a obra de J.-J. Rousseau como forma de conhecer o autor por nós escolhido.

2. Encontros seguintes: exposição da temática a ser estudada e observada – a relação homem, natureza e sociedade elucidada primeiramente nos textos de J.-J. Rousseau. Aqui tivemos 03 (três) encontros que se deram especificamente para estudo e reflexão dos aspectos acima mencionados em obras de Rousseau. Os encontros seguiram a forma abaixo descrita:

Encontro 1 – Estudo do *Discurso Sobre as Ciências e as Artes (1750)* procurando evidenciar a contestação radical que Rousseau dirige contra a ideia de que a sociedade é o lugar de florescimento da verdadeira ciência e de renovação da existência política e social, como queriam os enciclopedistas. Como foi o primeiro texto mais elaborado de Rousseau, os escritos figuraram alguns dos seus mais característicos temas, a saber, “[...] a aversão ao luxo, à ostentação e ao exibicionismo; o desejo do homem de obter reputação e odiosa distinção, e a perversão de atividades para servir esse gênero de objetivo [...]” (DENT, 1996, p. 111) seriam temas que figurariam de maneira mais aprofundada em suas obras posteriores.

O referido texto teve significativa importância no conjunto dos textos do autor de Genebra e por ser através dele que Rousseau chama a atenção para o processo

que conduz à corrupção da natureza humana, provocando certo afastamento do homem que vivia segundo a sua própria natureza e, por consequência, inaugurando a desigualdade entre os homens.

Encontro 2 – Estudo do *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens* (1755), no qual, constata Rousseau, que o homem, empurrado pelas vicissitudes, por uma cadeia de fatos e causalidades, abre mão de viver segundo a ordem da natureza e sai de um estado natural em troca de uma participação social, uma espécie de pacto “artificial”. Essa nova configuração - que retrata o momento no qual o homem sente a necessidade do auxílio um do outro, levando ao desaparecimento da igualdade, a propriedade sendo introduzida e o trabalho se tornando necessário - opor-se-á à perfeita harmonia entre homem e natureza, pois viviam livres, dispersos e criativos. Por meio da referida obra, conhecida também por *Segundo Discurso*, o autor genebrino nos instiga a percebermos que existe uma natureza humana dada e uma segunda construída pelo homem. Ao longo do texto, portanto, Rousseau destaca o modo como as características naturais do ser humano foram se modificando e se deformando com o passar do tempo a partir da saída do homem natural do estado de natureza para a formação do homem no estado social.

Ao falar do homem, ao longo do *Segundo Discurso*, o escritor suíço faz todo o esforço para distinguir o que diz respeito à vida em sociedade, com todos os seus acréscimos obtidos por meio da vida coletiva, do que é original na natureza humana.

Encontro 3 – Estudo da obra de cunho autobiográfico *Os Devaneios do caminhante solitário* (1776). O refúgio para escapar de infortúnios suscitados pelo âmbito social e achar a felicidade possível numa vivência solitária conduziu o autor à penetração na essência da interioridade e a reconhecer a natureza como a mãe universal, geradora de tudo e de todos (SOUZA FILHO, 2011, p. 17). O retorno à natureza representava, para Rousseau, antes de tudo, um retorno a si mesmo.

[...] Estas horas de solidão e de meditação são as únicas do dia em que sou plenamente eu mesmo e em que me pertencem sem distração, sem obstáculos e em que posso verdadeiramente dizer que sou o que desejou a natureza [...] (ROUSSEAU, 1995, p.31).

A relação com a natureza adotada por Rousseau e descrita nos *Devaneios* leva-nos a perceber que o sentimento de sua própria existência e a busca por um modo de vida é conferido a ele por meio da própria harmonia da natureza, com sua beleza e ordem física. O olhar direcionado ao seu redor o proporciona à contemplação da harmonia dos seres no intuito de acessar a sua própria vida. O olhar do pensador genebrino que contempla a natureza acaba por nos conduzir à reflexão sobre a relação do homem com o meio ambiente.

3. Aulas de campo. Por fim, proporcionamos 02 (dois) momentos para o contato *in loco* com o meio ambiente. Os lugares escolhidos contrastaram-se exatamente pelo aspecto da proteção ambiental ou da ausência dela.

1º momento: Consistiu numa espécie de caminhada pelos campos da região local no intuito de um contato com o ambiente circundante.

Os alunos atentaram para o cenário “cinzento” na maioria das vezes como consequência da atividade mineradora do município, pois o processo de preparação do caulim para a sua comercialização acaba por produzir exacerbadamente rejeitos (resíduos) que são amontoados ao ar livre e, com a ação dos ventos, termina por interferir na paisagem natural ao redor (SILVA; VIDAL; PEREIRA, 2001). Além disso, atentaram para os impactos ambientais causados pelas ações do homem através do desmatamento, da poluição do ar e das águas, das queimadas, e de outras ações. Ademais, sentiram os efeitos pela falta de sombras como consequência dos desmatamentos e a ausência de animais na vegetação, pela exclusão da possibilidade de vida de muitas espécies naqueles locais.

2º momento: Deu-se numa região diferenciada, pois se trata de uma reserva ecológica preocupada com a questão da proteção ambiental. Trata-se da “Reserva Ecológica Verdes Pastos”, situada no município de São Mamede/PB.

Além de rodas de conversas acerca da temática “Apreciação da natureza e preservação ambiental”, os alunos tiveram oportunidade de realizar passeio pelas trilhas do ambiente visitado. Ao longo do percurso da caminhada, os discentes tiveram a oportunidade de ter o contato com diversos tipos de árvores e plantas que fazem parte da vegetação local, por meio de exposição feita pelo Sr. John Philip Medcraft, além de presenciarem a existência de inúmeras espécies de animais que

lá habitam. Vale salientar que além da política de proteção da Reserva “Verdes Pastos” que favorece a existência de diversas espécies, o referido lugar funciona como ponto de apoio aos órgãos competentes de fiscalização ambiental para que realizem solturas de animais recapturados nas operações acontecidas na região. Inclusive, na ocasião em que lá estivemos (mais precisamente no dia 20/11/2019), os alunos puderam entender um pouco acerca do processo pelo qual passa um animal desde a ação de ser recapturado por órgãos competentes até a fase final de soltura. Geralmente animais trazidos de operações são seres que viviam sob formas de aprisionamentos em gaiolas ou noutros espaços de confinamentos e, por essa razão, necessitam de etapas preparatórias até que se dê a sua volta ao seu *habitat* natural.

Destarte, os discentes de forma automática fizeram a comparação não só no que se refere à paisagem, mas também com a existência de inúmeras espécies de seres vivos, diferencial da referida Reserva em comparação com outros ambientes, exatamente no tocante à proteção ambiental que ocasiona possibilidades para a existência dos mesmos.

4. Conversa final com a turma: avaliação da turma a respeito da relação natureza e sociedade. Esse encontro foi destinado especificamente para pensarmos juntos o aspecto prático do cotidiano na problematização da relação natureza e sociedade após a realização da intervenção. Além disso, pudemos problematizar como essas mudanças podem contribuir para a efetivação de um modo de cuidado na referida relação no intuito de minimização das consequências destrutivas que as ações estão causando nos recursos naturais do planeta.

4.4 DESCRIÇÃO DA PESQUISA

Inicialmente, para que pudesse ser do conhecimento de toda a comunidade escolar foi feita ampla divulgação entre os pais ou responsáveis dos alunos e com os discentes envolvidos sobre o que era a nossa pesquisa, com enfoque aos seus objetivos, justificativa e aos benefícios para os que dela participassem. Em seguida, deu-se a escolha dos participantes que de livre e espontânea vontade decidiram se queriam participar ou não do trabalho no que se refere à aplicação dos instrumentos de coleta de dados, dos quais sorteamos os dez (10).

Com os alunos selecionados fizemos encontros no contraturno (à tarde), precisamente três: um primeiro para aplicação de Questionário Socioeconômico (Apêndice A); um segundo para desenvolvimento de Entrevista Semiestruturada I (Apêndice B) com o objetivo de perceber uma compreensão inicial da relação homem, natureza e sociedade antes do estudo dos textos de J.-J. Rousseau e das atividades de campo; e um terceiro momento para desenvolvimento da Entrevista Semiestruturada II (Apêndice C) com o objetivo de perceber possibilidade de um novo olhar para a relação homem, natureza e sociedade após os estudos dos textos de J.-J. Rousseau.

Após a realização da divulgação da pesquisa, de seus objetivos, e efetuada a seleção dos alunos participantes pudemos dar continuidade para o passo seguinte, a saber, a coleta das assinaturas de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexos C e D) e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (Anexo E). Vale destaque que toda e qualquer atividade ligada à nossa pesquisa foi realizada com o aval do Comitê de Ética da UERN (Apêndice A), por meio de Parecer Consubstanciado Nº 3.234.432 de 30/03/2019, que viabilizou o início da mesma, de acordo com o cronograma de execução.

4.4.1 Aspecto Metodológico da Pesquisa

A pesquisa é qualitativa com a abordagem de estudo de caso, uma vez que o problema requer compreensão holística (cf. YIN, 2015, p. 04) de uma situação em questão usando a lógica indutiva, ou seja, do particular ou do específico para o geral.

Por se tratar de uma investigação empírica, defende Yin (2015, p. 17), o estudo de caso propõe-se a analisar um fenômeno contemporâneo, isto é, o “caso” em profundidade e em seu contexto de mundo real. Desde já, faz-se necessário que o pesquisador delimite o caso a ser investigado e determine o escopo de sua coleta de dados, pois o caso desejado, enfatiza Yin (2015, p. 36), deve ser algum fenômeno da vida real “[...] que tenha alguma manifestação concreta. O caso não pode ser simplesmente uma abstração, como uma reivindicação, um argumento ou mesmo uma hipótese [...]”. Enfim, o cientista deve definir um ‘caso’ específico da vida real para ser uma manifestação concreta da abstração (YIN, 2015, p. 36).

Desse modo, buscamos compreender dentro de um ambiente ou contexto contemporâneo da vida real, um caso dentro de um sistema delimitado pelo tempo e pelo lugar, como a filosofia no Ensino Médio poderá ser trabalhada segundo a proposta da problematização da realidade no intuito da ação conscientizadora, colocando em pauta a discussão a respeito da relação natureza e sociedade a partir das práticas cotidianas que acontecem numa comunidade local. O caso a ser estudado é o do município de Equador/RN no tocante às consequências para o meio ambiente nas ações dos moradores que habitam aquela comunidade, dando especial ênfase à relação utilitarista através da extração e exploração do minério, principalmente do Caulim.

Para tanto, como falamos anteriormente, fizemos uso de modo primordial do grupo de estudo, especificamente com a turma do 2º Ano A (matutino) da Escola Estadual Professora Isabel Ferreira, da aplicação de questionário socioeconômico (Apêndice A) e de entrevistas semiestruturadas (Apêndices B e C) a respeito da compreensão homem e natureza na sociedade atual no intuito de dar enfoque à realidade local enquanto unidade de análise. Portanto, o objetivo do estudo de caso é explorar, descrever, explicar, avaliar e/ou transformar (cf. YIN, 2015).

A escolha pelo questionário e, principalmente, pelas entrevistas semiestruturadas deu-se por serem fontes de suma importância para o estudo de caso, conforme nos relata Yin (2015, p. 114), a ponto de serem comumente encontradas nesse tipo de pesquisa, especificamente.

As entrevistas são uma fonte essencial de evidência do estudo de caso porque a maioria delas é sobre assuntos humanos ou ações comportamentais. Os entrevistados bem-informados podem proporcionar *insights* importantes sobre esses assuntos ou ações. Eles também podem fornecer atalhos para a história prévia dessas situações, ajudando-o a identificar outras fontes relevantes de evidência (YIN, 2015, p. 117).

O que nos interessava, ademais, era enfatizar a relação natureza e sociedade hodiernamente tendo como elemento motivador alguns dos textos filosóficos rousseauístas. Nesse sentido, a pesquisa proposta quis entender como a citada relação é abordada pelo filósofo genebrino em seus principais textos e, a partir disso, proporcionar a problematização dessa mesma relação no âmbito de uma comunidade específica a partir da compreensão de membros dela, da observação e

análise também desses mesmos participantes do que acontece no cotidiano, daí o porquê da escolha da intervenção em forma de grupo de estudo. Evidentemente foram usadas as aulas de filosofia no horário normal da Escola, ao longo do intervalo de tempo proposto para a ação educativa e a pesquisa conforme cronograma de execução:

ATIVIDADES:	Set. 2019	Out. 2019	Nov. 2019	Dez. 2019	Jan. 2020
Apresentação da ação educativa e da pesquisa para os pais dos alunos do 2º ano Matutino e obtenção das autorizações (TALE e TCLE).	X				
Realização da pesquisa: estudos de textos, aulas de campo e evento de culminância.	X	x	X		
Escolha de parcela dos alunos (10), por meio de sorteio, para aplicação de instrumentos de pesquisa.	X				
Aplicação de questionário socioeconômico e de entrevistas semiestruturadas.	X			X	
Organização, classificação e análise de dados coletados na pesquisa.				X	X

Ademais, a escolha de se trabalhar de acordo com a proposta apresentada se deu por meio de uma melhor compreensão sobre o que é uma pesquisa qualitativa, numa abordagem de estudo de caso, e por entendermos que se faz necessária uma modificação em nossa perspectiva analítica diante dos problemas ambientais, a partir de um vigor filosófico. Nossa intenção era oportunizar desde o primeiro momento das aulas de filosofia e em sua intervenção prática a problemática ambiental numa tentativa de abordagem do caso em si a partir do diálogo com os discentes em suas avaliações, reflexões e contribuições expressas nos instrumentos de pesquisa propostos.

4.4.2 Metodologia da Análise de Dados

É importante enfatizar que as entrevistas foram gravadas, por escolha nossa e em consonância com a opinião de Yin (2015, p. 114) de que “[...] o áudio registrado certamente fornece uma interpretação mais precisa de qualquer entrevista do que fazer suas próprias anotações [...]” para que, posteriormente, pudessem ser transcritas (Apêndices D a W), sendo que a identidade dos alunos seguiu total sigilo e ao invés dos nomes os discentes foram identificados por numerações. Todos os instrumentos de coleta de dados utilizados na pesquisa foram armazenados em pasta específica para esse fim na Secretaria da Escola Estadual Professora Isabel Ferreira no prazo mínimo de 05 (cinco) anos, conforme combinado com o Comitê de Ética da Pesquisa.

Após a realização da intervenção prática, detivemo-nos aos elementos elaborados ao longo da pesquisa para aplicar estratégias de análise a partir do que foi realizado. Para tanto, seguimos os seguintes passos:

Momento 01:

Com o material do campo de pesquisa pronto demos início à interpretação dos dados, a saber, fizemos leitura interpretativa de toda a documentação buscando mergulhar nos depoimentos para entender a visão de conjunto e, claro, as peculiaridades dos dados da pesquisa fornecidos pelos discentes pesquisados.

Momento 02:

A partir da base temática criada na primeira etapa fizemos recortes em trechos das narrativas para identificar as ideias explícitas e implícitas contidas nos documentos – questionário socioeconômico e entrevistas com perguntas elaboradas a partir de roteiros semiestruturados aplicados aos dez (10) participantes - a respeito da compreensão atual que se tem da relação homem e natureza na sociedade local.

Momento 03:

Nesse momento aprofundamos o sentido das idéias. Para tanto, fizemos os diálogos entre: (a) nossa fundamentação teórica, a saber, o conceito de natureza no pensamento de Jean-Jacques Rousseau; (b) nossas observações em campo de

pesquisa e os relatos; (c) a realidade dos alunos (o contexto) e os relatos; (d) nosso objetivo e as ideias presentes nos relatos.

Com os resultados dos três momentos acima, partimos para a composição da seção seguinte no intuito de apresentar as análises dos dados coletados por meio dos instrumentos de pesquisa.

5 DADOS DA PESQUISA: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Com os alunos do 2º ano matutino (ano letivo de 2019) da Escola Estadual Professora Isabel Ferreira, em Equador/RN, aconteceram as atividades destinadas à ação educativa, conforme apresentação da seção anterior, ao longo dos meses de setembro, outubro e novembro. Além disso, o trabalho de aplicação dos instrumentos de pesquisa foi feito, em dezembro, com parcela dos discentes selecionados no intuito da estruturação de material que nos possibilitasse aplicar o estudo de caso com ênfase na análise comportamental de um pequeno grupo. Como afirma Yin (2015, p. 04), “[...] um estudo de caso permite que os investigadores foquem um ‘caso’ e retenham uma perspectiva holística e do mundo real [...]” do comportamento, por exemplo, de um pequeno grupo.

O nosso intuito era entender, através de um recorte formado por parcela selecionada, como se dá o comportamento dos indivíduos da comunidade de Equador/RN no que se refere à relação com a natureza e, concomitante a isso, construir com os alunos envolvidos prática de cuidado com o meio ambiente. A partir dos dados coletados passamos a apresentar os seguintes resultados:

5.1 PERFIL DOS SUJEITOS DA PESQUISA: ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

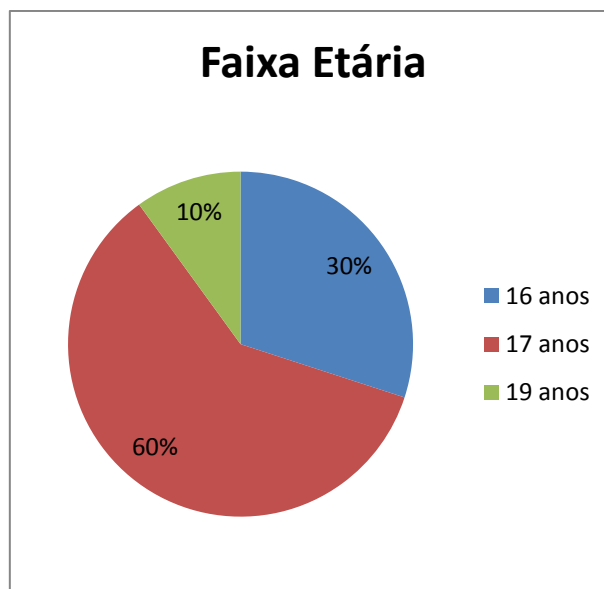
Para levantamento do perfil dos alunos envolvidos na pesquisa, aqui figurados como “sujeitos” a serem analisados a partir das contribuições que traziam das experiências *a priori* vivenciadas em seu meio social e das informações coletadas ao longo das etapas da ação educativa, foi aplicado com eles um único questionário socioeconômico. Com esse instrumento de pesquisa buscamos abordar aspectos diversos a respeito de cada um dos dez discentes, a saber, social, econômico e educacional.

5.1.1 Aspecto Social

O primeiro aspecto contemplado pelo questionário era referente aos dados sociais dos sujeitos. Inicialmente a abordagem fazia o levantamento dos alunos pela faixa etária e pelo gênero. Sendo assim, o grupo selecionado era formado por oito

indivíduos (80%) do sexo feminino e dois (20%) do sexo masculino. As idades dos alunos variavam, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 01: Faixa etária dos alunos



Fonte: dados da pesquisa

Os dados do gráfico apresentado nos mostram que o grupo dos dez discentes selecionados não apresentava distorção de idade entre eles e que, por essa razão, já nos indica um primeiro elemento característico dos sujeitos participantes, isto é, a nossa pesquisa esteve totalmente destinada a um público jovem. Num primeiro momento, essa informação é extremamente relevante por se tratar de uma busca por construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente. De outro modo, ao se deterem a olhar para o que fazem os que estão ao seu redor os discentes participantes da pesquisa necessariamente passariam a olhar para si mesmos de modo a confrontar comportamentos observados, num possível exercício de autoconhecimento, de tomada de consciência e de formação de opiniões. Os discentes, conseqüentemente, poderiam colocar em prática o exercício da crítica a partir do que seria vislumbrado por eles no que se refere à postura das pessoas de sua casa e de sua comunidade na relação com o meio ambiente, além de fazer a autoavaliação acerca de suas próprias atitudes sobre a mesma relação citada.

Como se tratava de um público juvenil, a probabilidade de nenhum deles (0%) declarar ter filhos era real, como de fato aconteceu. Diretamente ligado a esse, outro dado informado é que unanimemente (100%) os discentes entrevistados moram na

casa dos pais, que 8 deles (80%) não possuem renda própria e, portanto, são inseridos nos orçamentos financeiros dos seus respectivos responsáveis legais e 2 deles (2%) desenvolvem alguma atividade que lhes proporcionam remuneração. Em se tratando de renda, os pais possuem em média de um a dois salários mínimos.

5.1.2 Aspecto Econômico

Levando em consideração o último dado do tópico anterior, observar a condição econômica dos entrevistados, segundo aspecto do questionário, é um critério extremamente importante, visto que, na maioria das vezes, é o fator econômico que reflete na condição social do indivíduo no aspecto de acesso aos bens culturais e de consumo. Perguntados, por exemplo, se tem acesso à internet em suas residências, os sujeitos da pesquisa foram unânimes (100%) em responder que sim, embora dos dez alunos (100%) apenas três (30%) afirmassem que possuem computador em casa. Isso quer dizer que para o desenvolvimento de uma pesquisa mais aprofundada, no que diz respeito aos estudos pessoais, boa parcela dos entrevistados utiliza o telefone celular *smartphone* ou busca outras formas.

Outra informação interessante é a respeito do meio mais utilizado por eles para se manterem informados sobre os acontecimentos atuais. Nesse sentido, à pergunta a eles dirigida teve como resposta generalizada (100%) o uso da internet. É, de fato, a atividade com a qual mais ocupam tempo durante o dia, especialmente com as redes sociais uma vez que todos (100%) afirmaram possuir no mínimo duas contas distintas. Além disso, perguntados também sobre o tempo que dedicam para acesso à internet pudemos extrair que em média dedicam de duas a oito horas diárias.

5.1.3 Aspecto Educacional

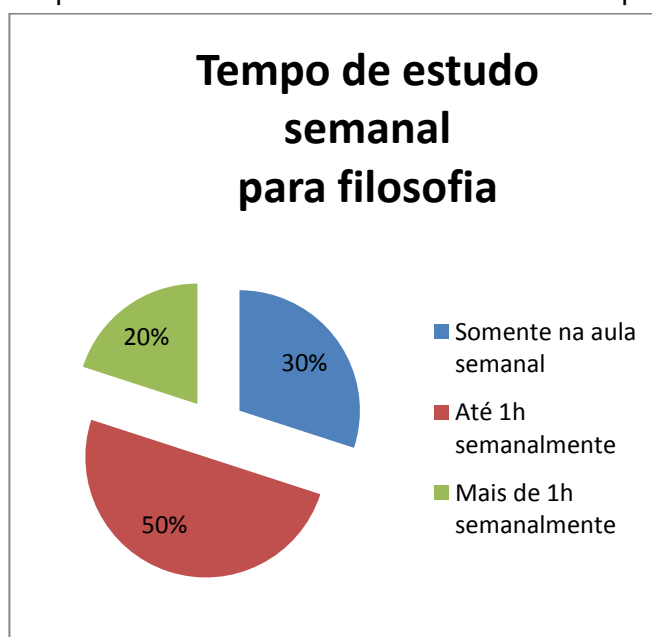
As implicações dos dados acima sob a vida estudantil dos alunos entrevistados, o terceiro aspecto do questionário, podem ser nitidamente percebidas por meio das respostas deles ao serem indagados acerca da dedicação semanal aos estudos pessoais, pois o tempo reservado a isso está muito aquém do que é empregado no acesso às redes sociais. Apenas um aluno (10%) respondeu dedicar 07 horas semanalmente aos estudos pessoais; também apenas um (10%) afirmou

destinar 06 horas da semana para o estudo fora da sala de aula; sete alunos (70%) dedicam entre 01 hora e 05 horas semanalmente aos estudos pessoais; e, finalmente, um aluno (10%) não dedica tempo algum da semana aos estudos além do período normal da Escola.

De um modo geral, é perceptível que, dentre as prioridades dos alunos entrevistados, o estudo pessoal não está entre as que apresentam como sendo importantes uma vez que o tempo por eles dedicado semanalmente é discrepante com o de dedicação a outras atividades. Evidentemente, num primeiro momento a pergunta dizia respeito ao estudo pessoal de um modo global, referindo-se aos diversos saberes contemplados no currículo escolar, mas não podíamos deixar de enfatizar o aspecto da Disciplina de filosofia, de modo particular.

Sendo assim, quando se trata do tempo destinado aos estudos da Disciplina de filosofia, os dados são também de certa forma preocupantes, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 02: Tempo semanal destinado aos estudos da Disciplina de filosofia



Fonte: dados da pesquisa

Pelo gráfico acima é possível perceber, então, que apenas dois (20%) dos alunos entrevistados afirmam que o máximo de horas destinadas durante a semana ao estudo de filosofia é superior a 01 hora. Cinco deles (50%) afirmam estudar apenas uma hora semanalmente e, por fim, três alunos (30%) reconhecem não

disponibilizar tempo algum da semana para o estudo de filosofia além da aula semanal.

Claro que não é a realidade somente dessa Disciplina, já que os números anteriores nos mostraram isso, mas as respostas segundo inquirição a eles direcionada sobre esse conteúdo especificamente levam-nos a refletir acerca dos desafios do ensino de filosofia, como afirma Campaner (2012, p. 38), também como um desafio filosófico. Isso se dá “[...] na medida em que quem ensina Filosofia deve se perguntar como levar o aluno a se sentir desafiado, ao mesmo tempo em que sabe que tal desafio não poderá ser respondido [...]” (CAMPANER, 2012, p. 38). Embora o professor de filosofia avalie constantemente a sua prática docente, por parte do aluno tudo depende do interesse em se querer ou não sair da posição ocupada (CAMPANER, 2012, p. 38), afinal, “[...] o que se coloca para o aluno além da exigência escolar é que ele assuma uma determinada atitude diante do mundo, atitude essa necessária àquele que se põe a filosofar [...]” (CAMPANER, 2012, p. 39).

A exigência escolar à Disciplina de filosofia é outro aspecto pertinente no que se refere a pensar os desafios do ensino de filosofia e o que se está a fazer com ela no espaço da Escola. A partir da constatação de que os alunos não dedicam tempo considerável de estudo semanal, refletir sobre os possíveis motivos para que se tenha chegado a esse resultado talvez se refira ao modo como estamos insistindo em apresentar a filosofia ao aluno. A pergunta seria: o que estamos fazendo com a filosofia no nível médio? De outro modo: de que modo os alunos do nível médio estão compreendendo ser a filosofia por nós apresentada? – indagam-nos os resultados do questionário. Lídia Maria Rodrigo (2009, p. 24), ao refletir sobre sentido e objetivos da filosofia no nível médio, destaca-nos:

O objetivo central, para o qual devem convergir os esforços e a metodologia a ser implementada, consiste em introduzir o aluno à filosofia, quer dizer, levá-lo para dentro ou inseri-lo numa forma específica de saber, em duplo aspecto: em relação a determinado conteúdo e a certos procedimentos concernentes à aquisição desse conteúdo. Ambos os aspectos – procedimentos metodológicos e conteúdos filosóficos – são indissociáveis [...] (RODRIGO, 2009, p. 24-25).

Concordamos, portanto, que aos que estão envolvidos diretamente com o ensino de filosofia urge, de modo constante, problematizar a respeito da escolha

adequada entre as metodologias a serem aplicadas nos mais variados momentos da docência de acordo com o conteúdo a que se propõe explorar no intuito de atingir com eficácia o que se pretende com o ensino de filosofia.

Evidentemente, esses dados estão inseridos no contexto global do processo de ensino e nos levam a refletir, noutros momentos oportunos, sobre o porquê do aluno não atribuir o tempo necessário para o estudo pessoal e o fato de que não está entre as suas prioridades cotidianas a devida importância ao estudo. Ademais, o próprio aluno precisa despertar para a importância dos estudos em sua vida no que se refere às possibilidades de seu crescimento pessoal, como forma de concretização de si mesmo, e o quanto a educação poderá favorecer sua inserção efetiva na sociedade de modo a contribuir para o desenvolvimento e transformação da própria realidade. E, por fim, o aluno precisa entender que a filosofia enquanto parte integrante do currículo escolar apresenta-se como atividade importante na sua formação pessoal. A esse respeito, ajuda-nos Ghedin (2009, p. 75-76):

[...] A atividade filosófica, como processo reflexivo-crítico, é a condição necessária para que o ser humano se perceba na humanidade, se humanize e seja autonomamente ele mesmo; constitui a liberdade que se abre e a responsabilidade geradora de uma práxis consciente e comprometida com a transformação da realidade. É caminho que nos insere no ser, ou seja, é espaço próprio do evento, consciente, da presença do ser nos entes, como manifestação e concretização de si mesmo. Nessa realidade, chamada de reflexão, desde sempre imprimimos o selo de nossa identidade.

Portanto, esses são os jovens alunos participantes da pesquisa, ambos moradores da comunidade de Equador/RN, com os quais desenvolvemos a pesquisa de estudo de caso. Um último dado do questionário aplicado com os dez discentes é o que se refere à localidade de suas moradias. Os seus domicílios se encontram distribuídos da seguinte maneira: na zona rural, um deles (10%); na zona urbana, nove deles (90%) sendo quatro (40%) em Conjunto Habitacional – COHAB e cinco (50%) em bairro da região central. No próximo tópico apresentaremos análises e resultados da primeira entrevista semiestruturada aplicada aos sujeitos da pesquisa.

5.2 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS RESPOSTAS

A Entrevista Semiestruturada I (Anexo B) foi aplicada ao longo da segunda semana de setembro, imediatamente após a reunião realizada com os pais ou responsáveis dos alunos para a apresentação das propostas da ação educativa e da pesquisa. Também foi feita, em momento oportuno, explanação geral de toda a proposta aos alunos da turma selecionada e, por fim, deu-se a escolha da representatividade por meio de sorteio. A intenção da primeira pesquisa era originar subsídios para um levantamento inicial da compreensão dos entrevistados acerca da relação natureza e sociedade em suas práticas cotidianas. Desse modo, com o recorte de alunos, a pesquisa objetivava elaborar subsídios para um levantamento preliminar antes de colocar em prática os elementos estruturais da ação educativa.

As questões foram elaboradas pelo professor pesquisador, Evanilson Dutra, aplicadas aos alunos individualmente com o recurso do gravador de voz. Para tanto, utilizamos o espaço físico da própria Escola, em horários do contraturno. Posteriormente, os áudios foram transcritos pelo próprio professor e se encontram no final do texto em forma de apêndices (Apêndices D a W). No tocante ao teor das questões, as inquirições exploraram desde a compreensão mesma dos alunos acerca do meio ambiente, tais como relação, aspecto do cuidado e importância dele; em seguida, como se dá a relação natureza e sociedade entre as pessoas tanto do espaço familiar do aluno quanto de sua comunidade; e, por fim, sondar a opinião dos mesmos sujeitos sobre o que entendiam por impacto ambiental, além de abordar o modo como a educação ambiental acontecia na Escola deles.

5.2.1 Meio ambiente: compreensão, relação com a sociedade e importância atribuída a ele

Ao serem interrogados inicialmente sobre a compreensão deles a respeito do meio ambiente, foram unânimes (100%) ao afirmarem ser algo importante por se tratar do meio onde vivem e, por esse motivo, é o que possibilita a sobrevivência de todos. Dentre as respostas dadas, podemos destacar a transcrição literal de três

delas que, a nosso ver, expressam o teor geral perpassado nas respostas dos demais entrevistados¹¹:

Professor: O que você compreende por meio ambiente?

Aluno 02: O que eu compreendo por meio ambiente é que é o lugar onde o ser humano pode ser livre, pode se comunicar com a natureza e sentir um só juntamente com ela.

Aula 04: O que eu compreendo por meio ambiente é que é o meio onde vivemos e que precisamos, né?, para sobreviver. É... é isso. Onde estamos, o meio onde vivemos e que precisamos.

Aluno 07: Bem, o meio ambiente, resumindo, foi a origem de tudo. Viemos dele e eu acho que, necessariamente, devemos preservar ele cada vez mais porque sem ele estamos mortos, porque dele é que tiramos nosso sustento e realmente devemos preservar porque não temos outro meio de vida sem que não dependa dele.

Professor: Para você, por que o meio ambiente é tão importante?

Aluno 02: Porque ele faz parte do nosso planeta e sem o meio ambiente não existe o homem.

Aluno 04: É importante porque, é... (pausa) precisamos dele, todos os dias, a qualquer hora a gente precisa das arvores. Precisamos de tudo. De tudo que envolve o meio ambiente.

Aluno 07: Porque sem ele, é... (pausa). Primeiramente, não estaríamos aqui, pois não tem como, creio eu, não tem como o ser humano viver sem estar presente no meio ambiente, pois dele é que lhe tira o sustento.

É interessante perceber, a partir dos relatos dos alunos, que o aspecto da importância dada ao meio ambiente é relevante e são conscientes disso, até porque o cuidado ou não com ele coloca em jogo a própria sobrevivência do planeta. No entanto, é notório que a compreensão do que diz respeito ao meio ambiente por parte dos entrevistados resume-se aos interesses próprios da vida do ser humano, unicamente, e nunca numa visão mais completa que possa englobar os seres diversos que habitam na natureza, isto é, as diversas espécies animais e vegetais existentes no planeta. Quer dizer, o meio ambiente e sua importância sintetizam-se em possibilitar a sobrevivência do ser humano e nada mais.

A fim de modificar essa compreensão, concordamos que a educação ambiental deve acontecer no intuito de instigar reflexões que possam despertar as pessoas para o fato de que as ações dos homens estão comprometendo a dinâmica

¹¹ É importante destacar que todas as citações feitas ao longo dessa seção correspondem fielmente ao teor das respostas dadas pelos sujeitos da pesquisa. Portanto, a fonte de todo o conteúdo são os próprios dados da pesquisa transcritos para essa finalidade. Ademais, os nomes dos alunos foram guardados em sigilo e, por esse motivo, aparecerão sempre identificados como Alunos seguidos de uma sequência numérica de 01 a 10 atribuídos a eles aleatoriamente.

natural de tudo o que existe e se refere ao meio ambiente. As necessidades e desejos do homem só crescem, motivados pela lógica do consumo do sistema de produção capitalista atual. Por consequência, a intervenção desse mesmo homem na tentativa de atender às necessidades criadas por ele mesmo incursiona tensões e conflitos quanto ao uso do espaço e dos recursos da natureza (BRASIL, 1997, p. 174). Daí será sempre importante a elaboração e aplicação de atividades de educação ambiental que contemplem reflexão sobre esses aspectos.

É possível melhorar a percepção do nível das intervenções, quando se verifica que o ritmo natural dos fluxos no ambiente foi mudado, em função de necessidades humanas. A intensa utilização de matéria-prima, de fontes de energia, enfim, dos vários recursos naturais muitas vezes implica o seu esgotamento, comprometendo toda a dinâmica natural, impedindo inclusive a manutenção dos diversos ciclos (BRASIL, 1997, p. 208).

O cuidado com o meio ambiente é importante para a garantia da manutenção dos ciclos a que estão sujeitos todos os elementos da natureza, inclusive o homem. A esse respeito, afirma o Aluno 02 ao ser interrogado sobre o que compreende por meio ambiente: “[...] por meio ambiente é que é o lugar onde o ser humano pode ser livre, pode se comunicar com a natureza e sentir um só juntamente com ela” (Dados da Pesquisa). Quer dizer, é preciso que o homem compreenda-se como parte integrante de tudo o que existe na natureza e, por isso, depende do meio ambiente para a sua sobrevivência. Além disso, o referido aluno parecia adiantar o que refletiríamos com o estudo de J.-J. Rousseau no momento em que contrasta o modo de vida do homem que vivia segundo sua própria natureza, período denominado pelo autor de Genebra no qual o homem se via tal como o formou a natureza, do homem do estado de vida em associação.

O homem selvagem, abandonado pela natureza unicamente ao instinto, ou ainda, talvez, compensado do que lhe falta por faculdades capazes de a princípio supri-lo e depois elevá-lo muito acima disso, começará, pois, pelas funções puramente animais. Perceber e sentir será seu primeiro estado, que terá em comum com todos os outros animais; querer e não querer, desejar e temer, serão as primeiras e quase as únicas operações de sua alma, até que novas circunstâncias nela determinem novos desenvolvimentos (ROUSSEAU, 1978a, p. 243-44).

O esforço do autor de Genebra concentrava-se no sentido de separar os acréscimos atribuídos ao homem a partir do momento em que resolve viver em sociedade, daquilo que é original enquanto natureza humana. É a partir de sua decisão em favor da vida social que se cria, sempre mais, no próprio homem necessidades que lhe são artificiais. A partir de uma perspectiva ambiental, diríamos que o original na natureza humana segundo Rousseau evidencia-se nas inter-relações e na interdependência entre os diversos seres que habitam a natureza. “Domesticar a natureza” é, para o filósofo de Genebra, apreciar o simples, o intato e aterrador na natureza (DENT, 1996, p. 172).

5.2.2 Meio ambiente: acerca da relação que se dá na família e na comunidade

Outro aspecto abordado com os entrevistados dizia respeito à percepção deles para o que fazem as pessoas de sua convivência familiar e em nível de comunidade na relação com o meio ambiente.

Do mesmo modo que no tópico anterior, separamos algumas respostas dadas pelos alunos e julgamos apresentar a partir delas o modo como se dá a relação das pessoas do convívio familiar e comunitário dos sujeitos da pesquisa.

Professor: Em sua compreensão, como é a relação das pessoas de sua casa com o meio ambiente?

Aluno 04: É... (Longa pausa) As pessoas também tem relação com o meio ambiente, da minha casa e também procuram sempre me conscientizar para preservá-lo.

Aluno 07: Bem! A relação, como posso dizer (longa pausa). Creio eu que a relação da minha casa com o meio ambiente, por mais que não seja das melhores, assim, possível que poderia ser, a gente faz o possível para que não venhamos a poluir tanto assim o meio ambiente e sim preservá-lo.

Aula 09: Pra ser sincera, a minha mãe tem um costume muito feio de jogar lixo no muro, aí vou lá, pego o lixo e coloco dentro de uma sacola, mas eu digo: - Por favor, não jogue lixo na rua!

Professor: Em sua compreensão, como é a relação das pessoas de sua comunidade com o meio ambiente?

Aluna 04: Às vezes não são tão conscientes, né?, do que realmente está acontecendo com ele. Infelizmente não são todas as pessoas que se preocupam com ele, com o meio ambiente.

Aluno 07: infelizmente, a vizinhança do local onde vivo não se importa tanto assim com o meio ambiente, pois, na maioria das vezes, vejo pessoas jogando o próprio lixo ao redor das casas, ao invés de separá-los corretamente e esperar para que o trator [transporte utilizado na cidade para coleta de lixo] possa fazer a

coleta. E, também, além deles jogarem o lixo ao redor, eles ateião fogo prejudicando mais ainda o ambiente.

Aluna 09: Ninguém cuida, ninguém! Eu vejo muita gente jogando lixo na rua, cortando árvore, e não contribui em nada. Aí, quando, tipo, quando perder, aí vão dar valor.

Destacamos as respostas dos alunos acima para apontar algumas análises que podem ser feitas a partir delas. Primeiramente, as intervenções dos três sujeitos da pesquisa nos deixam transparecer que nem sempre, quando estão sob a tutela dos pais ou responsáveis, acontecem aspectos que favorecem construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente.

Indagados sobre a prática das pessoas de suas casas a respeito da relação com o meio ambiente, a Aluna 04 e o Aluno 07 afirmam ser alertados constantemente a fim de uma maior conscientização no que se refere à proteção ambiental. Nesses dois casos, podemos arguir que a educação ambiental acontece naqueles espaços de convívio familiar, independente de definir com qual intensidade, de modo a proporcionar a formação de cidadãos conscientes “[...] aptos a decidir e atuar na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade, local e global [...]” (BRASIL, 1997, p. 187).

Esses dois relatos parecem atentar para o que alertam os Parâmetros Curriculares Nacionais citados acima (BRASIL, 1997), através do Tema Transversal “Meio Ambiente”. Dois aspectos interessantes há de se destacar. Primeiro: não podemos esquecer jamais que “[...] a escola não é o único agente educativo e que os padrões de comportamento da família e as informações veiculadas pela mídia exercem especial influência sobre os adolescentes e jovens” (BRASIL, 1997, p. 188). Segundo: de que os trabalhos direcionados à construção de uma prática de preocupação com o meio ambiente devem envolver a todos a ponto de atingir maiores amplitudes além do espaço da Escola.

Para que esses trabalhos possam atingir essa amplitude, é necessário que toda a comunidade escolar (professores, funcionários, alunos e pais) assuma esses objetivos, pois eles se concretizarão em diversas ações que envolverão todos, cada um na sua função (BRASIL, 1997, p. 191).

Portanto, faz-se necessária a intervenção da família, especialmente os pais ou responsáveis, para a promoção da educação ambiental capaz de incentivar a

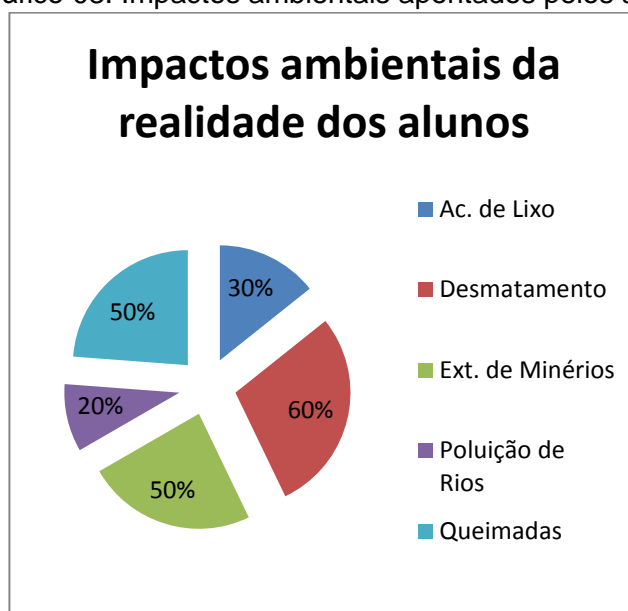
conscientização dos filhos na relação com o meio ambiente. Infelizmente nem sempre se dá desse modo. Por exemplo, a resposta dada pela Aluna 07 difere do que disseram os seus colegas. No caso dela, a “lição” de preocupação com o meio ambiente é dada por ela à sua própria mãe. A chamada de atenção dela acontece como reação ao ato praticado por sua genitora e que se caracteriza pela ausência de preocupação com o meio ambiente em vistas à falta de responsabilidade social.

Por falar nisso, as respostas dos alunos ao serem questionados sobre a relação das pessoas da comunidade com o meio ambiente são um tanto alarmantes e expressam exatamente o que acontece na dinâmica das cidades modernas pautada pela satisfação das necessidades e desejos crescentes. Na realidade dos nossos sujeitos da pesquisa não é diferente, ou seja, a intervenção na natureza para satisfazer suas necessidades e desejos crescentes, impulsionados pela lógica econômica de produção e consumo em larga escala (BRASIL, 1997, p. 174), leva os homens às práticas que ocasionam impactos ambientais.

5.2.3 Meio ambiente: Impactos ambientais da realidade dos alunos

A partir das respostas dadas pelos discentes ao serem perguntados sobre os tipos de impactos ambientais que são causados no meio ambiente em que vivem, elaboramos o gráfico a seguir:

Gráfico 03: Impactos ambientais apontados pelos alunos



Fonte: Dados da Pesquisa

A grande novidade expressa nos resultados do gráfico acima é o percentual referente à extração dos minérios. Por mais que se trate de um grupo de sujeitos pertencentes a uma comunidade que tem como atividade econômica principal exatamente a mineração, a metade dos alunos (50%) não consegue apontar esse tipo de trabalho como sendo o causador dos impactos ambientais da realidade deles.

Evidentemente, não estamos afirmando que os outros exemplos citados pelos entrevistados não sejam também responsáveis pela quebra no equilíbrio ecológico local por proporcionarem a poluição do ar, das águas e do solo, a extinção de espécies da fauna e da flora, o aniquilamento de ambientes naturais, etc. A propósito, configura-se como impacto ambiental as mudanças ou alterações ocorridas em virtude da ação do homem no meio ambiente de modo a instaurar desequilíbrios ecológicos. É o que os ambientalistas chamam de impacto negativo no ambiente.

No caso da realidade local, a atividade de extração do caulim promove necessariamente todos os outros exemplos de impactos ambientais citados pelos alunos e os desastres ocasionados pela mineração são visivelmente percebidos na realidade deles. É por essa razão o motivo pela nossa atitude de surpresa ao nos depararmos com os resultados expressos no gráfico anterior. Sinceramente, esperávamos unanimidade por parte dos indivíduos da pesquisa na ligação entre impactos ambientais e a atividade de extração mineral. Primeiro, porque a mineração promove a degradação do solo através do desmatamento, uma vez que se trata de material localizado no subsolo e que para a sua retirada faz-se necessária a devastação de campos ou florestas; em seguida, por se tratar de um tipo de rocha de granulometria fina que produz necessariamente excesso de resíduos que não podem ser devolvidos ao subsolo e que, portanto, permanecem amontoados no entorno do espaço físico da comunidade. Além disso, os resíduos espalhados a céu aberto promovem com a força dos ventos a poluição do ar, das águas e da vegetação.

Por outro lado, outro aspecto importante pode ser interpretado e que certamente nos ajuda a entender os resultados do gráfico 03. Os dados elencados expressam exatamente a realidade da comunidade que está sendo abordada no que se refere a não postura crítica de alguém que não se preocupa em enxergar além da lógica da acumulação de riquezas a qualquer custo, com exploração irrestrita dos

recursos naturais, afinal, “[...] cada espécie ameaçada é sinal de alerta para uma situação geral muito mais ampla, de grande perigo para todo um sistema do qual dependem os seres vivos” (BRASIL, 1997, p. 185). Certamente para se processar uma mudança urgente dos comportamentos humanos na relação com a natureza o tema da proteção ambiental na realidade aqui abordada, mais do que em tantos outros locais, faz-se necessário e precisa ser uma preocupação constante de todas as instituições sociais da comunidade, dentre elas, o espaço da Escola.

5.2.4 A educação ambiental na Escola

Por fim, a Entrevista Semiestruturada I abordou os alunos a respeito da existência ou não de atividades voltadas para a educação ambiental na Escola deles. Se sim, o que é feito e de que modo se dá. Além disso, o que pode ainda ser feito, a título de sugestão deles mesmos para futuras iniciativas a serem desenvolvidas ou ampliadas no espaço escolar.

Ao serem indagados sobre a presença do tema da proteção ambiental na Escola os alunos, em sua grande maioria, confirmaram presença constante do referido tema dentre as atividades desenvolvidas em sala de aula e da existência de trabalhos relacionados ao meio ambiente noutros espaços da Escola. Dos dez alunos (100%) entrevistados, sete deles (70%) não hesitaram em afirmar que a educação ambiental está presente na Escola e os outros três (30%) responderam que não é tema constante na Escola deles ou que as atividades não acontecem de maneira sistemática, sem muita preocupação com certa continuidade, ou seja, tratam-se de ações esporádicas ao longo do ano letivo.

E, finalmente, a entrevista abriu espaço para o posicionamento dos alunos enquanto levantamento de sugestões acerca de atividades futuras para o desenvolvimento de cuidado com o meio ambiente.

Professor: Que iniciativas poderiam ser tomadas em sua Escola para o desenvolvimento de preocupação de cuidado com o meio ambiente?

Aluna 03: Mais conscientização, palestras – dada a importância. Não só palestras, mas o ato: plantar, aguar, coisas desse tipo.

Aluna 05: É... (pausa). Teve um ano que teve tipo uma feirinha aqui na frente da Escola e as pessoas estavam, tipo, dando umas mudinhas de plantas. Não lembro qual foi o ano. “Tavam” dando umas mudinhas de plantas e eu achei muito interessante aquilo,

porque “tava”, é... incentivando plantar. Se tivesse mais isso, né?, as pessoas iam ter mais vontade de plantar, tudo mais.

Por meio das respostas dos alunos, o reconhecimento da necessidade de se instaurar postura de cuidado com o meio ambiente é unânime e que seja algo constante na Escola. Em nosso ponto de vista, os momentos de reflexão propiciados e desenvolvidos no espaço escolar atingem os objetivos delineados, pois eles mesmos citam atividades desenvolvidas há mais tempo e que sempre são por eles lembradas. Portanto, ações que instigam a reflexão, tais como palestras, bate-papos e outros são lembrados por eles e aparecem em suas respostas como sugestões para o futuro.

No entanto, além da reflexão também a ação. Por mais iniciativas que possam promover gestos concretos, é o que solicitam alguns dos entrevistados, mesmo que sejam simples atividades como, por exemplo, plantar árvores ou entregar mudas. Segundo a Aluna 05, uma ação realizada por eles poderá mobilizar, quem sabe, outras pessoas a fazerem da mesma forma ou ao menos se conscientizarem para o aspecto do cuidado para com o meio ambiente. Ademais, ao testemunharem gestos concretos dos alunos as pessoas da comunidade poderão pelo menos repensar as suas atitudes perante o meio ambiente.

5.3 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS RESPOSTAS

Diferente da primeira, a Entrevista Semiestruturada II foi realizada após a efetivação das atividades da ação educativa. O nosso intuito com esse instrumento de pesquisa era proporcionar espaço para que os sujeitos pudessem reafirmar pontos fundamentais contemplados ao longo das discussões e reflexões, muitas vezes até por contribuições deles mesmos, além da realização das aulas de campo.

Se com o questionário socioeconômico conseguimos traçar o perfil dos alunos participantes do estudo de caso, com a Entrevista I estruturamos um possível levantamento da compreensão apriorística da relação instaurada ou não com o meio ambiente no cotidiano dos alunos. Agora, a apresentação e a análise das respostas concedidas pelos discentes à Semiestruturada II terão o devido enfoque por meio do

presente tópico, além do nosso esforço em relacionar as respostas dessa Entrevista com as da Semiestruturada I.

Destarte, no que se refere às atividades desenvolvidas ao longo da ação educativa, as discussões fundamentadas no pensamento de Rousseau e as aulas de campo, principalmente, surtiram o efeito aguardado pela nossa proposta, a nosso ver. Às respostas por ocasião da segunda Entrevista, os alunos apresentavam mais segurança naquilo que expressavam e as respostas deles eram um tanto mais objetivas.

5.3.1 Contraste: harmonia da natureza e vida social em Rousseau

Inicialmente, incentivamos os alunos a expressarem aspecto do estudo feito a partir dos textos de Rousseau, mas, desde já, não seria algo no sentido de uma recapitulação geral de conteúdos estudados como se estivessem num processo de avaliação segundo os moldes tradicionais. Seria, na verdade, momento oportuno para expressarem algo a respeito do que foi abordado por meio do pensador de Genebra.

Sendo assim, lançamos proposta aos entrevistados para que pudessem fazer relação com os dias atuais a constatação de Rousseau, como contraste: harmonia da natureza e processo de vida social.

Aluna 03: Na harmonia da natureza, o homem vivia com as coisas básicas, o alimento, o dormir, somente, não se preocupava. Na vida social ele precisa ter um relacionamento, ele precisa fazer as coisas pensando no bem do próximo.

Aluna 07: A harmonia da natureza no que Rousseau dizia era quando, mais ou menos, quando vivíamos no passado onde nossas necessidades eram apenas se alimentar, reproduzir, e apenas isso: sobreviver. O homem tinha tudo o que era necessário para sobreviver, mas, ao deixar esse processo, este tipo de vida para interagir socialmente, ele de fato veio a criar novos problemas que vieram torná-lo um ser totalmente diferente do que era antes, ao deixar várias virtudes que tinha e ganhar novas dificuldades para ele, que ele faz o possível para que elas sejam supridas.

Aluna 10: Bom, a harmonia da natureza é o que ele chama de estado natural, né? Então, era quando ele tinha necessidades que só a natureza podia oferecer a ele o que ele necessitava, né? Ele subia nas árvores para comer os frutos que comiam e, assim, ia. Pegava água do rio, dormia e acordava no outro dia para fazer o mesmo. E o processo de vida social já é na idade moderna, né?, que é quando

ele cria possibilidades e constrói casas, prédios, e, né?, só até impactos ambientais também.

De um modo geral, podemos sustentar que as três respostas dos alunos expressam, de fato, o que lhes fora pedido, isto é, relacionar a afirmação de Rousseau às ações do homem atual na tentativa de apresentar aspectos da sociedade contemporânea.

Conforme destacou a Aluna 03, certamente faz referência às discussões levantadas em sala de aula na tentativa de compreensão do que Rousseau enfatizara através da representação da hipotética “idade de ouro” da humanidade. O pensador de Genebra tinha a intenção de explicar, com isso, o período no qual o homem vivia somente segundo as suas necessidades naturais, algo que não se coadunava com o formato atual de estado social quando o homem se sente incentivado a criar necessidades artificiais. Se antes, afirmava Rousseau (1978a, p. 238), a natureza oferecia “[...] a cada passo, provisões e abrigos aos animais de qualquer espécie [...]”, numa perfeita harmonia entre o homem e a natureza, o estado de sociedade provocou a saída daquele da sua condição primordial lançando-o para fora da natureza e dando origem ao estado de dependência total.

Os três alunos fazem referência, portanto, ao fato de que, antes, “[...] os únicos bens que [o homem] conhece no universo são a alimentação, uma fêmea e o repouso [...]” (ROUSSEAU, 1978a, p. 244); agora, motivado pelas sucessivas necessidades inesperadas, sente a dependência do outro e da propriedade, imbuído do forte sentimento de concorrência passa a elaborar sempre mais artifícios supérfluos, tornando-se escravo das coisas e dos outros.

5.3.2 Domínio da natureza pelo homem: com que interesse?

Em seguida, a fim de que o aluno pudesse enfatizar a relação do homem com a natureza instaurada hodiernamente e as suas possíveis motivações, lançamos indagação a respeito de como essa relação se efetiva na compreensão mesma dos alunos. Para tanto, separamos três respostas que puderam expressar a visão do grupo com relação a esse aspecto.

Professor: Em sua opinião, de que modo o homem interfere na natureza ao seu redor?

Aluno 02: Ele interfere de várias formas, mas a principal é com a exploração desenfreada dos recursos naturais, para gerar renda própria.

Aluna 03: Na extração de caulim, no desmatamento, nas queimadas, na poluição.

Aluna 09: Ele interfere quando faz desmatamento, quando faz fins lucrativos. É isso!

O posicionamento dos alunos, acima destacado, nos leva a sustentar que as atividades desenvolvidas *in loco* imprimiram compreensão mais realista do que acontece na relação instaurada pelos seus semelhantes com a natureza. Tal relação se dá na comunidade local de modo extremamente utilitarista, isto é, que visa atender os interesses pessoais na ganância pelo lucro, pelo acúmulo de bens e, conseqüentemente, incentivando os homens a ações com a finalidade da satisfação de suas necessidades. Logo, as ações dos homens – reconhecem os alunos, tão bem enfatizados em suas respostas - ocasionam os impactos ambientais de modo a instaurar desequilíbrio ecológico na realidade local.

5.3.3 Prática concreta: a busca pela sustentabilidade

A fim de incursionar os alunos envolvidos na pesquisa a refletir sobre práticas concretas para a efetivação de um cuidado com o meio ambiente, incluímos na segunda entrevista inquirição a respeito do conceito de “sustentabilidade”. A nossa intenção era sondar o nível de consciência dos nossos alunos e, conseqüentemente, da comunidade local a respeito da compreensão mesma deles sobre atividades relacionadas a uma prática responsável e consciente dos recursos da natureza.

Segundo o Tema Transversal “Meio Ambiente”, dos PCNs (BRASIL, 1997, p. 178), compreende-se por sustentabilidade:

Sustentabilidade, assim, implica o uso dos recursos renováveis de forma qualitativamente adequada e em quantidades compatíveis com sua capacidade de renovação, em soluções economicamente viáveis de suprimento das necessidades, além de relações sociais que permitam qualidade adequada de vida para todos.

As respostas dadas pelos sujeitos da pesquisa, de um modo geral, estão em consonância com a afirmação acima citada. Daí, julgamos como sendo algo positivo, pois é sinal de que os alunos assumiram em suas falas posicionamentos

caracterizados por um nível elevado de conscientização acerca de que as ações de hoje poderão causar danos irreparáveis às gerações futuras.

Ao final dessas análises, o sentimento que nos define é o de preocupação e alento. Primeiro, porque nos urge, sempre mais, a necessidade de se repensar as práticas atuais de relação com o meio ambiente, marcadamente caracterizadas pelo desejo premente de posses e motivadas pela lógica da produção em vistas ao consumo desenfreado. Entretanto, o que nos tranqüiliza é saber que quando se propõe a jovens alunos problematizar a relação natureza e sociedade a partir do modo como se dá entre eles e o que testemunhamos é o florescimento do sentimento de pertença ao meio natural como sendo parte do ser de cada um.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa quis proporcionar discussões no espaço de sala de aula de filosofia que pudessem conduzir os participantes das atividades desenvolvidas à construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente. Evidentemente, a nossa postura de pesquisador não se deu como a de alguém que procura receita pronta ou formula definida para a resolução de um problema que acontece na realidade, mas, ao contrário, a de quem reconhece que há compreensões diversas sob um mesmo fato, por mais que pareça ser algo dado. Nesse sentido, reconhecemos que a filosofia pode auxiliar a quem assim desejar melhor compreensão da realidade por meio do estímulo ao desenvolvimento de um raciocínio sistemático e de uma leitura crítica que possa ir além do que está aparentemente definido ou apenas como nos é posto.

Sendo assim, o problema ambiental deve ser tomado a partir de um vigor filosófico, defendeu a nossa proposta de ação educativa. Para tanto, tivemos a constante preocupação de que se faz necessária a compreensão de um ensino de filosofia que se preocupa com a interpretação da realidade sob os diversos aspectos que a perpassa no intuito de chegar à problematização da questão proposta, mas não na pretensão de esgotar a discussão. Para tanto, a filosofia estimula o pensamento racional capaz de refletir os acontecimentos para além do que se consegue captar de imediato.

A partir de nossas inquietudes enquanto professor de filosofia, ao presenciarmos no cotidiano de uma realidade específica ações dos homens de modo a promover os impactos ambientais, fomos instigados a pensar maneira de relacionar o saber da filosofia aos problemas ambientais testemunhados a fim de promover construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente.

Primeiramente, a nossa pesquisa aconteceu no âmbito da teoria através de uma fundamentação filosófica que nos servisse como ponto de partida para uma reflexão acerca das práticas do homem moderno a fim de que pudéssemos compreender a relação que se dá entre natureza e sociedade na realidade local de Equador/RN. Nesse sentido, é importante frisar que o entendimento do conceito de natureza em Rousseau enquanto recurso constante na elaboração de seu pensamento figurou em nossa pesquisa como fundamentação capaz de nos

direcionar na problematização do que acontece no cotidiano atual de uma realidade específica.

Em seguida, partimos para a prática através da realização de pesquisa qualitativa com a abordagem de estudo de caso em busca da compreensão holística (cf. YIN, 2015, p. 04) de um problema, de uma situação em questão. De outro modo, buscamos compreender dentro de um ambiente ou contexto contemporâneo da vida real um caso, dentro de um sistema delimitado pelo tempo e pelo lugar, como a filosofia no Ensino Médio poderá ser trabalhada colocando em pauta a discussão a respeito da relação natureza e sociedade a partir das práticas cotidianas que acontecem numa comunidade local.

Portanto, por meio do desenvolvimento de ação educativa e de pesquisa de estudo de caso, os sujeitos participantes tiveram oportunidade de deixar transparecer o modo como se dá a relação com o meio ambiente no cotidiano deles. Por exemplo, da real importância atribuída ao meio ambiente conservado enquanto fator primordial capaz de tornar possível a sobrevivência no planeta. Entretanto, a referência ao longo das falas dos alunos resume-se aos interesses próprios da vida do ser humano, unicamente, e nunca numa visão mais completa que possa englobar os seres diversos que habitam a natureza.

Aqui já podemos apontar possível contribuição efetivada, e que, das conclusões às quais apontamos como êxito de nossa pesquisa, o seguinte demonstrativo: em contraposição à constatação inicial, relatada no parágrafo anterior, a nossa pesquisa proporcionou aos alunos vivenciarem como atividades integrantes da ação educativa contatos *in loco* tanto da própria realidade deles, ao participarem de caminhadas no entorno da cidade, quanto da ação realizada por motivo da visita à Reserva de Proteção Ambiental “Verde Pastos”. Ambas representaram momentos oportunos para refletirem a respeito do que estamos fazendo com o meio ambiente, no caso da caminhada pelo entorno da cidade, e do porque é importante a preservação ambiental para a manutenção da vida dos seres, em suas várias espécies.

No que se refere à atividade prática realizada na Reserva de Proteção Ambiental “Verde Pastos”, contato com os diversos animais, a possibilidade de poderem visualizar uma vegetação nativa intacta, isto é, que não sofreu interferência do homem no sentido de devastá-la, de poderem desfrutar da exuberante paisagem formada com a combinação das árvores, das águas, dos pássaros, das flores, etc.,

causou impacto positivo nos discentes participantes da pesquisa a ponto de relatarem em momentos de socialização o quanto a natureza preservada é importante.

Nesse sentido, julgamos que a escolha pela realização das referidas atividades puderam ocasionar a problematização, por parte dos alunos do que acontece na realidade local deles, a saber, o desenvolvimento da atividade de extração mineral para fins econômicos promove necessariamente impactos ambientais negativos por meio da degradação do solo através do desmatamento, da poluição do ar, das águas e da vegetação, ocasionando a extinção da fauna e da flora e que, portanto, faz-se necessária a construção constante de uma prática de cuidado com o meio ambiente.

Ademais, que a discussão aqui fomentada não receba um ponto final, com o término de nossa exposição, mas que o nosso texto seja o início de tantas outras propostas a serem desenvolvidas a fim de fomentar práticas que promovam o reequilíbrio ecológico necessário para uma qualidade de vida para todos.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de. **A questão da Filosofia e sua introdução: o despertar de uma tonalidade afetiva (stemning) fundamental**. In: ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de. A superação da metafísica na filosofia de Kierkegaard e de Heidegger: as tonalidades afetivas (Stemninger, Stimmungen) como arché da filosofia, páthos do filosofar. São Paulo: LiberArs, 2018, p. 37-80.
- ASPIS, Renata Lima; GALLO, Sílvio. **Ensinar Filosofia: um livro para professores**. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.
- BALIEIRO, Marcos Ribeiro. Natureza e degradação moral em Jean-Jacques Rousseau. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, São Paulo, v. 2, n. 21, p. 53-63, fev. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/56549/59605>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- BECKER, Evaldo. Natureza, ética e sociedade em Rousseau. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, São Paulo, v. 2, n. 21, p. 31-42, fev. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/58318/61323>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- BEZERRA, Gustavo Cunha. A ordem da natureza e o caos da sociedade em Rousseau. **Perspectiva Filosófica**, Recife, v. 1, n. 39, p. 101-110, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/perspectivafilosofica/article/view/230216>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- BEZERRA, Gustavo Cunha. **A ordem da natureza no pensamento filosófico e religioso de Jean-Jacques Rousseau**. Tese (Doutorado em Filosofia), Universidade Estadual de Campinas, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281173>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- BEZERRA, Gustavo Cunha. Natureza e transparência em Rousseau. **Coloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 9, n. 1, p. 62-68, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/394996607/504-4015-2-PB-pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto-Portugal: Porto, 1994.
- BRAGA, E. C. Relações e paralelos entre Rousseau e a ecologia radical contemporânea. **Griot – Revista de Filosofia**, Amargosa, v. 8, n. 2, p. 201-225, dez. 2013. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/559/278>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 20 jan. 2020.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Meio Ambiente**. Brasília: MEC/SEF, 1997, p. 167-242. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/meioambiente.pdf>. Acesso em 20 jan. 2020.

CAMPANER, Sônia. **Filosofia: ensinar e aprender**. São Paulo: Livraria Saraiva, 2012.

CASSIRER, E. **A questão Jean-Jacques Rousseau**. Tradução: Erlon José Paschoal. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia: como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Rousseau: vida e obra**. In: ROUSSEAU, J.-J. Obras. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. VI-XXIV.

CORREIA, Mary Lúcia Andrade. Rousseau: meio ambiente e ética ambiental. **Revista Jurídica Luso Brasileira**, Lisboa, ano 1, n. 3, p. 1245-1269, 2015. Disponível em: http://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2015/3/2015_03_1245_1269.pdf. Acesso em: 20 jan. 2020.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2013.

DENT, N.J.H. **Dicionário de Rousseau**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

DOZOL, Marlene de Souza. Rousseau e uma Filosofia da paisagem. **Educativa**, Goiânia, v. 20, n. 1, p. 122-137, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/5868/3221>. Acesso em 20 jan. 2020.

ESPÍNDOLA, Arlei de. Rousseau e Sêneca: da crítica das luzes à defesa da virtude. **Revista Tempo da Ciência**, Toledo, v. 14, n. 27, p. 09-21, jan.-jul. 2007. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/1561/1272>. Acesso em: 20 jan. 2020.

FORTES, Luis Roberto Salinas. **Rousseau: da teoria à prática**. São Paulo: Ed. Ática, 1976.

GHEDIN, Evandro. **Ensino de Filosofia no Ensino Médio**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 2. ed. São Paulo, 2011.

HERMANN, Nadja. Rousseau: o retorno à natureza. In: CARVALHO, Isabel Cristina de; GRÜN, Mauro; TRAJBER, Rachel (Org). **Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental**. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, p. 93-109, 2006.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao4.pdf>. Acesso em 20 jan. 2020.

KUNTZ, Rolf. **Fundamentos da teoria política de Rousseau**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2012.

LARRÈRE, Catherine. Jean-Jacques Rousseau: o retorno da natureza? **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, São Paulo, v. 2, n. 21, p. 93-109, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/56546>. Acesso em 20 jan. 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARQUES, José Oscar de Almeida. **Reflexos de Rousseau**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2007.

MARUYAMA, Natália. **A Contradição entre o Homem e o Cidadão**: consciência e política segundo J.-J. Rousseau. São Paulo: Humanitas - Fapesp, 2001.

PITANO, Sandro de Castro; NOAL, Rosa Elena. Horizontes de diálogo em educação ambiental: contribuições de Milton Santos, Jean-Jacques Rousseau e Paulo Freire. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n.03, p. 283-298, dez. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982009000300014&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 20 jan. 2020.

PRADO JUNIOR, Bento. **A retórica de Rousseau e outros ensaios**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

RODRIGO, Lídia Maria. **Filosofia em sala de aula**: teoria e prática para o ensino médio. Campinas: Autores Associados, 2009.

ROSSI, Vera Helena Saad. As múltiplas personas de Jean-Jacques Rousseau em Os Devaneios do Caminhante Solitário. **Kalíope**, n. 7, ano 4, p. 101-111, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/n0cecsx>. Acesso em: 20 jan. 2020.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Carta a Christophe de Beaumont**. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. Carta a Christophe de Beaumont.e outros escritos sobre a religião e a moral. José Oscar de Almeida Marques (org.). São Paulo: Estação Liberdade, 2005a, p. 37-118.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Cartas Escritas da Montanha**. Tradução e notas de Maria Constança Peres Pissarra. São Paulo: Editora UNESP Educ, 2006.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Cartas a Malesherbes**. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. Carta a Christophe de Beaumont.e outros escritos sobre a religião e a moral. José Oscar de Almeida Marques (org.). São Paulo: Estação Liberdade, 2005b, p. 17-36.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Confissões de Jean-Jacques Rousseau**. Tradução e prefácio de Wilson Lousada. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica Editora, 1965.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução de Lourdes Santos Machado, (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1978a, p. 215-327.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre as Ciências e as Artes**. Tradução de Lourdes Santos Machado, (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Editora Nova Cultural, 1978b, p. 329-352.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do Contrato Social**. Trad. Ricardo Marcelino Palo Rodrigues. São Paulo: Hunterbooks, 2014.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da educação**. São Paulo: Edipro, 2017a.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas**. Tradução de Fúlvia Moretto. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Júlia ou A Nova Heloísa**. Tradução e introdução de Fúlvia Maria Moretto. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Os devaneios do caminhante solitário**. Trad. Júlia da Rosa Simões. Brasília: Porto Alegre: L&PM, 2017b.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Resposta de J.-J. Rousseau ao rei da Polônia, Duque de Lorena**. Tradução de Lourdes Santos Machado, (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Editora Nova Cultural, 1978c, pp. 375-391.

SEMENOV, Márcia Maria Rodrigues. O naturalismo de Rousseau. **Filosofia, Ciência & Vida**, São Paulo, Editora Araguaia, n. 80, ano VI, mar. 2013, p. 63-70.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24. ed. São Paulo, Cotez: 2016.

SILVA, Alessandro Costa da; VIDAL, Mariângela; PEREIRA, Madson Godoi. **Impactos ambientais causados pela mineração e beneficiamento de caulim**. In: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0370-44672001000200010. Acesso em: 13/07/2018.

SIMPSON, Matthew. **Compreender Rousseau**. Tradução de Hélio Magri Filho. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOUZA FILHO, Homero Santos. A natureza nos devaneios de Rousseau: refúgio e felicidade. **Pergaminho**, Patos de Minas, UNIPAM, p. 16-24, nov. 2011. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/175145465/A-Natureza-Nos-Devaneios-de-Rousseau>. Acesso em: 20 jan. 2020.

STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau**: a transparência e o obstáculo; seguido de Sete ensaios sobre Rousseau. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

VICENTE, José João Neves Barbosa. A “Sociedade Moderna” na visão de Rousseau. **Prometeus**, n. 24, set.-dez, 2017. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/5928>. Acesso em: 18/11/2018.

WOKLER, Robert. **Rousseau**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SÓCIOECONÔMICO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



PESQUISA: “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: EVANILSON ALVES DUTRA

PROFESSOR ORIENTADOR: DR. TELMIR DE SOUZA SOARES

1 SOCIAL

1.1 Idade: ____ anos. **Sexo** () M () F

1.2 Estado civil: () solteiro(a) () casado(a) () separado(a) () viúvo(a)
() outro _____

1.3 Número de filhos: () nenhum () está gestante () 1 () 2 () 3 ()
mais de 3

1.4 Em relação à cor da pele, como você se considera:

- () Branco () Pardo () Preto
() Amarelo (oriental) () Vermelho (indígena) () Amarelo(a) de origem asiática
() Prefiro não declarar

1.5 Naturalidade:

- () Brasileiro (a)
() Estrangeiro (a)
Qual país? _____

1.6 Em que localidade da cidade seu domicílio se encontra?

- () Bairro na periferia da cidade
() Bairro na região central da cidade
() Bairro no centro expandido da cidade
() Condomínio residencial fechado
() Conjunto habitacional (CDHU, COHAB, Cingapura, BNH, etc.)
() Favela / Cortiço
() Região rural (chácara, sítio, fazenda, aldeia, etc.)
() Outro: _____
() Mora com os pais () avós () tios () sozinho (a)
() outros _____

1.7 Você apresenta algum tipo de deficiência?

- ☐ Visual
- ☐ Motora/Física
- ☐ Não apresento nenhum tipo de deficiência

1.8 Você tem outra necessidade especial?

- ☐ Transtorno Global do Desenvolvimento
- ☐ Altas Habilidades/Superdotação
- ☐ Outra
- ☐ Não tenho nenhuma necessidade especial

1.9 Você participa de entidade (s) ou associação (ões)?

(pode assinalar mais de uma)

- ☐ Associação de bairro ou de moradores
- ☐ Associação ou movimento ligado à luta de minorias
- ☐ Associação pastoral ou eclesial
- ☐ Associação de pais e mestres
- ☐ Sindicato de trabalhadores ou patronal
- ☐ Organização não governamental ou filantrópica
- ☐ Outros tipos de associações ou entidades.

Quais? _____

- ☐ Não participo.

1.10 Em relação à religião, você diria que é:

- ☐ Ateísta
- ☐ Agnóstico
- ☐ Acredito em Deus mas não sigo nenhuma religião
- ☐ Católico
- ☐ Católico não praticante
- ☐ Protestante (evangélico, batista, mórmon, calvinista, luterano, testemunha de Jeová ou outro)
- ☐ Espírita kardecista
- ☐ Praticante de religião afro-brasileira (umbanda, candomblé)
- ☐ Budista
- ☐ Muçulmano
- ☐ Judeu
- ☐ Tenho outra religião.

Qual? _____

- ☐ Prefiro não declarar

1.11 Qual a sua procedência?

- ☐ Zona Rural
- ☐ Zona Urbana

1.12 Você mora em casa própria?

- ☐ Não
- ☐ Sim

2 PROFISSIONAL

JORNADA DE TRABALHO

2.1 Você possui algum emprego remunerado? () Não () Sim

2.2 Qual função exerce nesse emprego? _____

Carga horária semanal: _____ horas

2.3 Você participa de estágio remunerado? () Não () Sim

2.4 Qual função exerce nesse estágio? _____

Carga horária semanal: _____ horas

2.5 Você trabalha em algum emprego não remunerado? () Não () Sim

Qual função exerce nesse trabalho? _____

Carga horária semanal: _____ horas

2.6 Você teve de mudar seu horário normal de aula por causa desse emprego e ou estágio? () Não () Sim

NÍVEL SALARIAL

() 1/2-1 Salário Mínimo () 1-2 Salários Mínimos () 2-3 Salários Mínimos () 3-5 Salários Mínimos () 5-10 Salários Mínimos () 10-20 Salários Mínimos () Mais de 20 Salários Mínimos

NÍVEL SALARIAL FAMILIAR

() 1/2-1 Salário Mínimo () 1-2 Salários Mínimos () 2-3 Salários Mínimos () 3-5 Salários Mínimos () 5-10 Salários Mínimos () 10-20 Salários Mínimos () Mais de 20 Salários Mínimos

3 ESTUDO

3.1 Quanto tempo dedica aos estudos semanalmente? _____ horas

3.2 Quanto tempo dedica ao estudo dos conteúdos da disciplina Filosofia semanalmente? ____ horas

3.3 Qual é sua reação ao saber que terá aula da disciplina de filosofia?

Muito triste	Triste	Indiferente	Feliz	Muito feliz

4 CULTURAL/BENS DE CONSUMO OU DE ACESSO

4.1 Tem computador em casa?

() Não () Sim

4.2 Tem acesso à internet na sua residência?

() Não () Sim

4.3 O que costuma ver/pesquisar na internet?

4.4 Costuma acessar internet de que equipamento?

4.5 Com qual das atividades citadas abaixo você ocupa mais tempo?

- () Televisão
() Teatro
() Cinema
() Música
() Dança
() Artesanato
() Leitura
() Internet
() Nenhuma dessas atividades

4.6 Qual é o meio que você mais utiliza para se manter informado sobre os acontecimentos atuais?

- () Jornal escrito
() Jornal falado (TV)
() Jornal falado (Rádio)
() Revistas
() Através de pessoas
() Internet
() Nenhum desses

4.7 Você participa de alguma rede social?

() Não () Sim

Qual(is)? _____

4.8 Enumere em ordem crescente, conforme a sua preferência, a rede social que mais gosta:

- () Facebook
() Instagram
() Twitter
() Whatsapp

APÊNDICE B - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



PESQUISA: “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: EVANILSON ALVES DUTRA

PROFESSOR ORIENTADOR: DR. TELMIR DE SOUZA SOARES

- O que você compreende por meio ambiente?
- Qual a sua relação com o meio ambiente?
- Você acha importante o aspecto do cuidado ao meio ambiente?
- Você se preocupa com o cuidado com o meio ambiente?
- Se sim, o que você faz?
- Se não, como desenvolver, em sua opinião, cuidado com o meio ambiente?
- Para você, por que o meio ambiente é tão importante?
- Em sua compreensão, como é a relação das pessoas de sua casa com o meio ambiente?
- Em sua compreensão, como é a relação das pessoas de sua comunidade com o meio ambiente?
- Quais problemas você apontaria para uma suposta falta de cuidado em sua comunidade com o meio ambiente?
- O que você considera como problema ambiental?
- Por que o meio ambiente preservado é importante?
- Em sua opinião, existem investimentos (setores privado e público) para a conservação do meio ambiente? Se sim, você acha suficiente?
- Que tipos de impactos ambientais são causados no meio ambiente em que você vive?
- O tema da proteção ambiental está presente em sua escola?
- Existe algum tipo de trabalho relacionado à proteção ambiental em sua escola?
- Que iniciativas poderiam ser tomadas em sua escola para o desenvolvimento de preocupação de cuidado com o meio ambiente?

APÊNDICE C - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



PESQUISA: “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: EVANILSON ALVES DUTRA

PROFESSOR ORIENTADOR: DR. TELMIR DE SOUZA SOARES

- De que modo você compreende na sociedade atual o que Rousseau constatou como contraste: harmonia da natureza e processo de vida social?
- Em sua opinião, de que modo o homem interfere na natureza ao seu redor?
- Você acha que existe interesse do homem em dominar a natureza?
- Que interesses seriam esses?
- Existe respeito na relação homem e natureza na sociedade atual?
- Que fatores você apontaria que poderão ser determinantes para o esgotamento dos recursos naturais ao seu redor?
- O que você compreende por sustentabilidade?
- Assim como Rousseau, você considera a natureza como um espetáculo?
- Você dedica tempo para o contato com a natureza?
- Você costuma caminhar à pé, fazer passeio por entre florestas, apreciar a natureza?
- O que dizer da afirmação de Rousseau de que a natureza nos criou para a felicidade e só em meio a ela podemos ser felizes?

APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO N.001: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



PESQUISA: “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: EVANILSON ALVES DUTRA

PROFESSOR ORIENTADOR: DR. TELMIR DE SOUZA SOARES

DATA: Set./2019

ENTREVISTADA: Aluna 01

ÁUDIO: 03'42”

Professor: *O que você compreende por meio ambiente?*

Aluna 01: Bom, eu acho que o Meio Ambiente é muito importante pra gente, ser humano, porque acima de tudo ele produz oxigênio e a gente tem que preservar isso.

Professor: *Qual a sua relação com o meio ambiente?*

Aluna 01: Eu gosto bastante, é... a gente tem um sítio e todo domingo a gente tá lá no sítio, fazendo, cuidando do Meio Ambiente. A gente tem muita plantação, lá tem muita coisa.

Professor: *Você acha importante o aspecto do cuidado com o meio ambiente?*

Aluna 01: Demais, muito importante.

Professor: *Você se preocupa com o cuidado com o meio ambiente?*

Aluna 01: Sim.

Professor: *O que você faz?*

Aluna 01: Bom, eu, quando vejo assim, alguma coisa que eu possa ajudar no Meio Ambiente: plantar, aguar... eu procuro sempre fazer.

Professor: *Para você, por que o meio ambiente é tão importante?*

Aluna 01: Porque eu acho que a gente, assim, sem o Meio Ambiente a gente não é nada, porque a gente respira o oxigênio que ele dá, a gente come os frutos que ele dá também.

Professor: *Em sua compreensão, como é a relação das pessoas de sua casa com o meio ambiente?*

Aluna 01: Assim, é intermediário, não muito e não pouco também.

Professor: *Em sua compreensão, como é a relação das pessoas de sua comunidade com o meio ambiente?*

Aluna 01: Muito pouca.

Professor: *Quais problemas você apontaria para uma suposta falta de cuidado de sua comunidade com o meio ambiente?*

Aluna 01: Eu acho que o desmatamento, você cuidar, você plantar a planta e não cuidar dela, deixar ela ficar no sol exposta.

Professor: *O que você considera como problema ambiental?*

Aluna 01: Eu acho que, o desmatamento e você não recorrer lá de novo. Você tirar e não repor o que a natureza deu. Queimadas.

Professor: *Por que o meio ambiente preservado é importante?*

Aluna 01: Por que, como eu disse, a gente não seria nada sem ele e é muito importante você preservar, você... cura a vista olhando as coisas da natureza, é muito lindo.

Professor: *Em sua opinião, existem investimentos (setor privado e público) para a conservação do meio ambiente?*

Aluna 01: Muito poucas.

Professor: *Você acha suficiente?*

Aluna 01: Não.

Professor: *Que tipos de impactos ambientais são causados no meio ambiente em que você vive?*

Aluna 01: Aqui são as queimadas, o desmatamento.

Professor: *O tema da proteção ambiental está presente em sua Escola?*

Aluna 01: Tá.

Professor: *Existe algum tipo de trabalho relacionado à proteção ambiental em sua Escola?*

Aluna 01: Sim. Já teve uma feira de uma exposição da natureza.

Professor: *Que iniciativas poderiam ser tomadas em sua Escola para o desenvolvimento de preocupação de cuidado com o meio ambiente?*

Aluna 01: Eu acho que, assim, na escola, a gente poderia sair plantando árvores, a gente como aluno. O professor levar a gente, pra gente plantar, cuidar daquela planta.

APÊNDICE E - TRANSCRIÇÃO N.002: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



PESQUISA: “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: EVANILSON ALVES DUTRA

PROFESSOR ORIENTADOR: DR. TELMIR DE SOUZA SOARES

DATA: Set./2019

ENTREVISTADO: Aluno 02

ÁUDIO: 04'00”

Professor: *O que você compreende por meio ambiente?*

Aluno 02: O que eu compreendo por Meio Ambiente, é um lugar onde o ser humano pode ser livre, pode se comunicar com a natureza e sentir um só juntamente com ela.

Professor: *Qual a sua relação com o meio ambiente?*

Aluno 02: Bom, confesso que eu não tenho muita relação com a natureza. Só quando eu estou praticando caminhadas, onde eu me sinto mais calmo quando estou estressado e pratico esportes. Junta o ambiente que eu me sinto livre que é justamente onde tem matos, é... árvores, vegetação, pássaros. Onde me sinto mais calmo.

Professor: *Você acha importante o aspecto do cuidado com o meio ambiente?*

Aluno 02: Bastante, porque é vital o cuidado com Meio Ambiente para a sobrevivência do próprio homem.

Professor: *Você se preocupa com o cuidado com o meio ambiente?*

Aluno 02: Sim, me preocupo bastante.

Professor: *O que você faz?*

Aluno 02: Bom, tento não desmatar tanto quanto as pessoas. Planto algumas árvores em casa, participo de algumas ações sociais também.

Professor: *Para você, por que o meio ambiente é tão importante?*

Aluno 02: Porque ele faz parte do nosso planeta e sem o Meio Ambiente não existe o homem.

Professor: *Em sua compreensão, como é a relação das pessoas de sua casa com o meio ambiente?*

Aluno 02: Alguns tem mais (uma parte da resposta não foi possível a compreensão) semelhante a mim, por exemplo, meus tios e meu pai, eles plantam roçados, árvores. Têm cuidado também.

Professor: *Em sua compreensão, como é a relação das pessoas de sua comunidade com o meio ambiente?*

Aluno 02: Indiferente! Jogam lixo onde não deveriam, desmatam, fazem queimadas sem se importar.

Professor: *Quais problemas você apontaria para uma suposta falta de cuidado de sua comunidade com o meio ambiente?*

Aluno 02: Extração, “desmatação” e queimadas.

Professor: *O que você considera como problema ambiental?*

Aluno 02: O descuido do homem para com o próprio Meio Ambiente.

Professor: *Por que o meio ambiente preservado é importante?*

Aluno 02: (Longa pausa). Ajudaria na própria vida do homem, seja com mais oxigênio das árvores ou com mais biodiversidade. O que atrairia turismo e renda para o país.

Professor: *Em sua opinião, existem investimentos (setor privado e público) para a conservação do meio ambiente?*

Aluno 02: (Longa pausa). Não.

Professor: *Você acha suficiente?*

Aluno 02: Não

Professor: *Que tipos de impactos ambientais são causados no meio ambiente em que você vive?*

Aluno 02: Extração de minérios, corte de lenha e queimadas de resíduos.

Professor: *O tema da proteção ambiental está presente em sua Escola?*

Aluno 02: Sim

Professor: *Existe algum tipo de trabalho relacionado à proteção ambiental em sua Escola?*

Aluno 02: Sim. Uma horta caseira.

Professor: *Que iniciativas poderiam ser tomadas em sua Escola para o desenvolvimento de preocupação de cuidado com o meio ambiente?*

Aluno 02: Incentivar a prática de mais plantas, realizar ações sociais e palestras, mutirões, incentivando os próprios moradores da própria comunidade.

APÊNDICE F - TRANSCRIÇÃO N.003: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



PESQUISA: “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: EVANILSON ALVES DUTRA

PROFESSOR ORIENTADOR: DR. TELMIR DE SOUZA SOARES

DATA: Set./2019

ENTREVISTADA: Aluna 03

ÁUDIO: 03'28''

***Professor:** O que você compreende por meio ambiente?*

Aluna 03: É o meio onde nós vivemos.

***Professor:** Qual a sua relação com o meio ambiente?*

Aluna 03: É boa.

***Professor:** Você acha importante o aspecto do cuidado com o meio ambiente?*

Aluna 03: Sim.

***Professor:** Você se preocupa com o cuidado com o meio ambiente?*

Aluna 03: Sim.

***Professor:** O que você faz?*

Aluna 03: Eu não jogo lixo nas ruas e conscientizo as outras pessoas a não fazerem isso.

***Professor:** Para você, por que o meio ambiente é tão importante?*

Aluna 03: Por que, como eu falei, é onde nós vivemos e dele nós obtemos o sustento.

***Professor:** Em sua compreensão, como é a relação das pessoas de sua casa com o meio ambiente?*

Aluna 03: É boa.

***Professor:** Em sua compreensão, como é a relação das pessoas de sua comunidade com o meio ambiente?*

Aluna 03: Eu creio que não é interessante. Elas não se preocupam.

***Professor:** Quais problemas você apontaria para uma suposta falta de cuidado de sua comunidade com o meio ambiente?*

Aluna 03: (Longa pausa) O lixo nas ruas.

***Professor:** O que você considera como problema ambiental?*

Aluna 03: Os impactos causados pelo homem, no ambiente, no meio.

***Professor:** Por que o meio ambiente preservado é importante?*

Aluna 03: Por que nos dá uma condição de vida melhor.

***Professor:** Em sua opinião, existem investimentos (setor privado e público) para a conservação do meio ambiente?*

Aluna 03: Sim.

Professor: *Você acha suficiente?*

Aluna 03: Não. Eu creio que outras empresas deveriam aderir e fazer também porque não são todas.

Professor: *Que tipos de impactos ambientais são causados no meio ambiente em que você vive?*

Aluna 03: As queimadas, o lixo como já falei e o desmatamento.

Professor: *O tema da proteção ambiental está presente em sua Escola?*

Aluna 03: Sim.

Professor: *Existe algum tipo de trabalho relacionado à proteção ambiental em sua Escola?*

Aluna 03: Sim.

Professor: *Que iniciativas poderiam ser tomadas em sua Escola para o desenvolvimento de preocupação de cuidado com o meio ambiente?*

Aluna 03: Mais conscientização, palestras – dada a importância. Não só palestras, mas o ato: plantar, aguar, coisas desse tipo.

APÊNDICE G - TRANSCRIÇÃO N.004: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



PESQUISA: “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: EVANILSON ALVES DUTRA

PROFESSOR ORIENTADOR: DR. TELMIR DE SOUZA SOARES

DATA: Set./2019

ENTREVISTADA: Aluna 04

ÁUDIO: 05'20"

Professor: *O que você compreende por meio ambiente?*

Aluna 04: O que eu compreendo por Meio Ambiente é que é o meio onde vivemos e que precisamos, né?, para sobreviver. É... é isso. Onde estamos, o meio onde vivemos e que precisamos.

Professor: *Qual a sua relação com o meio ambiente?*

Aluna 04: Eu gosto muito do Meio Ambiente, gosto de apreciar bastante, ou seja, eu gosto muito de preservar por ele, porque é um meio que é muito importante, né?, para o nosso viver.

Professor: *Você acha importante o aspecto do cuidado com o meio ambiente?*

Aluna 04: Muito, muito importante.

Professor: *Você se preocupa com o cuidado com o meio ambiente?*

Aluna 04: Sim.

Professor: *O que você faz?*

Aluna 04: Me preocupo bastante e procuro sempre estar conscientizando minhas... as pessoas que estão por perto.

Professor: *Para você, por que o meio ambiente é tão importante?*

Aluna 04: É importante porque, é... precisamos dele, todos os dias, a qualquer hora a gente precisa das árvores, precisamos do... de tudo. De tudo que envolve o Meio Ambiente.

Professor: *Em sua compreensão, como é a relação das pessoas de sua casa com o meio ambiente?*

Aluna 04: (Longa pausa). É... as pessoas também têm relação com o Meio Ambiente, da minha casa e também, procuram sempre me conscientizar para preservá-lo.

Professor: *Em sua compreensão, como é a relação das pessoas de sua comunidade com o meio ambiente?*

Aluna 04: Às vezes não são tão conscientes, né?, do que realmente está acontecendo com ele. Infelizmente não são todas as pessoas que se preocupam com ele, com o Meio Ambiente.

Professor: *Quais problemas você apontaria para uma suposta falta de cuidado de sua comunidade com o meio ambiente?*

Aluna 04: *(Longa pausa).* É... os lixos jogados nas ruas que encontramos muito aqui, as queimadas. Visível, né? E entre outros.

Professor: *O que você considera como problema ambiental?*

Aluna 04: É... São os impactos ambientais que têm. É... As queimadas, é... todos os impactos que têm. A extração de Caulim, entre outros.

Professor: *Por que o meio ambiente preservado é importante?*

Aluna 04: Por que como eu já falei, todos precisam do Meio Ambiente, ou seja, ele preservado ninguém vai se preocupar em tá... Temos que sempre estar conscientizando as pessoas. E é muito importante preservá-lo.

Professor: *Em sua opinião, existem investimentos (setor privado e público) para a conservação do meio ambiente?*

Aluna 04: Não. Acho que seria suficiente muito mais investimentos.

Professor: *Você acha suficiente?*

Aluna 04: Não.

Professor: *Que tipos de impactos ambientais são causados no meio ambiente em que você vive?*

Aluna 04: Extração de Caulim, queimadas, muito lixo nas ruas também, entre outros.

Professor: *O tema da proteção ambiental está presente em sua Escola?*

Aluna 04: Está, um pouco, né? Em palestras.

Professor: *Existe algum tipo de trabalho relacionado à proteção ambiental em sua Escola?*

Aluna 04: Sim. Palestras, sempre os professores estão dando exemplos de problemas ambientais e que a gente deve evitar sempre e é isso.

Professor: *Que iniciativas poderiam ser tomadas em sua Escola para o desenvolvimento de preocupação de cuidado com o meio ambiente?*

Aluna 04: Acho que palestras e o que os professores falam são suficientes. Agora, cabe a nós, é... fazer o que eles pedem, né, o que eles dizem.

APÊNDICE H - TRANSCRIÇÃO N.005: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



PESQUISA: “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: EVANILSON ALVES DUTRA

PROFESSOR ORIENTADOR: DR. TELMIR DE SOUZA SOARES

DATA: Set./2019

ENTREVISTADA: Aluna 05

ÁUDIO: 06'04''

Professor: *O que você compreende por meio ambiente?*

Aluna 05: Meio Ambiente é o lugar onde a gente vive, que é muito importante pra gente, pra nossa sobrevivência e tudo mais.

Professor: *Qual a sua relação com o meio ambiente?*

Aluna 05: É... é boa. Tipo assim, eu não sou uma pessoa muito conservadora mas, também não sou uma pessoa que destrói. Eu preservo que eu acho necessário que precise pra gente, pra mim.

Professor: *Você acha importante o aspecto do cuidado com o meio ambiente?*

Aluna 05: Sim, muito importante.

Professor: *Você se preocupa com o cuidado com o meio ambiente?*

Aluna 05: Sim.

Professor: *O que você faz?*

Aluna 05: É... eu evito jogar lixo, é, deixa eu ver o quê... lá em casa a gente, tipo os plásticos, a gente dá para uma pessoa que passa recolhendo plástico, latinha o meu tio vende e essas coisas.

Professor: *Para você, por que o meio ambiente é tão importante?*

Aluna 05: Ah, porque eu acho que a gente depende dele pra tudo, pra nossa sobrevivência ele é muito importante.

Professor: *Em sua compreensão, como é a relação das pessoas de sua casa com o meio ambiente?*

Aluna 05: Como eu falei, meu tio, ele recicla latinha, ele vende. Minha mãe, ela doa os plásticos para pessoas que passam recolhendo, essas coisas.

Professor: *Em sua compreensão, como é a relação das pessoas de sua comunidade com o meio ambiente?*

Aluna 05: É... assim, não generalizando, mas nem todo mundo tem o cuidado para reciclar, pra... o cuidado com o Meio Ambiente, não todo mundo... tem umas pessoas que sim, que se importam. Mas tem pessoas que não têm esse cuidado não.

Professor: *Quais problemas você apontaria para uma suposta falta de cuidado de sua comunidade com o meio ambiente?*

Aluna 05: É... muito lixo amontado nas ruas das pessoas, deixa a cidade feia, né?, porque joga em qualquer canto, fica jogando. Quando tem festa, por exemplo, é muita latinha, muito litro, papel de pelota, essas coisas que deixam a cidade feia. Depois da feira, muita fruta fica ali no chão da feira e essas coisas.

Professor: *O que você considera como problema ambiental?*

Aluna 05: *(Longa pausa).* Eu acho que... *(pausa).* A falta de água é um problema ambiental, eu acho, as queimadas, é... a extração de Caulim é um problema ambiental.

Professor: *Por que o meio ambiente preservado é importante?*

Aluna 05: Porque a gente precisa dele preservado.

Professor: *Em sua opinião, existem investimentos (setor privado e público) para a conservação do meio ambiente?*

Aluna 05: Sim e não. Eu acho que pouco para o tanto que é... que é...

Professor: *Você acha suficiente?*

Aluna 05: Não. Eu não acho suficiente. Eu acho que tem mas não é suficiente para o tanto que é destruído.

Professor: *Que tipos de impactos ambientais são causados no meio ambiente em que você vive?*

Aluna 05: É... a extração de Caulim, que deixa, tipo a gente fez esse negócio, né. Que fica feia, a cidade fica feia, como as muitas coisas de Caulim é no início da cidade aí as pessoas já entram e já tem aquela visão... tudo branco lá. E também aquela poeira faz mal, aquele negócio do pó do Caulim faz mal para as pessoas que vão passando lá, para as pessoas que trabalham.

Professor: *O tema da proteção ambiental está presente em sua Escola?*

Aluna 05: Sim, não tanto quanto deveria, mas sim.

Professor: *Existe algum tipo de trabalho relacionado à proteção ambiental em sua Escola?*

Aluna 05: É... não sempre, mas já teve palestras, já teve trabalhos sobre o Meio Ambiente, essas coisas.

Professor: *Que iniciativas poderiam ser tomadas em sua Escola para o desenvolvimento de preocupação de cuidado com o meio ambiente?*

Aluna 05: É... teve, um ano que teve tipo uma feirinha aqui na frente da escola e as pessoas estavam, tipo, dando umas mudinhas de planta. Não lembro qual foi o ano. Tavam dando umas mudinhas de planta e eu achei muito interessante aquilo, porque tava, é... incentivando plantar. Se tivesse mais isso, né?, as pessoas iam ter mais vontade de plantar, tudo mais.

APÊNDICE I - TRANSCRIÇÃO N.006: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



PESQUISA: “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: EVANILSON ALVES DUTRA

PROFESSOR ORIENTADOR: DR. TELMIR DE SOUZA SOARES

DATA: Set./2019

ENTREVISTADA: Aluna 06

ÁUDIO: 04'52''

Professor: *O que você compreende por meio ambiente?*

Aluna 06: Onde vivemos e nosso espaço e as florestas, essas coisas. É o que compreendo como Meio Ambiente.

Professor: *Qual a sua relação com o meio ambiente?*

Aluna 06: Não é muito... não é muito próxima não, porque assim, é... eu fico mais em casa, essas coisas, aí não tenho muita relação com o Meio Ambiente. Só quando eu saio, assim, para o sítio com meus pais e tal, só isso.

Professor: *Você acha importante o aspecto do cuidado com o meio ambiente?*

Aluna 06: Sim.

Professor: *Você se preocupa com o cuidado com o meio ambiente?*

Aluna 06: também.

Professor: *O que você faz?*

Aluna 06: É... procuro, é... mostrar as pessoas que não devemos matar aquelas plantas naquele local onde sabe que pode ser preservado. E também, planto junto com meu pai no sítio pra que tenha mais plantas e tal.

Professor: *Para você, por que o meio ambiente é tão importante?*

Aluna 06: Porque é onde nós vivemos e precisamos preservar isso.

Professor: *Em sua compreensão, como é a relação das pessoas de sua casa com o meio ambiente?*

Aluna 06: *(Longa pausa).* É... eu e minhas irmãs não é muito não, mas meus pais sim porque minha mãe sempre as plantas, essas coisas e meu pai sempre tem mais contato com o Meio Ambiente porque ele trabalha nesse aspecto também.

Professor: *Em sua compreensão, como é a relação das pessoas de sua comunidade com o meio ambiente?*

Aluna 06: A maioria das pessoas não ligam com o Meio Ambiente, é o que eu acho.

Professor: *Quais problemas você apontaria para uma suposta falta de cuidado de sua comunidade com o meio ambiente?*

Aluna 06: É... tem o lixão que é céu aberto e tem muita gente que vai e arranca aquele local e num volta lá e preserva, não planta novamente e acaba se desgastando tudo.

Professor: *O que você considera como problema ambiental?*

Aluna 06: *(Longa pausa).* É... deixa eu ver. Eu acho que... pode ser a poluição visual que a gente vê muito por aí. Até no Caulim, a gente passa lá, a visão é totalmente diferente, quando passa de lá, é uma visão mais suave e até o ar fica melhor.

Professor: *Por que o meio ambiente preservado é importante?*

Aluna 06: Porque ele é melhor para todo mundo.

Professor: *Em sua opinião, existem investimentos (setor privado e público) para a conservação do meio ambiente?*

Aluna 06: Sim.

Professor: *Você acha suficiente?*

Aluna 06: Não.

Professor: *Que tipos de impactos ambientais são causados no meio ambiente em que você vive?*

Aluna 06: Como eu já falei, poluição visual, é... *(pausa)* deixa eu ver aqui mais. Tem também a extração de minério, né?, que eles vão, eles extraem o minério e não repõem lá e fica aquilo aberto, onde chove e corre pros rios.

Professor: *O tema da proteção ambiental está presente em sua Escola?*

Aluna 06: Sim.

Professor: *Existe algum tipo de trabalho relacionado à proteção ambiental em sua Escola?*

Aluna 06: Sim.

Professor: *Que iniciativas poderiam ser tomadas em sua Escola para o desenvolvimento de preocupação de cuidado com o meio ambiente?*

Aluna 06: Eu acho que a escola já fez muita coisa, que, o que agora a gente tem que fazer é (a gente) tomar nossa atitude e se reunir juntamente com a escola e fazer o trabalho para que todo mundo, para que dê certo. Plantar mudas, fazer campanhas, esse tipo de coisa.

APÊNDICE J - TRANSCRIÇÃO N.007: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



PESQUISA: “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: EVANILSON ALVES DUTRA

PROFESSOR ORIENTADOR: DR. TELMIR DE SOUZA SOARES

DATA: Set./2019

ENTREVISTADO: Aluno 07

ÁUDIO: 08'32”

Professor: *O que você compreende por meio ambiente?*

Aluno 07: Bem, o Meio Ambiente, resumindo, foi a origem de tudo. Viemos dele e eu acho que, necessariamente, devemos preservar ele cada vez mais porque sem ele estamos mortos, porque dele é que tiramos nosso sustento e realmente devemos preservar porque não temos outro meio de vida sem que dependa dele.

Professor: *Qual a sua relação com o meio ambiente?*

Aluno 07: Bem, minha relação com o Meio Ambiente, pra ser sincero, eu não... como posso dizer. Bem, minha relação com o Meio Ambiente, eu diria que é uma relação agradável, pois para o Meio Ambiente eu não costumo, como as demais pessoas, poluí-lo ou desmatá-lo. Muito pelo contrário, eu com minha mãe lá em casa, a gente geralmente costuma separar os lixos corretamente, como, por exemplo, plásticos em apenas uma sacola e assim por demais.

Professor: *Você acha importante o aspecto do cuidado com o meio ambiente?*

Aluno 07: Sim, muito. Acho muito importante, pois o Meio Ambiente, ele, como posso dizer, não há outra coisa igual a ele, em sociedade que o homem possa fazer, assim. Pois o homem ele veio do Meio Ambiente e é necessário que a gente cuide dele. O aspecto de cuidado com o Meio Ambiente é muito importante, pois como eu falei na questão anterior, não podemos sobreviver sem ele. Seria como não ter cuidado com o próprio alimento.

Professor: *Você se preocupa com o cuidado com o meio ambiente?*

Aluno 07: Sim.

Professor: *O que você faz?*

Aluno 07: Como eu falei, na outra questão anterior, eu, em casa, separo os resíduos que vão para o lixo e quando vou ao sítio, às vezes no final de semana com minha mãe, eu costumo plantar com a minha avó.

Professor: *Para você, por que o meio ambiente é tão importante?*

Aluno 07: Porque sem ele, é... Primeiramente, não estaríamos aqui. Pois não tem como, creio eu, não tem como o ser humano viver sem estar presente no Meio Ambiente, pois dele é quem lhe tira o sustento.

Professor: *Em sua compreensão, como é a relação das pessoas de sua casa com o meio ambiente?*

Aluno 07: Bem, a relação... como posso dizer (*longa pausa*). Creio eu que a relação da minha casa com o Meio Ambiente, por mais que não seja das melhores, assim, possível que poderia ser, a gente faz o possível para que não venhamos a poluir tanto assim o Meio Ambiente e sim preservá-lo.

Professor: *Em sua compreensão, como é a relação das pessoas de sua comunidade com o meio ambiente?*

Aluno 07: Infelizmente, a vizinhança do local onde vivo não se importa tanto assim com o Meio Ambiente, pois, na maioria das vezes, vejo pessoas jogando o próprio lixo ao redor das casas, ao invés de separá-los corretamente e esperar para que o trator possa fazer a coleta. E, também, além deles jogarem o lixo ao redor, eles ateião fogo prejudicando mais ainda o ambiente.

Professor: *Quais problemas você apontaria para uma suposta falta de cuidado de sua comunidade com o meio ambiente?*

Aluno 07: (Questão não respondida).

Professor: *O que você considera como problema ambiental?*

Aluno 07: Bem, o que eu considero como problema ambiental, hoje, não é só o desmatamento, como também os incêndios que ocorrem na floresta, a caça aos animais e também áreas que são tomadas para plantação.

Professor: *Por que o meio ambiente preservado é importante?*

Aluno 07: O Meio Ambiente preservado é importante, pois, como posso dizer... ele vai abranger uma diversidade de coisas nas quais outros ambientes não têm. Como, por exemplo, animais e plantas novas.

Professor: *Em sua opinião, existem investimentos (setor privado e público) para a conservação do meio ambiente?*

Aluno 07: Bem, é... pode ser que tenha mas, infelizmente, não é algo comum de a gente ver, porque seja o governo ou o Estado, eles só tomam medidas sérias para combater o que faz mal ao Meio Ambiente, quando o próprio ambiente está, como podemos dizer, nas últimas.

Professor: *Você acha suficiente?*

Aluno 07: Não. Precisa melhorar bastante.

Professor: *Que tipos de impactos ambientais são causados no meio ambiente em que você vive?*

Aluno 07: Bem, é... poluição, desmatamento, acho que só.

Professor: *O tema da proteção ambiental está presente em sua Escola?*

Aluno 07: Bem, é... a nossa escola, ela já, em algumas vezes, realiza o papel de incentivar a nós, alunos, para que a gente tenha uma educação ambiental boa. Que, por exemplos, é... podemos separar o lixo em casa, que em vez de desmatar as árvores, é... plantássemos mais, coisas do tipo.

Professor: *Existe algum tipo de trabalho relacionado à proteção ambiental em sua Escola?*

Aluno 07: Bem, não existe assim, um trabalho, como posso dizer... não existe um trabalho, assim, da escola exatamente que se preocupe com o Meio Ambiente. Mas a escola, de fato, ela ensina a gente a preservar o Meio Ambiente e os professores questionam bastante isso em certas vezes durante a aula, para, como posso dizer... citam casos de desmatamentos, de incêndios e falta de investimento do... como posso dizer... das pessoas que são... do Estado, sabe? Meio que assim, com o Meio Ambiente.

Professor: *Que iniciativas poderiam ser tomadas em sua Escola para o desenvolvimento de preocupação de cuidado com o meio ambiente?*

Aluno 07: Bem, como o senhor mesmo está realizando esse trabalho com a gente, sim. Existem diversas coisas que a escola poderia fazer cada vez mais, como até fazer trabalhos sociais na rua para demonstrar como preservar o Meio Ambiente, ensinar... não só falar para os alunos, mas ensinar para eles o que seria certo a fazer para que o Meio Ambiente possa... possa ser preservado cada vez mais.

APÊNDICE K - TRANSCRIÇÃO N.008: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



PESQUISA: “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: EVANILSON ALVES DUTRA

PROFESSOR ORIENTADOR: DR. TELMIR DE SOUZA SOARES

DATA: Set./2019

ENTREVISTADA: Aluna 08

ÁUDIO: 05'18"

Professor: *O que você compreende por meio ambiente?*

Aluna 08: É algo necessário que traz a visão melhor para o local onde a gente vive.

Professor: *Qual a sua relação com o meio ambiente?*

Aluna 08: Acho que é uma relação mais ou menos que, eu acho que nem todas as pessoas têm uma relação boa como devia, nem todo mundo se preocupa.

Professor: *Você acha importante o aspecto do cuidado com o meio ambiente?*

Aluna 08: Sim.

Professor: *Você se preocupa com o cuidado com o meio ambiente?*

Aluna 08: Sim.

Professor: *O que você faz?*

Aluna 08: Eu não jogo lixo nas ruas que já ajuda bastante e divido o lixo onde é, no lugar de cada coisa necessária.

Professor: *Para você, por que o meio ambiente é tão importante?*

Aluna 08: Como eu disse na pergunta anterior, traz uma vista melhor para a gente, uma vista bem mais bonita para o local que a gente vive.

Professor: *Em sua compreensão, como é a relação das pessoas de sua casa com o meio ambiente?*

Aluna 08: Eu acho que pra, tanto faz... pras pessoas lá de casa porque jogam lixo na rua de toda forma. Acho que tanto faz para eles.

Professor: *Em sua compreensão, como é a relação das pessoas de sua comunidade com o meio ambiente?*

Aluna 08: Eu acho que... é muito boa porque só tem algumas pessoas que se importam de verdade com o meio ambiente.

Professor: *Quais problemas você apontaria para uma suposta falta de cuidado de sua comunidade com o meio ambiente?*

Aluna 08: (Longa pausa). O lixo jogado na rua, é...

Professor: *O que você considera como problema ambiental?*

Aluna 08: (Longa pausa). Não valorizar o meio ambiente, é..., jogar lixo, muitas coisas com caulim também que prejudica bastante.

Professor: *Por que o meio ambiente preservado é importante?*

Aluna 08: Porque além de estar mais bonito, é um ar bem mais limpo.

Professor: Em sua opinião, existem investimentos (setor privado e público) para a conservação do meio ambiente?

Aluna 08: Acho.

Professor: Você acha suficiente?

Aluna 08: Não.

Professor: Que tipos de impactos ambientais são causados no meio ambiente em que você vive?

Aluna 08: A “desmatção”, né? Que tem muito e essas coisas de caulim que prejudica bastante.

Professor: O tema da proteção ambiental está presente em sua Escola?

Aluna 08: Sim.

Professor: Existe algum tipo de trabalho relacionado à proteção ambiental em sua Escola?

Aluna 08: Existe.

Professor: Que iniciativas poderiam ser tomadas em sua Escola para o desenvolvimento de preocupação de cuidado com o meio ambiente?

Aluna 08: Eu acho que os professores já fazem as partes dele, a maioria, e a gente era quem teria ter mais precaução.

APÊNDICE L - TRANSCRIÇÃO N.009: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



PESQUISA: “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: EVANILSON ALVES DUTRA

PROFESSOR ORIENTADOR: DR. TELMIR DE SOUZA SOARES

DATA: Set./2019

ENTREVISTADA: Aluna 09

ÁUDIO: 07'22”

Professor: *O que você compreende por meio ambiente?*

Aluna 09: Bom, Eu acho que o meio ambiente é algo muito importante pra todo mundo, você tem que cuidar, preservar, e é isso.

Professor: *Qual a sua relação com o meio ambiente?*

Aluna 09: Eu cuido do meio ambiente, não gosto de jogar lixo na rua e quando eu vejo alguém jogando lixo na rua eu vou lá e apanho porque a gente tem que cuidar.

Professor: *Você acha importante o aspecto do cuidado com o meio ambiente?*

Aluna 09: Sim.

Professor: *Você se preocupa com o cuidado com o meio ambiente?*

Aluna 09: Muito.

Professor: *O que você faz?*

Aluna 09: Como eu falei, eu não jogo lixo na rua, e tipo, quando eu vejo alguém cortando uma árvore eu me preocupo muito e peço pra pessoa não cortar.

Professor: *Para você, por que o meio ambiente é tão importante?*

Aluna 09: Porque assim, eu acho, na minha opinião, que se a gente não cuidar dele, do meio ambiente, a gente não vive mais. Tem que ter o cuidado, porque é muito, muito importante o meio ambiente. A gente tem que preservar...

Professor: *Em sua compreensão, como é a relação das pessoas de sua casa com o meio ambiente?*

Aluna 09: Pra ser sincera, a minha mãe tem um costume muito feio de jogar lixo no muro, aí eu vou lá, pego o lixo e coloco dentro de uma sacola, mas eu digo, por favor, não jogue lixo na rua.

Professor: *Em sua compreensão, como é a relação das pessoas de sua comunidade com o meio ambiente?*

Aluna 09: Ninguém cuida, ninguém! Eu vejo muita gente jogando lixo na rua, cortando árvore, e não contribui em nada, aí quando, tipo, quando perder, aí vão dar valor.

Professor: *Quais problemas você apontaria para uma suposta falta de cuidado de sua comunidade com o meio ambiente?*

Aluna 09: Eu acho que as pessoas, tipo... jogar lixo na rua, e tal, acho que é preguiça que elas têm de preservar, de cuidar. Acho que elas pensam, ah... deixa

que se cuida sozinho, então. Mas, é... se você não cuidar, você mesmo tem que cuidar, correr atrás...

Professor: *O que você considera como problema ambiental?*

Aluna 09: É, cortar as árvores, é colocar fogo nas... é, quando eu passei ontem na minha rua, tinha um pessoal colocando fogo, e tinha uma fumaça enorme, e jogar lixo no meio da rua porque é um problema muito grave.

Professor: *Por que o meio ambiente preservado é importante?*

Aluna 09: Porque, como eu já falei, você tem que cuidar, preservar... porque se não acaba isso tudo que a gente está vivendo, é isso.

Professor: *Em sua opinião, existem investimentos (setor privado e público) para a conservação do meio ambiente?*

Aluna 09: Acho que não.

Professor: *Você acha suficiente?*

Aluna 09: Não

Professor: *Que tipos de impactos ambientais são causados no meio ambiente em que você vive?*

Aluna 09: Sim, tem gente que toca fogo, né?, nas coisas e lixos também, e matos, e cortar árvore. Na minha rua cortam muitas árvores, porque dizem que a raiz faz isso, e tal.

Professor: *O tema da proteção ambiental está presente em sua Escola?*

Aluna 09: Agora sim por conta que você ta trazendo isso pra gente.

Professor: *Existe algum tipo de trabalho relacionado à proteção ambiental em sua Escola?*

Aluna 09: Agora tá tendo.

Professor: *Que iniciativas poderiam ser tomadas em sua Escola para o desenvolvimento de preocupação de cuidado com o meio ambiente?*

Aluna 09: Trazer palestras, trazer pessoas que entendem disso pra colocar na cabeça de cada pessoa, é, de cada aluno para eles entenderem que faz mal não cuidar do meio ambiente.

APÊNDICE M - TRANSCRIÇÃO N.010: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



PESQUISA: “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: EVANILSON ALVES DUTRA

PROFESSOR ORIENTADOR: DR. TELMIR DE SOUZA SOARES

DATA: Set./2019

ENTREVISTADA: Aluna 10

ÁUDIO: 04'46''

Professor: *O que você compreende por meio ambiente?*

Aluna 10: Para mim, meio ambiente são as florestas, o oceano, reservas ecológicas...

Professor: *Qual a sua relação com o meio ambiente?*

Aluna 10: Bom, eu me preocupo com o Meio Ambiente até porque é de onde vem a vida, a maioria dos seres vivos do planeta vem do Meio Ambiente.

Professor: *Você acha importante o aspecto do cuidado com o meio ambiente?*

Aluna 10: Muito.

Professor: *Você se preocupa com o cuidado com o meio ambiente?*

Aluna 10: Muito, muito, muito.

Professor: *O que você faz?*

Aluna 10: Bom, evito jogar lixo na rua. Se eu vejo alguma coisa que pode prejudicar o meio ambiente eu pego e coloco no lixo. Eu água as plantinhas de minha casa. Eu tenho uma horta em minha casa. É isso aí.

Professor: *Para você, por que o meio ambiente é tão importante?*

Aluna 10: É importante porque é vida, né? É isso.

Professor: *Em sua compreensão, como é a relação das pessoas de sua casa com o meio ambiente?*

Aluna 10: A mesma da minha. Todo mundo da minha casa se preocupa com o meio ambiente e fazem por onde ele ser um ambiente habitável.

Professor: *Em sua compreensão, como é a relação das pessoas de sua comunidade com o meio ambiente?*

Aluna 10: Bom, eu não conheço a de todos mas eu tenho uma vizinha que me preocupa, que ela sempre joga lixo na rua e não faz por onde colocar num canto certo e ela joga até água com sabão e os produtos de limpeza no meio da rua e eu fico preocupada com isso. Mas acho que não é só ela que faz isso.

Professor: *Quais problemas você apontaria para uma suposta falta de cuidado de sua comunidade com o meio ambiente?*

Aluna 10: Bom, eu poderia ir na casa deles conversar e até chamar a vigilância sanitária porque é grave.

Professor: *O que você considera como problema ambiental?*

Aluna 10: Os impactos humanos.

Professor: *Por que o meio ambiente preservado é importante?*

Aluna 10: É como eu disse lá no início. É importante porque é vida, né, e vida deve ser cuidada e preservada.

Professor: *Em sua opinião, existem investimentos (setor privado e público) para a conservação do meio ambiente?*

Aluna 10: É. Não é desapontável, até porque tem, na minha comunidade (não sei na cidade toda) mas tem saneamento básico, tem a coleta de lixo toda semana.

Professor: *Você acha suficiente?*

Aluna 10: Não.

Professor: *Que tipos de impactos ambientais são causados no meio ambiente em que você vive?*

Aluna 10: É mais a dispersão do lixo mesmo, que as pessoas jogam muito, na minha comunidade. É isso aí.

Professor: *O tema da proteção ambiental está presente em sua Escola?*

Aluna 10: De alguma forma sim.

Professor: *Existe algum tipo de trabalho relacionado à proteção ambiental em sua Escola?*

Aluna 10: Sim. Tem sim.

Professor: *Que iniciativas poderiam ser tomadas em sua Escola para o desenvolvimento de preocupação de cuidado com o meio ambiente?*

Aluna 10: Bom, mais palestras incentivadoras, né?, porque é o lugar a gente vive e tem que ser preservado e mais viagens como a sua que nos levou a uma Reserva Ecológica. Que lá a gente viu como é importante preservar a natureza, né?, o Meio Ambiente.

APÊNDICE N - TRANSCRIÇÃO N.011: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



PESQUISA: “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: EVANILSON ALVES DUTRA

PROFESSOR ORIENTADOR: DR. TELMIR DE SOUZA SOARES

DATA: Dez./2019

ENTREVISTADA: Aluna 01

ÁUDIO: 02'24”

Professor: *De que modo você compreende na sociedade atual o que Rousseau constatou como contraste: harmonia da natureza e processo de vida social?*

Aluna 01: Harmonia da natureza é porque é uma coisa natural, uma coisa sem ganância, uma coisa que lá acho que você acha a felicidade sem ter que derrubar ninguém e o processo de vida social é uma coisa criada pelo homem, tem ganância, tem ódio, inveja, coisas e recursos que vai caber só a você, não para beneficiar ninguém além de você.

Professor: *Em sua opinião, de que modo o homem interfere na natureza ao seu redor?*

Aluna 01: Destruindo, desmatando, tocando fogo nas coisas.

Professor: *Você acha que existe interesse do homem em dominar a natureza?*

Aluno 01: Acho que Sim.

Professor: *Que interesses seriam esses?*

Aluna 01: Riqueza, muita riqueza, ganância que eles têm.

Professor: *Existe respeito na relação homem e natureza na sociedade atual?*

Aluna 01: Não.

Professor: *Que fatores você apontaria que poderão ser determinantes para o esgotamento dos recursos naturais ao seu redor?*

Aluna 01: Eu acho que explosões, a busca pelo minério que aqui na região tem, do caulim, queimadas.

Professor: *O que você compreende por sustentabilidade?*

Aluna 01: Sustentabilidade é a forma de tirar recursos da natureza sem agredir tanto.

Professor: *Assim como Rousseau, você considera a natureza como um espetáculo?*

Aluna 01: Sim

Professor: *Você dedica tempo para o contato com a natureza?*

Aluna 01: Um pouco.

Professora: *Você costuma caminhar à pé, fazer passeio por entre florestas, apreciar a natureza?*

Aluna 01: Sim

Professor: *O que dizer da afirmação de Rousseau de que a natureza nos criou para a felicidade e só em meio a ela podemos ser felizes?*

Aluna 01: Eu acho que quando ele diz isso, eu acho que a gente não precisa viver num mundo de ódio, de ganância, que com pouca coisa a gente pode ser feliz, e essas coisas a gente pode encontrar na natureza.

APÊNDICE O - TRANSCRIÇÃO N.012: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



PESQUISA: “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: EVANILSON ALVES DUTRA

PROFESSOR ORIENTADOR: DR. TELMIR DE SOUZA SOARES

DATA: Dez./2019

ENTREVISTADO: Aluno 02

ÁUDIO: 03'47”

Professor: *De que modo você compreende na sociedade atual o que Rousseau constatou como contraste: harmonia da natureza e processo de vida social?*

Aluno 02: A cada dia mais o homem se distancia da natureza, assim como tava ocorrendo na época de Rosseau, continua da mesma forma hoje. Cada dia mais o homem se distancia e não se importa, não se importa com a natureza ou com o meio sustentável. Em questão ao fator social, cada vez mais cresce os grandes centros urbanos como cidades, povoados, mas desrespeitando a natureza.

Professor: *Em sua opinião, de que modo o homem interfere na natureza ao seu redor?*

Aluno 02: Ele interfere de várias formas, mas a principal é com a exploração desenfreada dos recursos naturais, para gerar renda própria.

Professor: *Você acha que existe interesse do homem em dominar a natureza?*

Aluno 02: Sim.

Professor: *Que interesses seriam esses?*

Aluno 02: O financeiro, com a exploração desenfreada como disse anteriormente e a renda para o próprio bolso.

Professor: *Existe respeito na relação homem e natureza na sociedade atual?*

Aluno 02: Na grande maioria não, mas ainda existem ONGS ou pessoas que se importam com a natureza e assim criam algumas reservas florestais ou parques.

Professor: *Que fatores você apontaria que poderão ser determinantes para o esgotamento dos recursos naturais ao seu redor?*

Aluno 02: Cada vez mais a exploração, sem preocupação de alguma forma para compensar, seja com o replantio de árvore ou sem saber o que fazer com o rejeito de minerais e outros materiais.

Professor: *O que você compreende por sustentabilidade?*

Aluno 02: O ato de você conseguir aproveitar os recursos mas da mesma forma garantir o mesmo aproveitamento para as próximas gerações, sem comprometê-las.

Professor: Assim como Rousseau, você considera a natureza como um espetáculo?

Aluno 02: Mais que espetáculo, considero a natureza como algo de suma importância pois nosso planeta ele necessita da natureza. Sem natureza, obviamente, sem planeta.

Professor: Você dedica tempo para o contato com a natureza?

Aluno 02: Sim.

Professora: Você costuma caminhar à pé, fazer passeio por entre florestas, apreciar a natureza?

Aluno 02: Sim, costumo fazer trilhas de bicicleta e a pé e observar a vegetação ao meu redor.

Professor: O que dizer da afirmação de Rousseau de que a natureza nos criou para a felicidade e só em meio a ela podemos ser felizes?

Aluno 02: A natureza meio que nos completa, você sente paz em contato com isso, com a vegetação, com a vida animal, com a biodiversidade em geral. Como Rousseau tinha um relacionamento íntimo com a natureza, isso completava ele e da mesma forma que pode nos completar.

APÊNDICE P - TRANSCRIÇÃO N.013: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



PESQUISA: “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: EVANILSON ALVES DUTRA

PROFESSOR ORIENTADOR: DR. TELMIR DE SOUZA SOARES

DATA: Dez./2019

ENTREVISTADA: Aluna 03

ÁUDIO: 02’27”

Professor: *De que modo você compreende na sociedade atual o que Rousseau constatou como contraste: harmonia da natureza e processo de vida social?*

Aluna 03: Na harmonia da natureza, o homem vivia com as coisas básicas, o alimento, o dormir, somente, não se preocupava; e na vida social ele precisa ter um relacionamento, ele precisa fazer as coisas pensando no bem do próximo.

Professor: *Em sua opinião, de que modo o homem interfere na natureza ao seu redor?*

Aluna 03: Na extração de caulim, no desmatamento, nas queimadas, na poluição.

Professor: *Você acha que existe interesse do homem em dominar a natureza?*

Aluno 03: Sim.

Professor: *Que interesses seriam esses?*

Aluna 03: Hum... de lucro, dinheiro.

Professor: *Existe respeito na relação homem e natureza na sociedade atual?*

Aluna 03: Sim, mas em pequena, em um pequeno percentual.

Professor: *Que fatores você apontaria que poderão ser determinantes para o esgotamento dos recursos naturais ao seu redor?*

Aluna 03: O retirar das árvores e não replantar.

Professor: *O que você compreende por sustentabilidade?*

Aluna 03: É nós tirarmos do meio ambiente mas nós repormos novamente para que as gerações futuras também possam desfrutar.

Professor: *Assim como Rousseau, você considera a natureza como um espetáculo?*

Aluna 03: Sim.

Professor: *Você dedica tempo para o contato com a natureza?*

Aluna 03: Sim.

Professora: *Você costuma caminhar à pé, fazer passeio por entre florestas, apreciar a natureza?*

Aluna 03: Sim.

Professor: *O que dizer da afirmação de Rousseau de que a natureza nos criou para a felicidade e só em meio a ela podemos ser felizes?*

Aluna 03: Eu concordo com ele porque é tão bom quando a gente está assim em um local que não tem tanto impacto humano, porque a gente fica mais tranquilo, mais leve. Até o ar é melhor.

APÊNDICE Q - TRANSCRIÇÃO N.014: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



PESQUISA: “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: EVANILSON ALVES DUTRA

PROFESSOR ORIENTADOR: DR. TELMIR DE SOUZA SOARES

DATA: Dez./2019

ENTREVISTADA: Aluna 04

ÁUDIO: 03'46”

Professor: *De que modo você compreende na sociedade atual o que Rousseau constatou como contraste: harmonia da natureza e processo de vida social?*

Aluna 04: É, eu compreendo que é difícil ter uma harmonia. É, com o processo de vida social, porque o homem não, é, a gente vê mais o, é, não vê em harmonia com a natureza, vê mais com o interesse, buscando seu interesse próprio, seu modo de sustento, e tal.

Professor: *Em sua opinião, de que modo o homem interfere na natureza ao seu redor?*

Aluna 04: Interfere com as poluições, as construções, as queimadas, é isso.

Professor: *Você acha que existe interesse do homem em dominar a natureza?*

Aluno 04: Sim.

Professor: *Que interesses seriam esses?*

Aluna 04: É, buscar seu meio de sustento através da natureza, ou seja, ele destrói a natureza, é pra construir, é, muitas coisas que poderiam tá sendo vista, visitada, e ele destrói por interesses próprios.

Professor: *Existe respeito na relação homem e natureza na sociedade atual?*

Aluna 04: Não, não está existindo respeito.

Professor: *Que fatores você apontaria que poderão ser determinantes para o esgotamento dos recursos naturais ao seu redor?*

Aluna 04: É, sempre irão existir recursos, né? Mas se continuar do jeito que está, o homem destruindo tudo, acho que vai acabar, né? Não vai ter mais como ele construir do jeito que ele quer, estão acabando muito com a natureza e vai acabar com tudo, não vai ter mais nem natureza para eles destruírem.

Professor: *O que você compreende por sustentabilidade?*

Aluna 04: Acho que é um meio de ajudar a natureza sem agredi-la e pensando também nas gerações futuras.

Professor: *Assim como Rousseau, você considera a natureza como um espetáculo?*

Aluna 04: sim.

Professor: *Você dedica tempo para o contato com a natureza?*

Aluna 04: Sim.

Professora: *Você costuma caminhar à pé, fazer passeio por entre florestas, apreciar a natureza?*

Aluna 04: Sim. Faço sim.

Professor: *O que dizer da afirmação de Rousseau de que a natureza nos criou para a felicidade e só em meio a ela podemos ser felizes?*

Aluna 04: É, que realmente quando a gente tá na natureza a gente fica feliz, fica apreciando a beleza, né? E é uma paz que traz, é muito, muito feliz mesmo apreciar a natureza.

APÊNDICE R - TRANSCRIÇÃO N.015: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



PESQUISA: “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: EVANILSON ALVES DUTRA

PROFESSOR ORIENTADOR: DR. TELMIR DE SOUZA SOARES

DATA: Dez./2019

ENTREVISTADA: Aluna 05

ÁUDIO: 02'09”

Professor: *De que modo você compreende na sociedade atual o que Rousseau constatou como contraste: harmonia da natureza e processo de vida social?*

Aluna 05: A vida em sociedade é, modificou o homem. O homem agora é mais preocupações, mais problemas, se preocupa muito com coisas banais.

Professor: *Em sua opinião, de que modo o homem interfere na natureza ao seu redor?*

Aluna 05: Desmata, polui, é, fazem coisas para acabar mesmo.

Professor: *Você acha que existe interesse do homem em dominar a natureza?*

Aluno 05: Sim.

Professor: *Que interesses seriam esses?*

Aluna 05: Interesses financeiros, monetários, pra, é, vender, essas coisas...

Professor: *Existe respeito na relação homem e natureza na sociedade atual?*

Aluna 05: Não.

Professor: *Que fatores você apontaria que poderão ser determinantes para o esgotamento dos recursos naturais ao seu redor?*

Aluna 05: O desmatamento sem o reflorestamento.

Professor: *O que você compreende por sustentabilidade?*

Aluna 05: Cuidar, cuidar para as gerações futuras.

Professor: *Assim como Rousseau, você considera a natureza como um espetáculo?*

Aluna 05: Sim.

Professor: *Você dedica tempo para o contato com a natureza?*

Aluna 05: Não tanto quanto deveria.

Professora: *Você costuma caminhar à pé, fazer passeio por entre florestas, apreciar a natureza?*

Aluna 05: Não, só quando estou em sítios.

Professor: *O que dizer da afirmação de Rousseau de que a natureza nos criou para a felicidade e só em meio a ela podemos ser felizes?*

Aluna 05: Porque nas cidades, na vida urbana, tudo é só problema, só confusão, é um caos.

APÊNDICE S - TRANSCRIÇÃO N.016: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



PESQUISA: “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: EVANILSON ALVES DUTRA

PROFESSOR ORIENTADOR: DR. TELMIR DE SOUZA SOARES

DATA: Dez./2019

ENTREVISTADA: Aluna 06

ÁUDIO: 03'46”

Professor: *De que modo você compreende na sociedade atual o que Rousseau constatou como contraste: harmonia da natureza e processo de vida social?*

Aluna 06: Compreendo que na harmonia da natureza o homem tenta preservar ao máximo possível e no processo de vida social eles pensam mais em construção, esse tipo de coisa.

Professor: *Em sua opinião, de que modo o homem interfere na natureza ao seu redor?*

Aluna 06: Com mineração, tem poluição no ar e tudo. O ar fica diferente e eles não repõem o que retiram.

Professor: *Você acha que existe interesse do homem em dominar a natureza?*

Aluno 06: Sim.

Professor: *Que interesses seriam esses?*

Aluna 06: As riquezas da natureza.

Professor: *Existe respeito na relação homem e natureza na sociedade atual?*

Aluna 06: Não.

Professor: *Que fatores você apontaria que poderão ser determinantes para o esgotamento dos recursos naturais ao seu redor?*

Aluna 06: A poluição, o desmatamento. Tudo isso.

Professor: *O que você compreende por sustentabilidade?*

Aluna 06: O sustento do homem que tem em tentar preservar a natureza e não destruir os bens que ela tem.

Professor: *Assim como Rousseau, você considera a natureza como um espetáculo?*

Aluna 06: Sim.

Professor: *Você dedica tempo para o contato com a natureza?*

Aluna 06: Sim.

Professora: *Você costuma caminhar à pé, fazer passeio por entre florestas, apreciar a natureza?*

Aluna 06: Aham. Sim.

Professor: *O que dizer da afirmação de Rousseau de que a natureza nos criou para a felicidade e só em meio a ela podemos ser felizes?*

Aluna 06: Porque eu acho que, assim, a natureza é uma coisa espetacular, uma coisa muito bonita que... Em algum momento você pode estar se sentindo mal e ao chegar lá você sente aquela paz, o ar, os pássaros cantando, uma coisa muito bonita. E que traz bem para você e que, sei lá, você relaxa a mente e tal.

APÊNDICE T - TRANSCRIÇÃO N.017: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



PESQUISA: “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: EVANILSON ALVES DUTRA

PROFESSOR ORIENTADOR: DR. TELMIR DE SOUZA SOARES

DATA: Dez./2019

ENTREVISTADO: Aluno 07

ÁUDIO: 06'20”

Professor: *De que modo você compreende na sociedade atual o que Rousseau constatou como contraste: harmonia da natureza e processo de vida social?*

Aluno 07: Bem, a harmonia da natureza no que Rosseau dizia era quando, mais ou menos, quando vivíamos no passado onde nossas necessidades eram apenas se alimentar, reproduzir, e apenas isso, sobreviver, o homem tinha tudo o que era necessário para sobreviver, mas, ao ele deixar este processo, este tipo de vida para interagir socialmente, ele de fato veio a criar novos problemas que vieram tornar ele um ser totalmente diferente do que era antes, ao deixar várias virtudes que tinha e ganhar novas dificuldades para ele que ele faz o possível para que elas sejam supridas.

Professor: *Em sua opinião, de que modo o homem interfere na natureza ao seu redor?*

Aluno 07: Bem, infelizmente a relação em que temos em nossa região local, o homem infelizmente não preserva a natureza como devia ser preservada, muito pelo contrário, o homem desgasta cada vez mais a natureza, seja com o desmatamento, ou jogando lixo nela, caçando animais, desta forma.

Professor: *Você acha que existe interesse do homem em dominar a natureza?*

Aluno 07: Sim.

Professor: *Que interesses seriam esses?*

Aluno 07: Pois se dependesse do homem eu creio que nem natureza a gente teria mais, porque a maioria dos homens tem um ego enorme que busca cada vez mais e mais riqueza, não importa se aquilo ali um dia irá acabar ou a falta que vai fazer para quem realmente depende daquilo e não só por interesse.

Professor: *Existe respeito na relação homem e natureza na sociedade atual?*

Aluno 07: De existir existe, mas é muito pouco comparado ao desrespeito que tem.

Professor: *Que fatores você apontaria que poderão ser determinantes para o esgotamento dos recursos naturais ao seu redor?*

Aluno 07: Bem, eu creio que, ah..., a extração extrema de minério de ferro, é..., a extração extrema da madeira local, esses são os fatores que tem mais perigo de causar o esgotamento em nossa região.

Professor: *O que você compreende por sustentabilidade?*

Aluno 07: Sustentabilidade para mim é uma forma de você tirar recursos da natureza de uma maneira sustentável, já que, eu estou retirando minério de ferro de algum lugar, depois que naquela região não tiver mais o que eu tirar, bastava eu, ao menos, cobrir aquela região de onde eu tirei o minério e plantar árvores naquela região para que a vida pudesse voltar ali para amenizar o estrago que foi feito.

Professor: *Assim como Rousseau, você considera a natureza como um espetáculo?*

Aluno 07: Sim, a natureza é algo belo, né? Não me vem palavras para decifrar a natureza, é algo magnífico. Seja pelas espécies de árvores, de animais, o conjunto de tudo isso que torna a natureza uma das maiores belezas que temos.

Professor: Você dedica tempo para o contato com a natureza?

Aluno 07: Bem, dificilmente eu vou a lugares onde realmente contém natureza, pois eu não saio muito de casa, mas de vez em quando eu saio por aí para dar uma volta, para olhar ao redor de casa, de manhã, de manhã.

Professora: *Você costuma caminhar à pé, fazer passeio por entre florestas, apreciar a natureza?*

Aluno 07: Sim, ao menos uma ou duas vezes na semana eu costumo colocar os tênis e sair por aí andando, caminhando pelas florestas, pois antigamente eu tinha bastante contato com a natureza, eu andava bastante pelas matas, e sempre é bom a gente dar uma volta e recordar os momentos que a gente viveu ali e ver como ela está hoje.

Professor: *O que dizer da afirmação de Rousseau de que a natureza nos criou para a felicidade e só em meio a ela podemos ser felizes?*

Aluno 07: Bem, eu creio que Rosseau disse isso pela enorme paixão que ele tinha pela natureza, já que os demais indivíduos que tinham na cidade, em todas as cidades daquela época não davam tanta atenção à natureza. E, de fato, Rosseau se apaixonou perdidamente pela natureza e abriu os olhos para diversas pessoas para mostrar o quão belo a natureza é e deve ser preservada. A natureza para uns é de fato uma felicidade enorme, tê-la, cuidá-la. Mas, para outras pessoas, a natureza é uma fonte de riqueza que pode ser extraída apenas.

APÊNDICE U - TRANSCRIÇÃO N.018: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



PESQUISA: “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: EVANILSON ALVES DUTRA

PROFESSOR ORIENTADOR: DR. TELMIR DE SOUZA SOARES

DATA: Dez./2019

ENTREVISTADA: Aluna 08

ÁUDIO: 02'31”

Professor: *De que modo você compreende na sociedade atual o que Rousseau constatou como contraste: harmonia da natureza e processo de vida social?*

Aluna 08: *(Preferiu não responder a essa questão).*

Professor: *Em sua opinião, de que modo o homem interfere na natureza ao seu redor?*

Aluna 08: Prejudicando a natureza, o que tem de bonito ele destrói pra construir coisas que talvez não sejam tão necessárias.

Professor: *Você acha que existe interesse do homem em dominar a natureza?*

Aluna 08: Sim.

Professor: *Que interesses seriam esses?*

Aluna 08: Como eu disse, em destruir as árvores pra usar as coisas pra construir outras coisas no lugar.

Professor: *Existe respeito na relação homem e natureza na sociedade atual?*

Aluna 08: Não.

Professor: *Que fatores você apontaria que poderão ser determinantes para o esgotamento dos recursos naturais ao seu redor?*

Aluna 08: Eu acho que cada um colocar na consciência que o que eles fazem na natureza é errado, e não praticar mais o que eles fazem. É, parar de destruir as coisas, as plantas, cuidar melhor.

Professor: *O que você compreende por sustentabilidade?*

Aluna 08: *(Preferiu não responder a essa questão).*

Professor: *Assim como Rousseau, você considera a natureza como um espetáculo?*

Aluna 08: Sim.

Professor: *Você dedica tempo para o contato com a natureza?*

Aluna 08: Sim, de vez em quando.

Professora: *Você costuma caminhar à pé, fazer passeio por entre florestas, apreciar a natureza?*

Aluna 08: Sim.

Professor: *O que dizer da afirmação de Rousseau de que a natureza nos criou para a felicidade e só em meio a ela podemos ser felizes?*

Aluna 08: acho que sim.

APÊNDICE V - TRANSCRIÇÃO N.019: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



PESQUISA: “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: EVANILSON ALVES DUTRA

PROFESSOR ORIENTADOR: DR. TELMIR DE SOUZA SOARES

DATA: Dez./2019

ENTREVISTADA: Aluna 09

ÁUDIO: 03'22"

Professor: *De que modo você compreende na sociedade atual o que Rousseau constatou como contraste: harmonia da natureza e processo de vida social?*

Aluna 09: *(Preferiu não responder a essa questão).*

Professor: *Em sua opinião, de que modo o homem interfere na natureza ao seu redor?*

Aluna 09: Ele interfere quando faz desmatamento, quando faz fins lucrativos, e é isso.

Professor: *Você acha que existe interesse do homem em dominar a natureza?*

Aluna 09: Existe em alguns, alguns homens que faz com que, existe o interesse nesses homens que faz com que queira dominar a natureza.

Professor: *Que interesses seriam esses?*

Aluna 09: Ganhos lucrativos.

Professor: *Existe respeito na relação homem e natureza na sociedade atual?*

Aluna 09: Não. Muita, é, existe, só que alguns que respeitam a natureza. De um modo geral, não.

Professor: *Que fatores você apontaria que poderão ser determinantes para o esgotamento dos recursos naturais ao seu redor?*

Aluna 09: Quando ele não cuida, quando ele faz de tudo pra queimar árvores, faz de tudo pra derrubar árvores.

Professor: *O que você compreende por sustentabilidade?*

Aluna 09: Bom, se a gente sustentar hoje em dia, tipo, agora, será bem melhor para o futuro.

Professor: *Assim como Rousseau, você considera a natureza como um espetáculo?*

Aluna 09: Sim.

Professor: *Você dedica tempo para o contato com a natureza?*

Aluna 09: Sim.

Professora: *Você costuma caminhar à pé, fazer passeio por entre florestas, apreciar a natureza?*

Aluna 09: Sim, eu saio pra, de moto com meus amigos, lá para os sítios porque a gente gosta de ouvir os passarinhos cantando, gosta de ouvir o barulho das árvores, essas coisas assim...

Professor: *O que dizer da afirmação de Rousseau de que a natureza nos criou para a felicidade e só em meio a ela podemos ser felizes?*

Aluna 09: Eu acho que a natureza, ela faz com que a gente seja mais feliz por isso que ele falou que a felicidade só quem está em meio a ela é que pode ser feliz. Eu acho que é por causa da natureza mesmo. Acho que podemos sim afirmar isso, que a natureza traz felicidade, essas coisas.

APÊNDICE W - TRANSCRIÇÃO N.020: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



PESQUISA: “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: EVANILSON ALVES DUTRA

PROFESSOR ORIENTADOR: DR. TELMIR DE SOUZA SOARES

DATA: Dez./2019

ENTREVISTADA: Aluna 10

ÁUDIO: 04'24”

Professor: *De que modo você compreende na sociedade atual o que Rousseau constatou como contraste: harmonia da natureza e processo de vida social?*

Aluna 10: Bom, a harmonia da natureza é o que ele chama de estado natural, né? Então, era quando ele tinha necessidades que só a natureza podia oferecer a ele o que ele necessitava, né? Ele subia nas árvores para comer os frutos que comiam, e assim ia, pegava água do rio, dormia e acordava no outro dia para fazer o mesmo e o processo de vida social já é na idade moderna, né, que é quando ele cria possibilidades e constrói casas, prédios e, né?, só até impactos ambientais também.

Professor: *Em sua opinião, de que modo o homem interfere na natureza ao seu redor?*

Aluna 10: Bom, na minha região tem a extração do caulim que é o que causa um baita impacto ambiental. Também tem, é, o desmatamento porque arrancam as árvores para poder construir casas, prédios, e é isso.

Professor: *Você acha que existe interesse do homem em dominar a natureza?*

Aluna 10: Sim, até porque a natureza é repleta de riquezas, né? E o homem é repleto de interesses.

Professor: *Que interesses seriam esses?*

Aluna 10: Hum, dinheiro, né? O capital que a natureza pode fornecer a ele e, é isso.

Professor: *Existe respeito na relação homem e natureza na sociedade atual?*

Aluna 10: Hurum, existe sim. Até porque o mundo é dividido em 50% das pessoas que respeitam e 50% das pessoas que não respeitam, né? A gente pode ver até pelos casos atuais de desmatamento com o meio ambiente, né? O derramamento do óleo que teve nas praias e o desmatamento da Amazônia.

Professor: *Que fatores você apontaria que poderão ser determinantes para o esgotamento dos recursos naturais ao seu redor?*

Aluna 10: O desmatamento, né?

Professor: *O que você compreende por sustentabilidade?*

Aluna 10: Bom, sustentabilidade é você procurar viver de uma forma que não prejudique a natureza, é como a gente tem a energia eólica, a energia solar, que é uma forma de fornecer bem estar a gente sem prejudicar a natureza.

Professor: Assim como Rousseau, você considera a natureza como um espetáculo?

Aluna 10: Hurum, sim.

Professor: Você dedica tempo para o contato com a natureza?

Aluna 10: Às vezes sim, às vezes não.

Professora: Você costuma caminhar à pé, fazer passeio por entre florestas, apreciar a natureza?

Aluna 10: Sim.

Professor: O que dizer da afirmação de Rousseau de que a natureza nos criou para a felicidade e só em meio a ela podemos ser felizes?

Aluna 10: Eu concordo plenamente com ele porque a natureza, né?, só ela é que pode nos dá a vida até porque da natureza viemos e para ela voltamos. Sem ela não vivemos.

ANEXOS

ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

UERN - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO GRANDE DO
NORTE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CONSTRUÇÃO DE UMA PRÁTICA DE CUIDADO COM O MEIO AMBIENTE A PARTIR DO PENSAMENTO ROUSSEAUÍSTA

Pesquisador: EVANILSON ALVES DUTRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 09989719.2.0000.5294

Instituição Proponente: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.234.432

Apresentação do Projeto:

A proposta seta pesquisa é destacar possibilidades de análises da questão ambiental que poderão ser feitas no espaço da aula de Filosofia do 2º ano A (matutino) da Escola Estadual Professora Isabel Ferreira, partindo do pensamento filosófico de J.-J. Rousseau, dedicando especial ênfase à sua concepção de homem, natureza e sociedade expressa em suas principais obras de modo a pensar alternativas de minimização das consequências destrutivas que as ações do homem estão causando na realidade local. Tem como objetivo desenvolver cuidado com o meio ambiente no espaço da aula de Filosofia a partir das reflexões rousseauistas partindo da proximidade homem e natureza recorrente em seus textos filosóficos no intuito de pensar alternativas de minimização das consequências destrutivas que as ações do homem estão causando nos recursos naturais vivenciados pelo aluno na sociedade atual. Para tanto, a proposta se dará através da abordagem de estudo de caso de um contexto contemporâneo da vida real, a saber, de uma comunidade na qual a principal atividade econômica caracteriza-se pelo exercício exploratório que leva a um considerável impacto ambiental. Será utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário e dois roteiros de entrevista.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Desenvolver cuidado com o meio ambiente no espaço da aula de Filosofia a partir das reflexões

Endereço: Avenida Professor Antônio Campos, s/nº, BR 110, km 48 - Campus Central - UERN
Bairro: Presidente Costa e Silva **CEP:** 59.010-000
UF: RN **Município:** MOSSORÓ
Telefone: (84)3312-7032 **E-mail:** cep@uem.br

UERN - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE



Continuação do Projeto: 3.224.432

rousseauístas partindo da proximidade homem e natureza recorrente em seus textos filosóficos no intuito de pensar alternativas de minimização das consequências destrutivas que as ações do homem estão causando nos recursos naturais vivenciados pelo aluno na sociedade atual.

Objetivo Secundário:

- Analisar no espaço da aula de Filosofia o conceito de natureza nos principais textos de Jean-Jacques Rousseau no intuito de destacar como o autor escolhido, apontando a natureza mesma enquanto conceito filosófico estruturante, nos deixa transparecer uma visão de Filosofia;
- Discutir a relação de proximidade existente entre homem e natureza preconizada nos principais textos de Rousseau na intenção de intermediar análise filosófica da mesma a partir dos problemas ambientais que se dão na comunidade de Equador-RN;
- Refletir fatores determinantes no que se refere ao esgotamento dos elementos da natureza como resultado das escolhas estabelecidas pelo homem na busca por novos artifícios no intuito de fomentar práticas de sustentabilidade que garantirão a existência da própria natureza;
- Debater com alunos do Ensino Médio nas aulas de Filosofia acerca da compreensão de natureza que se tem na atualidade no intuito de contextualizar as práticas do homem contemporâneo influenciado pelos ideais de progresso a todo custo traduzidos numa vontade de dominação da própria natureza em busca de poder econômico;
- Definir estratégias que possibilitem reflexões no âmbito da educação ambiental nas aulas de Filosofia no Ensino Médio por meio de textos de J.-J. Rousseau que sejam significativas para a construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Eventuais constrangimentos com as perguntas e publicidades dos dados pessoais: serão minimizados por meio da garantia do total sigilo dos dados e da liberdade de desistir da pesquisa a qualquer momento ou de não responder a qualquer pergunta, sem prejuízo de qualquer ordem.

Benefícios:

Como benefícios da pesquisa teremos a possibilidade de reflexão para alunos integrantes de uma comunidade que utiliza a exploração das riquezas minerais para fins econômicos a respeito do modo utilitarista adotado na realidade local e perceberão que tais atividades favorecerão, por um lado, renda para a sustentabilidade de diversas famílias e, por outro, proporcionarão a degradação ambiental pelas atividades que conduzem a uma exacerbação dos recursos naturais levando-os ao

Endereço: Avenida Professor Antônio Campos, s/nº, BR-110, km 48 - Campus Central - UERN
Bairro: Presidente Costa e Silva **CEP:** 59.610-000
UF: RN **Município:** MOSSORÓ
Telefone: (84)33112-7032 **E-mail:** cep@uern.br

UERN - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE



Continuação do Parecer: 3.234.432

esgotamento. A partir disso, evidentemente, constatarão que se faz necessária instauração de um novo modo de relação desse homem com a natureza no intuito de pensar alternativas de minimização das consequências destrutivas que as ações do homem estão causando nos recursos naturais ao seu redor. Além disso, julgamos que será oportunizado também aos alunos envolvidos na pesquisa estudo aprofundado a partir das principais obras de um dos grandes nomes do pensamento moderno, Jean-Jacques Rousseau, e comprovarão que o tema da natureza assume grande importância em seus diversos escritos - quipá o de maior difusão e assiduidade em suas obras - e suscita discussões referentes

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto não apresenta óbice ético.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1308863.pdf	19/03/2019 19:22:47		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Evanilson_Dutra.pdf	19/03/2019 19:10:31	EVANILSON ALVES DUTRA	Aceito
Brochura Pesquisa	Projeto_de_Evanilson_Dutra.pdf	19/03/2019 19:08:28	EVANILSON ALVES DUTRA	Aceito
Outros	Entrevista_semiestruturada_2.pdf	19/03/2019 19:06:47	EVANILSON ALVES DUTRA	Aceito
Outros	Entrevista_semiestruturada_1.pdf	19/03/2019 18:03:16	EVANILSON ALVES DUTRA	Aceito
Outros	Questionario_socioeconomico.pdf	19/03/2019 18:02:23	EVANILSON ALVES DUTRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	18/03/2019 18:16:13	EVANILSON ALVES DUTRA	Aceito

Endereço: Avenida Professor Antônio Campos, s/nº, BR 110, km 48 - Campus Central - UERN
Bairro: Presidente Costa e Silva CEP: 59.610-000
UF: RN Município: MOSSORO
Telefone: (84)3312-7032 E-mail: cep@uem.br

**UERN - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO GRANDE DO
NORTE**



Continuação do Parecer: 3.234.432

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_pais_de_alunos_menores_de_idade.pdf	18/03/2019 18:15:32	EVANILSON ALVES DUTRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_alunos_maiores_de_idade.pdf	18/03/2019 18:14:56	EVANILSON ALVES DUTRA	Aceito
Outros	Carta_de_anuencia.pdf	18/03/2019 17:02:41	EVANILSON ALVES DUTRA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_De_Pesquisador.pdf	18/03/2019 16:58:23	EVANILSON ALVES DUTRA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_De_Rosto.pdf	18/03/2019 16:37:13	EVANILSON ALVES DUTRA	Aceito
Cronograma	Cronograma_Pesquisa.pdf	18/03/2019 16:29:59	EVANILSON ALVES DUTRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

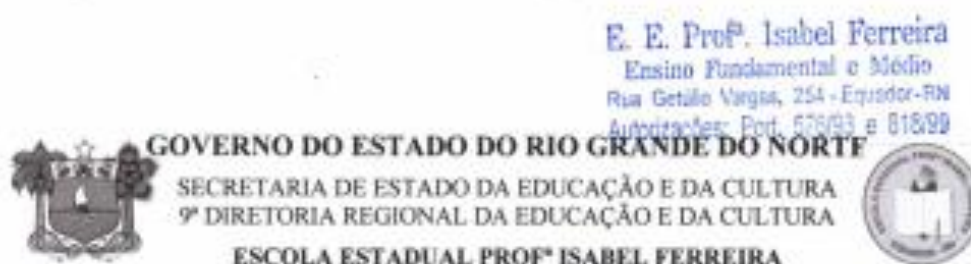
Não

MOSSORO, 30 de Março de 2019

Assinado por:
Pablo de Castro Santos
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Professor Antônio Campos, s/nº, BR 110, km 48 - Campus Central - UERN
Bairro: Presidente Costa e Silva **CEP:** 59.610-000
UF: RN **Município:** MOSSORO
Telefone: (84)3312-7032 **E-mail:** cep@uern.br

ANEXO B – CARTA DE ANUÊNCIA



CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, Januncio Balduino Diniz, CPF N° 324.481.714-91, representante legal da Escola Estadual de Ensino Médio Professora Isabel Ferreira, localizada na Rua Getúlio Vargas, n° 254, Centro, município de Equador/RN, venho através deste documento conceder a anuência para a realização da pesquisa intitulada: "Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauista" vinculado ao Curso de Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, coordenado pelo mestrando e Prof. de Filosofia da Escola Estadual Profa. Isabel Ferreira, Evanilson Alves Dutra, e sob a orientação do Prof. Dr. Telmir de Souza Soares, a ser realizada nas dependências da Escola Estadual Professora Isabel Ferreira, em Equador/RN. Declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução 466/12 e suas complementares. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades, como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu cumprimento no resguardo da segurança e bem-estar dos (das) participantes da pesquisa nela recrutados (as), dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem estar. Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão usados nesta pesquisa, concordo em fornecer todos os subsídios para seu desenvolvimento, desde que seja assegurado o que segue abaixo: 1) O cumprimento das determinações éticas da Resolução 466/12 CNS/MS; 2) A garantia do (a) participante em solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa; 3) Liberdade do (a) participante de retirar a anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalidade ou prejuízos. Antes de iniciar a coleta de dados o pesquisador deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Equador - RN, 07/03/2019.

Januncio Balduino Diniz
 Diretor
 Mat. 104.917-8

Januncio Balduino Diniz
 Mat. 104.917-8 AUT. 100/19
 DIRETOR

ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
Para alunos maiores de idade

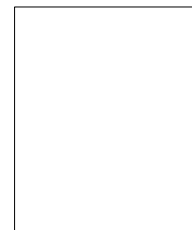
Esclarecimentos

Este é um convite para você participar do “**Projeto de intervenção prática da pesquisa ‘Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta’**”, vinculado ao Curso de Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, coordenado pelo mestrando e Professor de Filosofia da Escola Estadual Professora Isabel Ferreira, Evanilson Alves Dutra, e sob a orientação do Professor Dr. Telmir de Souza Soares. **Sua participação é voluntária**, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Essa pesquisa procura promover um diagnóstico sobre a relação homem e natureza na sociedade atual a partir da elaboração filosófica de Jean Jacques Rousseau de modo que possamos construir cuidado com o meio ambiente no intuito de pensar alternativas de minimização das consequências destrutivas que as ações do homem estão causando nos recursos naturais do planeta. Essa pesquisa tem por objetivo geral: Desenvolver cuidado com o meio ambiente no espaço da aula de Filosofia a partir das reflexões rousseauístas partindo da proximidade homem e natureza recorrente em seus textos filosóficos no intuito de pensar alternativas de minimização das consequências destrutivas que as ações do homem estão causando nos recursos naturais vivenciados pelo aluno na sociedade atual. Quanto aos objetivos específicos: Analisar no espaço da aula de Filosofia o conceito de natureza nos principais textos de Jean-Jacques Rousseau no intuito de destacar como o autor escolhido, apontando a natureza mesma enquanto conceito filosófico estruturante, nos deixa transparecer uma visão de Filosofia; Discutir a relação de proximidade existente entre homem e natureza preconizada nos principais textos de Rousseau na intenção de intermediar análise filosófica da mesma a partir dos problemas ambientais que se dão na comunidade de Equador/RN; Refletir fatores determinantes no que se refere ao esgotamento dos elementos da natureza como resultado das escolhas estabelecidas pelo homem na busca por novos artifícios no intuito de fomentar práticas de sustentabilidade que garantirão a existência da própria natureza; Debater com alunos do Ensino Médio nas aulas de Filosofia acerca da compreensão de natureza que se tem na atualidade no intuito de contextualizar as práticas do homem contemporâneo influenciado pelos ideais de progresso a todo custo traduzidos numa vontade de dominação da própria natureza em busca de poder econômico; Definir estratégias que possibilitem reflexões no âmbito da educação ambiental nas aulas de Filosofia no Ensino Médio

por meio de textos de J.-J. Rousseau que sejam significativas para a construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente. Caso decida aceitar o convite, você responderá a questionário socioeconômico e entrevistas semiestruturadas sobre a relação homem e natureza na sociedade atual e o que pode ser feito, em sua opinião, como sugestão de atividades para desenvolver preocupação de cuidado com o meio ambiente. Estas questões terão por objetivo o levantamento de dados que venham a contribuir para a reflexão homem e natureza na sociedade atual e para a estruturação de estudo de caso a partir da realidade local de Equador/RN. Todas as entrevistas serão gravadas em áudio. As gravações serão ouvidas por mim e serão marcadas com um número de identificação durante a gravação e o seu (sua) nome não será utilizado. Em seguida os áudios serão gravados em CD (uma única cópia) e as entrevistas serão transcritas, usadas na pesquisa e arquivadas. Todo o material da pesquisa será arquivado por um período mínimo de cinco (5) anos em pasta destinada a esse fim e guardada em armário com tranca na Secretaria da Escola Estadual Professora Isabel Ferreira, em Equador, sendo que as chaves ficarão aos cuidados da Direção da referida Escola. Você terá direito à indenização e ressarcimento (sob a responsabilidade do pesquisador responsável), por eventuais danos ou gastos decorrentes da pesquisa, que implicará em riscos mínimos, qual seja o constrangimento no momento de resposta ao questionário ou a entrevista e publicidade de dados sigilosos. Os riscos da pesquisa serão minimizados por meio da garantia do total sigilo dos dados e da liberdade de desistir da pesquisa a qualquer momento ou de não responder a qualquer pergunta, sem prejuízo de qualquer ordem. Como benefícios da pesquisa constarão do estudo aprofundado do autor de Genebra, J.-J. Rousseau, do aprofundamento sobre questões fundamentais em seu pensamento filosófico e de momentos para esclarecimento sobre a relação homem e natureza na sociedade atual a partir de sua própria realidade. Ressaltamos que todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão armazenados em local seguro (secretaria da Escola), sob a forma impressa e em CD (uma única cópia) com os áudios, a serem acondicionados em pastas adequadas e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários. Você ficará com uma cópia deste Termo e toda a dúvida que tiver a respeito desta pesquisa poderá perguntar diretamente ao professor Evanilson Alves Dutra, domiciliado à Rua Ademir Soares, 120, Bairro Dinarte Mariz, Equador/RN, CEP: 59355-000 ou pelo telefone (84) 98880-8896. Dúvidas a respeito da ética dessa pesquisa poderão ser questionadas ao Comitê de Ética em Pesquisa da UERN, no endereço: Av. Rio Branco, 725, Bairro Paraíba, Caicó-RN, ou pelo telefone: (84) 3421-6513. Consentimento Livre e Esclarecido Estou de acordo com a minha participação no projeto “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta” descrito acima. Fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetido e dos possíveis riscos que possam advir de tal participação. Foram-me garantidos esclarecimentos que possa vir a solicitar durante o curso da pesquisa e o meu direito de desistir da mesma em qualquer momento, sem que minha desistência implique em qualquer prejuízo a minha pessoa ou de minha família. A minha participação na pesquisa não implicará em custos ou prejuízos adicionais, sejam esses custos ou prejuízos de caráter econômico, social, psicológico ou moral. Autorizo assim a publicação dos dados da pesquisa a qual me garante o anonimato e o sigilo dos dados referentes a minha identificação. Participante da pesquisa ou responsável legal:

Nome por extenso do participante ou responsável legal

Assinatura do participante ou responsável legal



Evanilson Alves Dutra
Pesquisador Responsável

Evanilson Alves Dutra (Pesquisador responsável) - Professor da Escola Estadual Professora Isabel Ferreira e discente do Mestrado Profissional em Filosofia-PROF-FILO, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Avançado de Caicó, no endereço Av. Rio Branco, n. 725, Centro, CEP: 59300-000 – Caicó – RN. E-mail: evandutra@yahoo.com.br. Tel.(84) 98880-8896.

Dados do Prof. Orientador:

Prof. Dr. Telmir de Souza Soares (Orientador da pesquisa) – Doutor em Filosofia. Professor do Mestrado Profissional em Filosofia-PROF-FILO da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, Campus Caicó. E-mail: telmir@gmail.com. Tel.: (84) 99928-1010.

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN) Campus Universitário Central - Centro de Convivência. BR 110, KM 48 Rua: Prof. Antonio Campos, S/N, Costa e Silva. Tel: (84) 3312-7032. e-mail: cep@uern.br / CEP 59.610-090.

ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Para pais ou responsáveis de alunos menores de idade

Esclarecimentos

Este é um convite para seu (sua) filho (a) participar do “**Projeto de intervenção prática da pesquisa ‘Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta’**”, vinculado ao Curso de Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, coordenado pelo mestrando e Professor de Filosofia da Escola Estadual Professora Isabel Ferreira, Evanilson Alves Dutra, e sob a orientação do Professor Dr. Telmir de Souza Soares. **A participação de seu (sua) (a) filho (a) é voluntária**, o que significa que ele (a) poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Essa pesquisa procura promover um diagnóstico sobre a relação homem e natureza na sociedade atual a partir da elaboração filosófica de Jean Jacques Rousseau de modo que possamos construir cuidado com o meio ambiente no intuito de pensar alternativas de minimização das consequências destrutivas que as ações do homem estão causando nos recursos naturais do planeta. Essa pesquisa tem por objetivo geral: Desenvolver cuidado com o meio ambiente no espaço da aula de Filosofia a partir das reflexões rousseauístas partindo da proximidade homem e natureza recorrente em seus textos filosóficos no intuito de pensar alternativas de minimização das consequências destrutivas que as ações do homem estão causando nos recursos naturais vivenciados pelo aluno na sociedade atual. Quanto aos objetivos específicos: Analisar no espaço da aula de Filosofia o conceito de natureza nos principais textos de Jean-Jacques Rousseau no intuito de destacar como o autor escolhido, apontando a natureza mesma enquanto conceito filosófico estruturante, nos deixa transparecer uma visão de Filosofia; Discutir a relação de proximidade existente entre homem e natureza preconizada nos principais textos de Rousseau na intenção de intermediar análise filosófica da mesma a partir dos problemas ambientais que se dão na comunidade de Equador-RN; Refletir fatores determinantes no que se refere ao esgotamento dos elementos da natureza como resultado das escolhas estabelecidas pelo homem na busca por novos artifícios no intuito de fomentar práticas de sustentabilidade que garantirão a existência da própria natureza; Debater com alunos do Ensino Médio nas aulas de Filosofia acerca da compreensão de natureza que se tem na atualidade no intuito de contextualizar as práticas do homem contemporâneo influenciado pelos ideais de progresso a todo custo traduzidos numa vontade de dominação da própria natureza em busca de poder econômico; Definir estratégias que possibilitem reflexões no âmbito da educação ambiental nas aulas de Filosofia no Ensino Médio por meio de textos de J.-J. Rousseau que sejam significativas para a construção de uma prática de

cuidado com o meio ambiente. Caso decida aceitar o convite, seu (sua) filho (a) responderá questionário socioeconômico e entrevistas semiestruturadas sobre a relação homem e natureza na sociedade atual e o que pode ser feito, na opinião dele, como sugestão de atividades para desenvolver preocupação de cuidado com o meio ambiente. Estas questões terão por objetivo o levantamento de dados que venham a contribuir para a reflexão homem e natureza na sociedade atual e para a estruturação de estudo de caso a partir da realidade local de Equador/RN. Todas as entrevistas serão gravadas em áudio. As gravações serão ouvidas por mim e serão marcadas com um número de identificação durante a gravação e o nome de seu (sua) filho (a) não será utilizado. Em seguida os áudios serão gravados em CD (uma única cópia) e as entrevistas serão transcritas, usadas na pesquisa e arquivadas. Todo o material da pesquisa será arquivado por um período mínimo de cinco (5) anos em pasta destinada a esse fim e guardada em armário com tranca na Secretaria da Escola Estadual Professora Isabel Ferreira, em Equador, sendo que as chaves ficarão aos cuidados da Direção da referida Escola. Seu (sua) filho (a) terá direito à indenização e ressarcimento (sob a responsabilidade do pesquisador responsável), por eventuais danos ou gastos decorrentes da pesquisa, que implicará em riscos mínimos, qual seja o constrangimento no momento de resposta ao questionário ou a entrevista e publicidade de dados sigilosos. Os riscos da pesquisa serão minimizados por meio da garantia do total sigilo dos dados e da liberdade de desistir da pesquisa a qualquer momento ou de não responder a qualquer pergunta, sem prejuízo de qualquer ordem. Como benefícios da pesquisa constarão do estudo aprofundado do autor de Genebra, J.-J. Rousseau, do aprofundamento sobre questões fundamentais em seu pensamento filosófico e de momentos para esclarecimento sobre a relação homem e natureza na sociedade atual a partir de sua própria realidade. Os dados resultantes das entrevistas e dos demais instrumentos de coletas serão armazenados em veículo impresso na Secretaria da Escola Estadual Professora Isabel Ferreira, por um período mínimo de cinco (5) anos. Ressaltamos que todas as informações obtidas serão sigilosas e o nome de seu (sua) filho (a), não será identificado em nenhum momento. Os dados serão armazenados em local seguro (secretaria da Escola), sob a forma impressa e em CD (uma única cópia) com os áudios, a serem acondicionados em pastas adequadas e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários. Você ficará com uma cópia deste Termo e toda a dúvida que tiver a respeito desta pesquisa poderá perguntar diretamente ao professor Evanilson Alves Dutra, domiciliado à Rua Ademar Soares, 120, Bairro Dinarte Mariz, Equador/RN, CEP: 59355-000 ou pelo telefone (84) 98880-8896. Dúvidas a respeito da ética dessa pesquisa poderão ser questionadas ao Comitê de Ética em Pesquisa da UERN, no endereço: Av. Rio Branco, 725, Bairro Paraíba, Caicó-RN, ou pelo telefone: (84) 3421-6513.

Consentimento Livre e Esclarecido

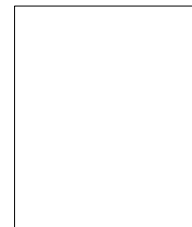
Estou de acordo com a participação de meu (minha) filho (a) no projeto “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta” descrito acima. Fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais o meu (minha) filho (a) será submetido e dos possíveis riscos que possam advir de tal participação. Foram-me garantidos esclarecimentos que possa vir a solicitar durante o curso da pesquisa e o direito de desistir da participação de meu (minha) filho (a) em qualquer momento, sem que sua desistência implique em qualquer prejuízo a ele (a), minha pessoa ou de minha

família. A participação de meu (minha) filho (a) na pesquisa não implicará em custos ou prejuízos adicionais, sejam esses custos ou prejuízos de caráter econômico, social, psicológico ou moral. Autorizo assim a publicação dos dados da pesquisa a qual me garante o anonimato e o sigilo dos dados referentes à identificação de meu (minha) filho (a). Participante da pesquisa ou responsável legal:

Nome por extenso do participante ou responsável legal

Assinatura do participante ou responsável legal

Evanilson Alves Dutra
Pesquisador Responsável



Evanilson Alves Dutra (Pesquisador responsável) - Professor da Escola Estadual Professora Isabel Ferreira e discente do Mestrado Profissional em Filosofia-PROF-FILO, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Avançado de Caicó, no endereço Av. Rio Branco, n. 725, Centro, CEP: 59300-000 – Caicó – RN. E-mail: evandutra@yahoo.com.br. Tel.(84) 98880-8896.

Dados do Prof. Orientador:

Prof. Dr. Telmir de Souza Soares (Orientador da pesquisa) – Doutor em Filosofia. Professor do Mestrado Profissional em Filosofia-PROF-FILO da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, Campus Caicó. E-mail: telmir@gmail.com. Tel.: (84) 99928-1010.

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN) Campus Universitário Central - Centro de Convivência. BR 110, KM 48 Rua: Prof. Antonio Campos, S/N, Costa e Silva. Tel: (84) 3312-7032. e-mail: cep@uern.br / CEP 59.610-090.

ANEXO E - TERMO ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA

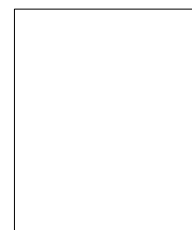
**TERMO ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Declaro que estou ciente e concordo em participar do projeto de intervenção prática da pesquisa “Construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente a partir do pensamento rousseauísta”, vinculado ao Curso de Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, coordenado pelo mestrando e Professor de Filosofia da Escola Estadual Professora Isabel Ferreira, Evanilson Alves Dutra, e sob a orientação do Professor Dr. Telmir de Souza Soares. Declaro que fui devidamente esclarecido (a) quanto ao objetivo geral: Desenvolver cuidado com o meio ambiente no espaço da aula de Filosofia a partir das reflexões rousseauístas partindo da proximidade homem e natureza recorrente em seus textos filosóficos no intuito de pensar alternativas de minimização das consequências destrutivas que as ações do homem estão causando nos recursos naturais vivenciados pelo aluno na sociedade atual. Quanto aos objetivos específicos: Analisar no espaço da aula de Filosofia o conceito de natureza nos principais textos de Jean-Jacques Rousseau no intuito de destacar como o autor escolhido, apontando a natureza mesma enquanto conceito filosófico estruturante, nos deixa transparecer uma visão de Filosofia; Discutir a relação de proximidade existente entre homem e natureza preconizada nos principais textos de Rousseau na intenção de intermediar análise filosófica da mesma a partir dos problemas ambientais que se dão na comunidade de Equador-RN; Refletir fatores determinantes no que se refere ao esgotamento dos elementos da natureza como resultado das escolhas estabelecidas pelo homem na busca por novos artifícios no intuito de fomentar práticas de sustentabilidade que garantirão a existência da própria natureza; Debater com alunos do Ensino Médio nas aulas de Filosofia acerca da compreensão de natureza que se tem na atualidade no intuito de contextualizar as práticas do homem contemporâneo influenciado pelos ideais de progresso a todo custo traduzidos numa vontade de dominação da própria natureza em busca de poder econômico; Definir estratégias que possibilitem reflexões no âmbito da educação ambiental nas aulas de Filosofia no Ensino Médio por meio de textos de J.-J. Rousseau que sejam significativas para a construção de uma prática de cuidado com o meio ambiente. Quanto aos procedimentos aos quais serei submetido: Responder a questionário socioeconômico e entrevistas semiestruturadas sobre a relação homem e natureza na sociedade atual e o que pode ser feito, em minha opinião, como sugestão de atividades para desenvolver preocupação de cuidado com o meio ambiente. Estas questões terão por objetivo o levantamento de dados que venham a contribuir para a reflexão homem e natureza na sociedade atual e para a estruturação de estudo de caso a partir da realidade local de Equador/RN. Todas as entrevistas serão gravadas em áudio. As gravações serão ouvidas pelo pesquisador responsável e serão marcadas com um número de identificação durante a gravação e meu nome não será utilizado. Em seguida os áudios serão gravados em CD (uma única cópia) e as

entrevistas serão transcritas, usadas na pesquisa e arquivadas. Todo o material da pesquisa será arquivado por um período mínimo de cinco (5) anos em pasta destinada a esse fim e guardada em armário com tranca na Secretaria da Escola Estadual Professora Isabel Ferreira, em Equador, sendo que as chaves ficarão aos cuidados da Direção da referida Escola. Terei direito à indenização e ressarcimento (sob a responsabilidade do pesquisador responsável), por eventuais danos ou gastos decorrentes da pesquisa, que implicará em riscos mínimos, qual seja o constrangimento no momento de resposta ao questionário ou às entrevistas e publicidade de dados sigilosos. Os riscos da pesquisa serão minimizados por meio da garantia do total sigilo dos dados e da liberdade de desistir da pesquisa a qualquer momento ou de não responder a qualquer pergunta, sem prejuízo de qualquer ordem. Como benefícios da pesquisa constarão do estudo aprofundado do autor de Genebra, J.-J. Rousseau, do aprofundamento sobre questões fundamentais em seu pensamento filosófico e de momentos para esclarecimento sobre a relação homem e natureza na sociedade atual a partir de sua própria realidade. Os dados resultantes do questionário socioeconômico e das entrevistas semiestruturadas serão armazenados em pasta específica na Secretaria da Escola Estadual Professora Isabel Ferreira, por um período mínimo de cinco (5) anos. Foi-me Ressaltado que todas as informações obtidas serão sigilosas e meu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão armazenados em local seguro (secretaria da Escola), sob a forma impressa, a ser acondicionados em pastas adequadas e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários. Dessa forma, concordo em participar voluntariamente da pesquisa e autorizo sua publicação. Os pesquisadores explicaram para mim e para meus pais (ou responsável legal) como a pesquisa vai ocorrer, mostraram os pontos positivos e negativos, tiraram as minhas dúvidas e me deixaram à vontade para “aceitar” ou “não aceitar” participar deste estudo. Permito que as informações que eu dei sejam publicadas em eventos ou revistas de ciências (científicas).

Equador/RN, ____/____/____

Assinatura do Aluno



Evanilson Alves Dutra
Pesquisador Responsável

Evanilson Alves Dutra (Pesquisador responsável) - Professor da Escola Estadual Professora Isabel Ferreira e discente do Mestrado Profissional em Filosofia-PROF-FILO, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Avançado de Caicó, no endereço Av. Rio Branco, n. 725, Centro, CEP: 59300-000 – Caicó – RN. E-mail: evandutra@yahoo.com.br. Tel.(84) 98880-8896.

Dados do Prof. Orientador:

Prof. Dr. Telmir de Souza Soares (Orientador da pesquisa) – Doutor em Filosofia. Professor do Mestrado Profissional em Filosofia-PROF-FILO da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, Campus Caicó. E-mail: telmir@gmail.com. Tel.: (84) 99928-1010.

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN) Campus Universitário Central - Centro de Convivência. BR 110, KM 48 Rua: Prof. Antonio Campos, S/N, Costa e Silva. Tel: (84) 3312-7032. e-mail: cep@uern.br / CEP 59.610-090.